

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

IONEIDE NEGROMONTE DE VASCONCELOS ROCHA

**A GÍRIA NA FALA DE ACADÊMICOS DA GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA DA
GRANDE DOURADOS - MS**

Campo Grande – MS
Março - 2010

IONEIDE NEGROMONTE DE VASCONCELOS ROCHA

**A GÍRIA NA FALA DE ACADÊMICOS DA GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA DA
GRANDE DOURADOS - MS**

Dissertação apresentada para obtenção do título de
Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Estudos
de Linguagens, da Universidade Federal de Mato
Grosso do Sul, sob a orientação da Profª. Drª.
Rosangela Villa da Silva
Área de Concentração: Linguística e Semiótica

Campo Grande – MS
Março - 2010

IONEIDE NEGROMONTE DE VASCONCELOS ROCHA

**A GÍRIA NA FALA DE ACADÊMICOS DA GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA DA
GRANDE DOURADOS - MS**

APROVADA POR:

**ROSANGELA VILLA DA SILVA, DOUTORA
UFMS – CÂMPUS PANTANAL**

**GERALDO VICENTE MARTINS, DOUTOR
UFMS – CAMPO GRANDE**

**DERCIR PEDRO DE OLIVEIRA, DOUTOR
UFMS – CAMPO GRANDE**

Campo Grande, MS, 18 de junho de 2010.

Dedico este trabalho a todas as pessoas que, de alguma maneira, contribuíram para a minha caminhada, que sempre estiveram presentes com palavras de apoio, com energia positiva e que compartilharam de minhas ideias e orações.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que me deu o dom da vida e me concedeu a capacidade de inteligência, coragem, paciência, persistência para que eu trilhasse esse caminho com mais suavidade. Somado a isso, Ele lançou durante a minha caminhada pessoas especiais, banhadas de bondade, de afeto e de doação que puderam me amparar nos momentos de angústia, de desespero e de desânimo.

À minha orientadora, Profa. Dra. Rosangela Villa da Silva, pelo comprometimento, confiança, demonstrando sempre conhecimento e atitude de educadora.

À Profa. Dra. Aparecida Negri Isquendo, pelo apoio, incentivo e contribuição na minha formação durante o curso. Sempre sensível as minhas necessidades. Quero manifestar meu carinho especial.

Ao meu querido esposo, Carlos Stáville Carvalho, pela cumplicidade, pelos incontáveis momentos de apoio e por partilhar comigo esta caminhada.

Ao meu filho, Carlos Augusto Stáville Negromonte, por ter suportado a minha ausência, e pela sua paciência, tão pequenino, perguntava quase todos os dias se eu havia terminado o trabalho.

À minha filha, em especial, Cláudia Vasconcelos Rocha e seu esposo Roger Franco, pela bondade das incansáveis colaborações de ambos.

A toda minha família, minha mãe, Maria das Neves Negromonte de Vasconcelos (*in memorian*), mulher guerreira, exemplo de bondade e educação. Meu pai, Ivo Lucena de Vasconcelos, um vencedor. Aos meus irmãos e irmãs de quem também sou fã.

Às colegas, Diana Pilatte e Roseli Áurea, pela incansável colaboração, apoio e incentivo.

Aos colegas do Mestrado, pelo companheirismo, pelas trocas de ideias e contribuição nas atividades coletivas em sala de aula.

Aos professores, Dra. Elza Sabino da Silva Bueno, Dr. Dercir Pedro de Oliveira e Dr. Geraldo Vicente Martins, que tiveram a disponibilidade e o cuidado de lerem meu relatório, apontaram sugestões valiosas que contribuíram para a melhoria da pesquisa.

Ao Programa de pós-graduação, em especial ao corpo docente, que plantou a semente do conhecimento e da pesquisa.

À secretaria do Programa de pós-graduação, em especial a Daniela, que orienta os passos da vida acadêmica durante todas as fases da longa caminhada.

À CAPES, pelo auxílio financeiro durante o curso, oportunizando meus estudos e a produção da pesquisa.

Aos professores da UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados - o professor e coordenador do curso de graduação em Agronomia Dr. Silvio Bueno Pereira e Dra. Paula Pinheiro Padovese Peixoto, pela receptividade e compreensão da importância da pesquisa científica.

À professora e coordenadora do curso de graduação em Agronomia da Faculdades Anhanguera, Alessandra Mayumi Tokura Alovizi pela atenção e pela sua disponibilidade.

À Professora de língua inglesa Hiroco Luiza Iwassa pela contribuição na correção de textos.

Aos meus queridos informantes, os acadêmicos de ambas IES, pela generosidade em responder aos questionários e disposição do precioso tempo dispensado à pesquisa.

Não se realiza algo sozinha. O planejamento, criação, execução e a conclusão desta pesquisa não seriam possíveis sem a relevante contribuição de inúmeras pessoas, tanto de dentro da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como de fora dela, que mesmo com um detalhe ou gesto aparentemente sem significado, colaboraram para meu entusiasmo nos momentos de desânimo ou para minha disciplina nos momentos de dificuldade. Para não cometer a falha de esquecer de alguém, gostaria de agradecer a todos que estiveram presentes durante esta caminhada.

Quanto mais vulgar for uma pessoa, tanto mais sua linguagem leva o selo da comunidade em que vive; quanto mais forte e original a sua personalidade, tanto mais peculiar e próprio será o colorido de sua linguagem.

Jespersen, Otto *Humanidad, nación, individuo*

VASCONCELOS ROCHA, Ioneide Negromonte. A gíria na fala de acadêmicos da Graduação em Agronomia da grande Dourados – MS. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

RESUMO

A presente pesquisa investigou a variação linguística, em nível lexical, utilizada por acadêmicos do curso da graduação em Agronomia da cidade de Dourados no estado de Mato Grosso do Sul. Os estudos foram embasados nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Quantitativa ou Teoria da Variação e do estudo das Ciências do Léxico, com o objetivo de identificar, por amostragem, o uso das variantes mais recorrentes na comunidade acadêmica e de descrever os fatores linguísticos e sociais que influenciam no uso da fala. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas no *locus* da pesquisa, a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e a Faculdades Anhanguera de Dourados, com questões abertas e fechadas, a 32 (trinta e dois) acadêmicos da graduação em Agronomia, das duas Instituições de Ensino Superior (IES), distribuídos em 16 (dezesesseis) estudantes de cada IES, sendo 8 (oito) homens e 8 (oito) mulheres, selecionados do 1º e 5º anos da graduação. O *cópus* utilizado compõe-se de uma amostra de 74 (setenta e quatro) palavras e fraseologias mais frequentes nas falas dos estudantes. Utilizou-se o programa GoldVarb 2001, que resultou num *cômputo* de 1205 ocorrências, cuja variável dependente foi a modalidade gíria e a modalidade padrão, culminando numa resposta de 1.146 gírias e 59 padrão. As amostras da fala do grupo acadêmico revelam aspectos da competência linguística pertencentes ao universo da gíria, cuja variante circunda por campos semânticos referentes ao mundo universitário dos acadêmicos nas diferentes séries de graduação, configurando a norma na fala do cotidiano formal ou não. Os acadêmicos informantes foram os de 1º e 5º anos, como forma de verificar a hipótese de que representam uma comunidade de comportamento linguístico peculiar, revelado pela preferência das escolhas lexicais e manutenção da língua falada, observadas desde a competência linguística dos calouros aos veteranos do curso. As palavras como *agrobói*, *armar o boteco*, *caubói*, *machorra*, *sertanejo*, *xonado* e outras confirmam o uso da norma, quando se constata o índice de frequência da palavra *chucro*, por exemplo, com índice de 93% de frequência de uso na UFGD, e 75% na Anhanguera. Motivados pela preservação do grupo, as recorrências aparecem mais no 1º ano da graduação. Os valores e comportamentos sociais da comunidade são atribuídos à norma utilizada, evidenciando que as variações linguísticas e extralinguísticas contribuem para sustentação da comunidade dos estudantes universitários de Agronomia.

Palavras-chave: gíria; miniglossário; acadêmicos de Agronomia; sociolinguística; Ioneide Negromonte de Vasconcelos Rocha.

VASCONCELOS ROCHA, Ioneide Negromonte. The slang in the academic speech of the undergraduate in Agronomy of Dourados - MS. 2010. Dissertation (Master in Studies of Languages). Federal University of Mato Grosso do Sul.

ABSTRACT

This study investigated the linguistic variation in lexical level used by students from the undergraduate degree in Agronomy course from the city of Dourados, state of Mato Grosso do Sul. The studies were based on theoretical and methodological assumptions of the Quantitative Sociolinguistics or Theory of Variation and the lexicon study science with the aim of identifying, by sampling, the use of the variants more recurrent in the academic community and describe the linguistic and social factors that influence in the use of the speech. Data collection was conducted through interviews in *locus* of the research; the Federal University of Grande Dourados (UFGD) and Anhanguera Colleges of Dourados; with open and closed questions. Thirty-two (32) academics of Agronomy of the two Higher Education Institutions (HEI) were distributed in 16 students in each college; eight (8) men and eight (8) women were selected from the first and fifth years of graduation. The *corpus* used consists of 74 samples of lexis and phraseologies more frequent in the speech of the academics. It was used the program GoldVarb 2001, which resulted in a calculation of 1205 events whose dependent variable was the slang form and standard form, culminating in a answer of 1146 slangs and 59 standard. Samples of the academic talk group reveal aspects of linguistic competence that belong to the slang universe which variants surround semantic fields related to the university world of the academics in different graduation levels, setting the standard in everyday speech formal or not. Academics informants were of the first and fifth year, as a way to verify the hypothesis that they represent a community of peculiar linguistic behavior that is revealed by the preference of the lexical choices and maintenance of the spoken language that it has been observed since the linguistic competence of freshmen to veterans of the course. Words like *agroboy*, *armar o boteco*, *cowboy*, *machorra*, *countryside*, *xonado* and other, confirm the use of standard when it is considered the frequency index of the word *chucro*, for example, with a rate of 93% frequency of use at UFGD, and 75% at Anhanguera. Motivated by the preservation group, most recurrences appear in the first year of graduation. The values and social behaviors of the community are assigned to the standard used, showing that variations linguistic and extra linguistic contribute to support community of Agronomy university students.

Keywords: Slang; Mini-glossary; Agronomy Academics; Sociolinguistics; Ioneide Negromonte de Vasconcelos Rocha.

LISTA DE FIGURAS

Lista de quadros:

Quadro 1 - Distribuição das variáveis linguísticas	63
Quadro 2 - Distribuição das variáveis extralinguísticas	64
Quadro 3 - Dados informativos dos acadêmicos entrevistados	73
Quadro 4 -Lista de abreviações utilizadas na apresentação das gírias de acadêmicos da graduação em Agronomia da Grande Dourados -MS	90
Quadro 5 - Descrição das gírias e o percentual de uso nas universidades	91
Quadro 6 - Dicionarização das gírias de acadêmicos da graduação em Agronomia da Grande Dourados – MS	128

Lista de gráficos:

Gráfico 1 - Perfil de acadêmicos da Agronomia, segundo o convívio familiar durante a graduação	74
Gráfico 2 - Perfil de acadêmicos da Agronomia, segundo a localidade de residência durante a graduação	75
Gráfico 3 - Perfil de acadêmicos da Agronomia, quanto à filiação	77
Gráfico 4 - Perfil de acadêmicos da Agronomia, quanto ao vestuário	79
Gráfico 5 - Perfil de acadêmicos da Agronomia, segundo o gênero musical	81
Gráfico 6 - Perfil de acadêmicos da Agronomia, segundo a peculiaridade na fala do grupo	83
Gráfico 7 - Distribuição das ocorrências segundo a variável dependente: gíria e padrão..	113
Gráfico 8 - Distribuição das ocorrências segundo o grau de variação semântica das palavras entre os acadêmicos	116
Gráfico 9 - Distribuição das ocorrências segundo a variável classes de palavra	119
Gráfico 10 - Distribuição das ocorrências segundo a variável sexo	121
Gráfico 11 - Distribuição das ocorrências segundo a variável idade	127

Lista de tabelas:

Tabela 1 - Amostra de ocorrência das palavras segundo a variável dependente gíria e padrão	112
Tabela 2 - Distribuição segundo o grau de variação semântica das palavras entre os acadêmicos	115
Tabela 3 - Distribuição das palavras segundo a variável relação semântica com o dicionário de língua portuguesa, tendo como regra de aplicação a variante gíria	117
Tabela 4 - Taxas de distribuição segundo a variável classes de palavra, tendo como valor de aplicação a variante gíria	118
Tabela 5 - Taxas de distribuição segundo a variável extensão da palavra, tendo como valor de aplicação a variante gíria	119
Tabela 6 - Distribuição das palavras segundo a variável sexo, tendo como valor de aplicação a variante gíria	120
Tabela 7 - Distribuição das palavras segundo a variável cidade de origem, tendo como valor de aplicação a variante gíria	122
Tabela 8 - Distribuição das palavras segundo a variável classificação da Instituição de Ensino Superior, tendo como valor de aplicação a variante gíria	123
Tabela 9 - Distribuição das palavras segundo a variável ano de graduação, tendo como valor de aplicação a variante gíria	124
Tabela 10 - Distribuição das palavras segundo a variável idade, tendo como valor de aplicação a variante gíria	126

Lista de ilustração:

Figura 1 – Visualização de acadêmicos da graduação em Agronomia da Faculdades Anhanguera de Dourados – MS	58
Figura 2 – Visualização do bloco da Faculdade de Ciências Agrárias no Câmpus II da Universidade Federal da Grande Dourados	70
Figura 3 – Visualização do bloco da Faculdades Anhanguera de Dourados	70

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A	Faculdade Anhanguera
adj.	adjetivo
adv.	advérbio
Cf.	Conforme (remissiva)
DAD	Dicionarizado com acepção diferente
CD	Durante o curso
DE	Houaiss e Villar (2010)
DG	Dicionário de Gírias
DMA	Dicionarizado com a mesma acepção
F ¹	feminino
F ²	Universidade Federal da Grande Dourados
Fraseol.	fraseologia
i.	intransitivo
IES	Instituição de Ensino Superior
INF	informante
loc. adj.	locução adjetiva
loc. adv.	locução adverbial
M	masculino
ND	Não dicionarizado
Sin.	sinônimo
s.f.	substantivo feminino
s.m.	substantivo masculino
v.	verbo
Var.	variante(s)
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	14
CAPÍTULO I – ABORDAGEM TEÓRICA	23
1 ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA ORAL NO BRASIL	23
2 A LINGUÍSTICA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS	25
2.1 O Universo da Norma-padrão: alguns conceitos	25
2.2 Gíria: uma criação lexical	28
3 FUNDAMENTOS DO ESTUDO LEXICAL	33
3.1 A lexicologia	33
3.2 A lexicografia	36
3.3 A terminologia	40
3.3.1 Dicionário, glossário, vocabulário: acepções e conceitos	43
3.3.2 Macroestrutura e Microestrutura de obras lexicográficas	46
4 AS CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA	48
CAPÍTULO II – ASPECTOS DAS METODOLOGIAS APLICADAS.....	59
1 ROTEIRO METODOLÓGICO QUANTITATIVO	59
1.1 Apresentação dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos	63
2 UM POUCO DA COLONIZAÇÃO DE DOURADOS NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL	64
3 O LOCUS DA PESQUISA: UNIVERSIDADES E SEU LINGUAJAR	66
4 O PERFIL DE ACADÊMICOS DA GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA	71
CAPÍTULO III – A GÍRIA DE ACADÊMICOS DOS CURSOS DA GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA DA GRANDE DOURADOS – MS	86
1 APRESENTAÇÃO DO CORPUS E A DESCRIÇÃO DOS DADOS	86
1.1 Critérios para a elaboração das acepções da amostra de gírias de acadêmico dos cursos da graduação em Agronomia da Grande Dourados-MS	86

1.2	Apresentação da amostra de gírias recorrentes entre acadêmicos dos cursos de graduação em Agronomia da Grande Dourados – MS	91
1.3	Descrição dos fatos linguísticos: uma proposta sociolinguística.....	111
1.3.1	Registro de dicionarização das gírias de acadêmicos dos cursos de graduação em Agronomia da grande Dourados – MS.....	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		130
REFERÊNCIAS.....		135
APÊNDICE A – Ficha de Informante		141
APÊNDICE B – Autorização do informante para divulgação de transcrição de trechos da entrevista e imagens		142
APÊNDICE C – Questionário onomasiológico: campos semânticos		143
APÊNDICE D – Questionário semasiológico		146
ANEXO A – Normas para transcrição de entrevista: adaptações do Projeto NURC/SP Dr. Pedro Caruso		148

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

A língua possui vida e passa de uma geração para outra; estrutura-se em continentes diferentes; às vezes, atravessa séculos; algumas morrem; outras evoluem, demonstrando sua vivacidade. A temática sobre a língua recai sobre os campos abstrato e amplo, já que não há uma língua unificada, e sua heterogeneidade reflete na diversidade concretizada pelo comportamento linguístico dos usuários nas falas diárias.

A comunicação é o que o indivíduo possui de necessário, não só para a sua relação com o outro e interação na sociedade, mas também para a própria subsistência no meio em que vive. A língua como é um mecanismo de comunicação representa a mais eficaz forma de relação humana. É por meio dela que se revela a cultura, os valores e a maneira de um povo compreender o mundo. Por essa razão, não se pode estudar a língua de modo isolado sem considerar o que há em sua volta, precisa-se considerar principalmente o falante numa comunidade, que faz uso da língua na comunicação cotidiana. Não se pode negar também que ela mostra vida, já que sofre relativas mudanças diárias, evolui e conseqüentemente modifica-se, mesmo se referindo aqui ao mesmo grupo de falantes e ao espaço geográfico.

Entretanto, costuma-se associar a língua à ideia de amplitude, de abstração, que se concretiza por meio da fala. Nesta pesquisa, o interesse é pela língua falada, na sua forma de expressão e interação social. Rector, (1975, p. 31) citando Borba, retrata a maneira de como se percebe a língua falada, “é a língua na sua realização auditiva mais espontânea. É expressiva, inovadora, livre, coletiva. Comporta inúmeras variantes. Sua gramática é mais ou menos indisciplinada e seu vocabulário livre”. A língua, nesse contexto, imprime a naturalidade cotidiana com que a fala se realiza.

Numa definição, Fernando Tarallo confirma a força da espontaneidade da língua falada, caracterizando-a nos diferentes ambientes e contextos de comunicação.

... a primeira tentativa de definição: a língua falada é a que nos temos referido é o veículo linguístico da comunicação usado em situações naturais de interação social, o tipo comunicação face a face. É a língua que usamos em nossos lares ao interagir com os demais membros de nossas famílias. E a língua usada nos botequins, clubes, parques, rodas de amigos; nos corredores e pátios das escolas, longe da tutela dos

professores. É a língua falada entre amigos, inimigos, amantes e apaixonados” (TARALLO, 1986, p.19).

Além dessa imagem que Tarallo retrata sobre a língua falada, ele ainda sintetiza seu pensamento revelando que “a língua falada é o vernáculo¹: a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias (o que) se a preocupação de como enunciá-lo”. A essência de vernáculo relaciona-se à língua nacional, que é próprio do lugar, país, região, sem a invasão de estrangeirismos.

Os estudos da língua falada não significam tarefa fácil, razão que levou o estruturalismo a aliviar percalços encontrados por pesquisadores e tornar as pesquisas sobre a língua mais específicas. A linguística estruturalista europeia – da escola de Coseriu – estabeleceu uma espécie de classificação com o intuito de delimitar as áreas de estudo da variação, que corresponde a subsistemas da língua. Para facilitar os campos, utilizou o prefixo *dia-*, que significa < ao longo de, através de >, determinando a seguinte forma: *diacronia*, *diatopia*, *diatratia* e *diafasia*.

Quando se trata da variação *diacrônica* refere-se às manifestações de uma língua através dos tempos. Insere-se nesse contexto variação *sincrônica*, que é o período de transição de modificação da língua²; a variação *diatópica*³ relaciona-se ao espaço geográfico, correspondem aos estudos da língua de uma comunidade no espaço regional e também social, tendo em vista que o falante pode mudar de lugar, provocando modificações em sua fala; a variação *diatrática* ou *variação social* diz respeito aos diferentes estratos⁴ socioculturais de uma mesma comunidade de falantes, em outras palavras, equivale a um grupo social que possui código de comportamento diferente dos demais e permite que os falantes, inseridos no grupo, criem uma identificação mútua. Diante desse contexto, esta pesquisa caracteriza-se como sincrônica, com enfoque na variação diatrática, uma vez que revela o comportamento linguístico e social da comunidade acadêmica do curso da graduação em Agronomia da cidade de Dourados - MS.

¹ Segundo J. Mattoso Câmara JR (1978, p. 240), VERNÁCULO – nome comumente aplicado à LÍNGUA NACIONAL (v. língua) pelos seus próprios falantes, a fim de acentuarem os aspectos característicos e distintivos em confrontos com as línguas estrangeiras, em relação ao uso literário, chama-se VERNACULARIDADE a qualidade de um escritor saber aproveitar os traços característicos e distintivos da língua nacional, mesmo os mais fugidios, de preferência a recorrer a neologismos e estrangeirismos; a vernacularidade é o dom da expressão estilística (v.) dentro do purismo (v.).

² As modificações na língua não acontecem de maneira repentina, por isso a sincronia corresponde a período de transição.

³ Origem grega *dia+kronos*, “tempos” (FERREIRA et al, 1996, 480).

⁴ O termo estratos tem origem grega *stratos* “camada, nível” (idem, 1996, 481).

Os estudos sociolinguísticos conseguem abarcar a variação diastrática ou social, “tentando estabelecer correlações entre variáveis sociais e fenômenos linguísticos” (FERREIRA et al, 1996, p.480); e a variação diafásica⁵ representa os tipos de modalidade expressiva nas falas das pessoas. A diafasia mostra-se individual, uma vez que cada falante de uma língua usa o estilo próprio da fala de acordo com a situação de comunicação. Segundo Ferreira e Cardoso (1994, p. 12), existe uma relativa homogeneidade nesses subsistemas “garantida pela soma dos traços linguísticos coincidentes”. Em função disso, apresentam unidades desses subsistemas, que são elas as unidades sintópicas - são os dialetos⁶ - como o dialeto nordestino-, as unidades sinstráticas – as de estratos sociais, como a linguagem culta-, as unidades sinfásicas - de estilo da língua, como a linguagem familiar. Essas unidades ainda podem se encontrar em vários pontos como bem observa as mesmas autoras.

... em cada **unidade sintópica**, por exemplo um **dialeto** de determinada região, pode haver ou há **diferenças diastráticas** (socioculturais) ou **diafásicas** (de estilo); em cada **unidade diastrática**, por exemplo uma linguagem culta, há **diferenças diatópicas** (regionais) e **diafásicas** (de estilo); e em cada unidade sinstrática, por exemplo, na linguagem familiar, há **diferenças diatópicas e diastráticas** (FERREIRA E CARDOSO, 1994, p.12).

Isso mostra a diversidade da língua falada, que se manifesta por meio de experiências individuais do falante, porque o modo de ser e de falar de um indivíduo relaciona-se com o seu conhecimento de mundo. Já é fato aceito que os falantes de uma língua sofrem influências de fatores externos à língua como as variações de localidade e de fatores culturais da região, o grau de instrução, a faixa etária, o meio ambiente social e familiar, a profissão, a situação da comunicação, dentre outros fatores que contribuem para o surgimento de variações no uso da língua. Essas variações podem ocorrer em termos fonéticos, morfológicos, sintáticos, semânticos e lexicais. Isso representa a heterogeneidade da língua mesmo se tratando de uma só comunidade linguística.

A língua falada, por sua vez, sofre variações relativas às situações de comunicação. Ela vive por força da variedade. Sendo um organismo vivo e em constante transformação, é natural que se instaurem diversas variedades características ao seu sistema. As mudanças na língua é uma tarefa da sincronia, que consiste em apresentá-las de modo sistemático, levando

⁵ De origem grega phasis “fala, discurso”(idem, 1996, 481).

⁶ Conforme Leite de Vasconcellos (apud, HEAD, 1994, p.295), em sua tese de doutoramento, o emprego do termo dialeto, nesse contexto, compreende a variedade da língua portuguesa falada no Brasil, como as variedades gráficas (regionais) e sociais (incluem-se fatores como o grau de instrução e o grupo ético).

em consideração a fala de um grupo social no contexto inserido, e declarar as normas de funcionamento na língua estudada.

A sociolinguística permitiu observar a diversidade da língua, por meio dos estudos de Labov, como, por exemplo, o estudo do (r) nas lojas de departamento em Nova York, que, ao investigar, constatou que o uso diferenciado do (r) mostra-se tão evidente na cidade, que diferenças sociais refletem-se “no índice do uso da variável tanto quanto as diferenças mais flagrantes” (LABOV, 2008, p. 65). Nesses termos, ele deparou-se com o “padrão de estratificação social que permeia a vida da cidade” (idem, 2008, p. 64). E entende-se por estratificação social a definição dada por Bernad Barber (1957, p.1-3, apud idem, 2008, P. 64) que é “o produto da diferenciação social e da avaliação social”. A estratificação do uso da língua na sociedade, quando utilizada por um grupo social, permite a identificação do grupo e da língua, e o respaldo de determinar suas fronteiras em relação a outros grupos. O que acontece com o uso da gíria, que se constitui como código criado por grupos com a finalidade de se tornarem abstrusos para os não iniciados.

Nesse sentido, de identificação de um grupo específico é o que se observa no comportamento comum entre os acadêmicos do curso em Agronomia da cidade de Dourados no estado de Mato Grosso do Sul. São estudantes em conjunto que, em função de padrões no comportamento linguístico e na vestimenta peculiar, resultam na própria identificação em relação não só às demais turmas de universitários e a própria sociedade. Os falantes do grupo acadêmico usam, por exemplo, nas situações de comunicação informal, palavras específicas da área científica acadêmica, cujas designações são construídas por relações metafóricas, como nos casos dos verbetes *machorra* e *rufião*. Em Houaiss e Villar (2001), há registro para *machorra* com acepção “Fêmea estéril, incapaz de procriar”; para os acadêmicos há duas acepções: a primeira como designação genérica atribuída para nomear a pessoa do sexo feminino que usa o traje característico do uso masculino: chapéu, camiseta ou camisa, calças justas jeans, bota ou botina no cotidiano; a segunda, como designação genérica usada de modo específico para nomear aquela que é acadêmica de Agronomia. A gíria *machorra* em suas acepções apresenta uma conotação de mulher pouco feminina. O outro verbebo apresentado, *rufião*, para os acadêmicos, é a designação atribuída para nomear a pessoa do sexo masculino que faz constantes tentativas para conquistar o sexo oposto, mas não consegue. Ele procura se manter com a imagem de conquistador. Em Houaiss e Villar (2001) há registros da gíria em uso na Região Sul do país como “conquistador”. São representações de gírias criadas pelos universitários a partir do conhecimento científico do curso de Agronomia, já que essas palavras aparecem na área de bovinocultura.

A gíria corresponde à variedade linguística lexical e funciona na comunicação entre pessoas do mesmo grupo ou não, isso implica o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão de comunicação entre pessoas, portanto, é individual e coletiva ao mesmo tempo. Ela pertence às línguas de especialidade, às línguas técnicas, também chamadas de variedade linguística. As pesquisas sobre línguas de especialidades destinam-se à Terminologia e à Terminografia, que possui como objeto e estudo “o conjunto de termo de um domínio e dos conceitos (ou noções) por eles designados” (BARROS, 2004, p. 34). “O termo é, portanto, uma unidade lexical com um conteúdo específico dentro de um domínio específico” (idem, 2004, p. 40). As palavras das áreas de conhecimento, que constituem termos, são produzidas pelos especialistas e o uso difundido no local de trabalho, podendo perder seu caráter hermético e se expandir na sociedade.

Diante disso, a profissão, a idade, o sexo, o grau de escolaridade, a região de origem, a mudança geográfica no interior ou fora de uma determinada comunidade linguística, tipo de interlocutor e o grau de formalidade, as intenções comunicativas, o assunto, o contexto são parâmetros essenciais quando se faz uso de fatos da língua por parte dos indivíduos. Há de se entender então a noção de nível de linguagem ou variedade linguística de acordo com a função básica de qualquer sistema: a comunicação. Cada locutor faz a sua escolha lexical, evidentemente as permitidas no sistema linguístico, as consideradas adequadas à situação de comunicação e ao contexto.

Como se vê, as motivações de grupos para o surgimento e uso de gírias em comunidades se deve às variações interna e externas à língua e preserva a imagem identitária do grupo. Inicialmente, a gíria, como língua especial, segundo Cabello (1991), pode passar por estágios e caminhar para a língua comum, deixando de ser específica de um grupo social. Ela age em “certos contextos situacionais...” passa para um segundo estágio “ao extrapolar os limites do grupo restrito”, segue para o terceiro estágio, que é o da gíria comum, quando perde o estigma da vulgaridade, mas não perde o grupo de origem, passa a pertencer “à linguagem comum” (CABELLO, 1991, p. 51). Isso se pode constatar na palavra *boia*, que segundo Nascentes (apud Houaiss, 2001), a acepção “comida, refeição”, viria da gíria militar, alusão a feijão que boia no caldo. O uso dessa gíria, com essa acepção, possui origem regional na língua informal do português de Portugal.

Nesta pesquisa, a gíria é concebida como inovação e criatividade. Como afirma Amadeu Amaral (p. 16, apud RECTOR, 1975, p. 39) “é também a linguagem nova”, que fortalece o dinamismo e a transformação da língua. O tratamento dado, nesta pesquisa, para

descrição das gírias utilizadas pelos acadêmicos é a palavra, e não a *lexia*⁷, apesar do conhecimento sobre carga ampla de significação que expressa o termo palavra e sobre os estudos do léxico que elege a divisão do termo léxico em *lexema* e *lexia*, opção de muitos linguístas como forma de delimitação dos estudos científicos. Porém, não se enxerga aqui essa amplitude, já que sempre que se referir ao uso de palavra, a leitura será a mesma de *lexia*, ou seja, a palavra no discurso.

A gíria boia faz parte do *cópus* desta pesquisa, e a amostra das palavras é apresentada, no capítulo III, página 91, com a aceção fiel da visão dos acadêmicos e a frequência de uso nas universidades. Na página 93, consta a frequência de 75% de uso de gírias pelos acadêmicos entrevistados na Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD e também 75% de uso pelos acadêmicos entrevistados na Faculdades Anhanguera de Dourados.

Por isso, o que motivou o estudo da língua oral no nível lexical dos acadêmicos de Agronomia foi perceber que o comportamento linguístico dos estudantes difere daquele praticado pela comunidade geral. Isso ocorreu desde o ano de 2006, quando trabalhava como professora no Ensino Médio da escola Mace em Dourados, pertencente ao Grupo Anhanguera. No mesmo bloco do prédio havia turmas de graduação e circulavam acadêmicos da graduação em Agronomia, que chamavam à atenção as particularidades na modalidade oral e toda leitura semiótica que pode ser desvendada, no fato de se tratarem de jovens fáceis de serem identificados por causa de seus trajes cotidianos: chapéu ou boné, camiseta polo, preferencialmente listrada, ou camisa manga longa, calças jeans justa, bota ou botina. Vale ressaltar que o uso de chapéu e a camisa de modelo manga longa são obrigatórios em situações formais; cultuam também o hábito de mascar fumo. Dessa forma, eles acabam por construir um “discurso” que reúne uma determinada imagem de identificação do sujeito.

Nesse sentido, o que se desenvolveu aqui, sob a luz dos estudos do léxico e da teoria da variação linguística, foi a investigação e a descrição das variantes lexicais utilizadas pela comunidade acadêmica do curso de Agronomia da cidade de Dourados-MS, considerando, como critério Instituições de Ensino Superior- IES - que apresentam turmas já graduadas no curso de Agronomia. Identificou-se, assim, duas IES como *locus* da pesquisa: a Universidade Federal da Grande Dourados no estado de Mato Grosso do Sul e a Faculdades Anhanguera de Dourados com essa característica. Há uma terceira universidade, o Centro Universitário da

⁷ A *lexia* é uma parte do léxico que significa a “unidade funcional significativa do discurso”, conforme Dubois (2006, p. 361).

Grande Dourados-UNIGRAN, que oferece o curso de graduação em Agronomia, porém até o ano de 2009 não havia turma graduada.

O procedimento para a seleção dos informantes das instituições foi considerar os universitários que iniciavam e aqueles que terminavam o curso, como forma de verificar a hipótese de que esse grupo configura uma comunidade de comportamento linguístico peculiar, revelado pela preferência de escolhas lexicais, resultando no uso da gíria, e se acontecem as mudanças na fala dos iniciantes do curso. Como se observará na sequência dos capítulos, as turmas de 1º ano revelam maior dinamismo e transformação da língua falada, por meio de adequação da fala, porque acabam de chegar e precisam da inserção e aceitação da comunidade já existente. Já as turmas de 5º ano mostram a permanência da comunidade, em função da manutenção das regras de comportamento linguístico e social que se verificará nos segundo e terceiro capítulos desta pesquisa.

O corpus constitui-se de uma amostragem de 74 palavras mais recorrentes extraídas de 32 entrevistas com informantes acadêmicos, considerando estudantes de 1º e 5º anos de graduação, distribuídos em 16 informantes de cada IES, sendo 8 do 1º ano e 8 do 5º ano. Em cada turma, determinou-se 4 mulheres e 4 homens. Este estudo também possibilitou, como um dos produtos esperados, a elaboração, por amostragem, de um miniglossário com as gírias e neologismos mais frequentes na fala do cotidiano dos acadêmicos.

Dessa forma, os objetivos específicos que se pretendem alcançar referem-se a:

1. Traçar o perfil social da comunidade acadêmica do curso de graduação em Agronomia, da Universidade Federal da Grande Dourados e da Faculdades Anhanguera de Dourados, no Estado de Mato Grosso do Sul, observando a correlação entre fatores sociais e estruturais que interferem na escolha de uma variante singular.

2. Elaborar uma amostra do acervo com dados da língua falada e fazer uma descrição desse corpus, focalizando-a nas variantes lexicais, além de descrever aspectos semânticos característicos da gíria dessa comunidade acadêmica, por meio de um miniglossário.

3. Apresentar uma descrição do corpus numa proposta sociolinguística, estabelecendo relações entre os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos da variante lexical utilizada pelo grupo acadêmico.

Para isso, alguns aspectos relacionados à cultura, ao espaço, ao tempo e ao meio social serão destacados por serem relevantes não só neste trabalho, mas em qualquer estudo do sistema linguístico oral, porque motivam a compreensão de comportamentos não só no aspecto lexical como de outras reações do indivíduo por circunstâncias do ambiente.

Já é fato aceito que, por diversas razões extralinguísticas, determinados grupos sociais tendem à criação de palavras ou expressões específicas e utilizam-nas como instrumento de comunicação, que se mostra concreta e de extrema importância para o grupo, motivando, assim, a evolução da língua. Quando se nota essa característica de inovação linguística em determinados grupos sociais como forma de se diferenciar da comunidade geral, muitas vezes, evidencia-se a linguagem gíria⁸.

Ao contrário do que se registram em dicionários de língua portuguesa e de linguística e gramática sobre a gíria, como Câmara JR. (1978), o Novo Aurélio (1999), de Houaiss e Villar (2001) e Dubois (2006) que a conceituam como parasitária e ligada aos grupos marginais. O comportamento linguístico que se verifica nesta pesquisa revela mudança e dinamismo na fala de um grupo pertence à classe de universitários como os acadêmicos de cursos da graduação em Agronomia da cidade de Dourados-MS, que além de se constituírem numa linguagem própria, também revelam a preocupação em mostrar que pertencem àquele grupo, ou seja, constitui-se em representação identitária grupal.

Este trabalho encontra-se estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo destina-se a uma abordagem teórica dos estudos da língua oral no Brasil, enfocando o aspecto histórico dos estudos dialetais, segundo Ferreira e Cardoso (1994), que apresenta a trajetória dos estudos da língua em uso. Estudo datado inicialmente do século XIX. Vale ressaltar nesse tópico as contribuições de Amadeu Amaral em *O Dialeto Caipira* (1982), que retrata a gíria do caipira; Ismael Coutinho (1976), com a história da língua falada no Brasil. Os estudos da lexicologia, da lexicografia baseam-se em especialistas como, por exemplo, Alves (2001, 2004, 2007), Bidermam (1981, 1993, 1998, 1999, 2001, 2004), Calvet (2002), Coseriu (1979), Faraco (2005 e 2008), Fernández (2003), Ferreira (1994), Giraldo (1980), Haensch (1982), Labov (1983, 2008), Saussure (1974); Tarallo (1986 e 1989), Vilela (1994), Welker (2004) dentre outros.

Somados, neste mesmo capítulo, aos estudos das línguas especiais, nesse caso especial a gíria, e a Teoria da Variação, com base nos pressupostos de Labov (1983, 2008), bem como Petri (2003), retoma-se Tarallo (1986 e 1989), Bortoni-Ricardo (2004), Cabello (1991), Guy (2007), Lucchesi (2004), Mollica (2003), Scherre e Naro (2003), Silva (2003), Tagliamonte (2006), Weinreich (2006) e outros igualmente importantes que fazem parte da base teórica desta pesquisa.

⁸ Segundo Dubois (2006, p.308), a gíria é um dialeto social reduzido ao léxico, de caráter parasita (na medida em que ela outra coisa não faz que desdobrar com valores afetivos diferentes, um vocabulário já existente), empregado numa determinada camada da sociedade que se põe em oposição às outras; tem por fim só ser compreendida por iniciados ou mostrar que eles pertencem a um determinado grupo.

O capítulo II corresponde aos fundamentos metodológicos utilizados para a investigação da pesquisa, seguido de um breve histórico sobre a colonização da cidade de Dourados-MS, como forma de compreender e explicar algumas características e comportamentos dos habitantes. Também fornece dados informativos sobre o *locus* da pesquisa, a Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD - e a Faculdades Anhanguera de Dourados, e a finalização deste capítulo é a presença do perfil linguístico e extralinguístico dos acadêmicos do curso de graduação em Agronomia do município.

O capítulo III foi destinado à descrição dos fatos do ponto de vista sociolinguístico e lexical do uso das gírias. Inicialmente, registra-se a amostra do conjunto lexical das gírias, com as acepções na visão dos acadêmicos, coletado nas entrevistas e distribuído segundo a recorrência de uso na UFGD e na Faculdades Anhanguera. Especifica também a frequência desse uso nos anos de 1º e 5º de graduação no curso onde se encontram os informantes acadêmicos. Mesmo sendo um miniglossário, as acepções foram registradas de acordo com os critérios de elaboração de dicionarização para entradas de palavras.

Nesse mesmo capítulo III, foram considerados os fatores linguísticos e extralinguísticos, cuja variável dependente foi se a palavra pertence ao padrão da língua, com registro no dicionário de língua que estabeleça a comprovação ou se pertencem à norma, da língua falada pelos acadêmicos, nesse caso a gíria; já os extralinguísticos, igualmente importantes para a descrição do *cópus* mais recorrentes no grupo acadêmico, uma vez que, conforme as considerações finais, verifica-se que a variação externa acaba revelando as influências que promovem na língua e os valores da comunidade linguística em questão. Finaliza-se o capítulo com as informações das consultas realizadas em dicionários de uso da língua e de gírias quanto aos registros das palavras.

Considerando que não há pesquisa científica realizada referindo-se ao uso do vocabulário gírio de acadêmico da graduação em Agronomia, na cidade de Dourados, no estado de Mato Grosso do Sul, no sentido de investigar a variação linguística usada pela comunidade, apresentando esse universo que envolve uma das línguas especiais, a gíria, espera-se contribuir efetivamente para o reconhecimento dessa variação da língua, que aparecem em comunidades de maior ou menor prestígio social, como se retrata nesta pesquisa. Dessa maneira, podendo também desmistificar o conceito negativo, muitas vezes, atribuído por uma grande parcela da sociedade e de demonstrar que esse comportamento linguístico precisa ser considerado importante, principalmente, por se revelar como maneira de comunicação de comunidades e influenciar de modo positivo as relações e comportamentos de componentes de grupo que o utiliza.

CAPÍTULO I – ABORDAGEM TEÓRICA

1 ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA ORAL NO BRASIL

Não se pode negar que os estudos da língua oral no Brasil inicialmente se devem a Dialetoлогия. Uma ciência que, desde os fins do século XIX, interpretava fatos linguísticos segundo diferenças sociais, profissionais, de nível de escolaridade, etárias, de sexo. Segundo Ferreira e Cardoso (1994, p. 37), em 1826, Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, foi o responsável pela primeira expressão sobre o português do Brasil. Ele era “ministro plenipotenciário do Brasil na França e a pedido do geógrafo vêneto⁹ Balbi, escreveu um capítulo para o livro *Introduction à l’Atlas ethnographique du globe* no qual apontava características da língua no novo mundo”. No seu texto, descrevia que a língua refletia “a doçura do clima e dos habitantes e teria sido enriquecida por palavras e expressões novas, tomadas de empréstimos às línguas indígenas e inexistentes no português continental”.

Já os estudos dialetais no Brasil podem ser divididos em três partes: “A primeira fase vai de 1826 a 1920, data de publicação de *Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral”. A segunda inicia-se com a publicação desta obra somada à publicação, em 1922, de *O Linguajar Carioca* de Antenor Nascentes. Já a terceira fase, datada no ano de 1952, é marcada pela “produção de trabalho com base em corpus constituído de forma sistemática e é sinalizada pelo início das preocupações com o desenvolvimento e implementação dos estudos da geografia linguística no Brasil ”(FERREIRA E CARDOSO, 1994, p.40). A realidade dos estudos sobre a descrição da língua oral no Brasil é manifestada pelos trabalhos dos falares locais, vale destacar também Mário Marroquim, com o estudo voltado para o falar do Nordeste.

As pesquisas em torno da língua falada são realizadas por diversas subáreas da linguística como a dialetologia, a geolinguística, a sociolinguística, a etnolinguística. Estas são disciplinas que dão conta de diferentes enfoques sobre a variação da língua, razão que justificam os limites de fronteira e os critérios de pesquisa em cada uma das áreas de estudos.

⁹ **Vêneto** – relativo à Venécia, parte da Gália Cisalpina (Itália), no Golfo Adriático, ou o ser natural ou habitante, venetense (HOUAISS E VILLAR Eletrônico 2001).

A linha que separa a dialetologia da sociolinguística mostra-se tênue, uma vez que ambas as ciências estudam a diversidade da língua, porém com enfoques diferentes na variação. A sociolinguística somente se fixou na década de sessenta. Esta ciência também se ocupa dos estudos da língua oral e estabelece nos fatos linguísticos relações entre certos traços linguísticos e certos grupos sociais, como se confirma em Ferreira e Cardoso (1994, p.18) “A dialetologia, portanto, já há muito tempo usa os recursos interpretativos que passaram a ser posteriormente definidos como da sociolinguística”.

Nos estudos sobre a língua portuguesa oral no Brasil veem-se marcas enraizadas da língua rural, como observa Bortoni-Ricardo (2004):

A sociologia tradicional no Brasil enfatiza as características rurais da sociedade brasileira e nossa urbanização tardia e desordenada. Nossa urbanização é desordenada porque, ao contrário do que aconteceu no Primeiro Mundo, no Brasil e em outros países periféricos, a urbanização não foi precedida pela industrialização, como nos países onde a revolução industrial teve início ainda no século XVIII. Até o início do século XX, o Brasil é considerado um país rural (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 196-197).

Segundo Castilho (2006), foi a partir da década de sessenta que as universidades brasileiras se engajaram na tarefa de documentar, descrever e refletir sobre a língua falada. O professor Nelson Rossi da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 1968, foi convidado a um Simpósio do México, que se tratava de um estudo de Juan M. Lopes Blanch: Proyecto de Estudio Coordinado de la Norma Lingüística e Culta de las Principales Ciudades de Iberoamérica y de la Península Ibérica. Nesse estudo, “deixava-se de privilegiar o falar residual de pequenas comunidades rurais [...] partindo-se para a linguagem padrão das grandes metrópolis que iam surgindo, as quais alteraram a proporção população rural versus população urbana” (CASTILHO, 2006, p. 296). O trabalho de pesquisa de Lopes Blanch buscava os estudos da língua nas capitais, justificando que metade da população, de países da América Latina, habitava em suas capitais.

Durante a participação no Simpósio, o professor Nelson Rossi reconhece que o projeto não se aplicaria a capital brasileira, nem mesmo ao Rio de Janeiro “[...] arrisco a impressão de que a cidade do Rio de Janeiro, apesar de sua excepcional significação como aglomerado urbano e como centro de irradiação de padrões culturais, não daria por si só a imagem do português do Brasil” (ROSSI, 1968/1969, p.49 apud CASTILHO, 2006, p.297). Acredita ainda que o desenvolvimento de um projeto envolvendo cinco capitais brasileiras,

com falas referentes aos séculos XVI e XVII, poderia abarcar um número considerável de pessoas falantes que representariam a fala do país, não só uma capital.

Em 1969, o professor Nelson Rossi colocou em prática suas ideias, que deu início ao Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta - NURC. Os coordenadores das equipes do Projeto eram: Albino de Bem Veiga (Porto Alegre), Issac Nicolau Salum e Ataliba T. de Castilho (São Paulo), além do próprio Rossi, coordenador do projeto em Salvador. Posteriormente, seriam indicados Celso Cunha (Rio de Janeiro) e José Brasileiro Vilanova (Recife)", (CASTILHO, 1970, apud CASTILHO, 2006, p.296). Partindo-se para a coleta de dados, com gravações de falas de informantes, como acontece até hoje para os estudos de língua falada das diversas universidades espalhadas pelo Brasil.

2 A LINGUÍSTICA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS

2.1 O Universo da Norma-padrão: alguns conceitos

A língua indica, possivelmente, o principal elemento de caracterização de um povo. Ela concebe o modo como uma sociedade vê e como expõe a realidade em que vive, por meio das influências extralinguísticas como espaciais, culturais, geográficas. Pode-se afirmar ainda que o acervo vocabular de uma comunidade evidenciam os valores e as crenças de um povo.

Vista dessa forma, mostra-se prudente, antes de discutir sobre os usos ou a norma de falantes de grupos sociais, apresentar algumas concepções sobre a "língua" e a "fala", iniciados na ciência linguística por Ferdinand de Saussure, (apud BIDERMAN, 2001, p.13) em sua afirmação: "[a língua] É um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos". A partir disso, segundo Coseriu, (1979, p.20-35) surgiram discussões e interpretações e principalmente novas propostas de estudiosos acerca da definição de "língua" e de "fala" de Saussure, como Harold Palmer (1924); Charles Bally (1950); Walter Porzig (1950); Alan Gardiner (1951). Enfim, Bidermam (2001, p.15) esclarece que "só existem como atividades linguísticas os atos de fala ou de escrita". Já "a língua é uma realidade sim, mas abstrata". O próprio Coseriu (1979) compartilha dessas discussões e

propõe a dicotomia do mestre genebrino de “língua” e “fala” na triplicidade “sistema, norma e fala”¹⁰.

Pensar no termo norma, de modo geral, remete à ideia de regras. Porém, em nível linguístico não se espera que a norma possa significar necessariamente isso. O que se vê diante do dicionário específico são acepções para o termo norma.

1. Chama-se *norma* um sistema de instruções que define o que deve ser escolhido entre os usos de uma dada língua se se quiser conformar a um certo ideal estético ou sócio cultural. A norma, que implica a existência de usos proibidos, fornece seu objeto à gramática normativa ou gramática no sentido corrente do termo.
2. Chama-se também *norma* tudo o que é de uso comum e corrente numa comunidade linguística; a norma corresponde, então, à instituição social que constitui a língua.
3. A palavra *norma* às vezes é empregada com um sentido bem diferente do que tem habitualmente. Para L. HJELMSLEV, a norma é o traço, ou o conjunto dos traços, que permite distinguir um elemento de todos os outros elementos (DUBOIS, 2006, p.435).

É fato que a acepção inicial diz respeito à escolha de uma variedade que sirva de modelo linguístico para os membros da comunidade; porém a acepção seguinte remete ao conjunto de características lexicais, fonológicas e morfossintáticas, que identificam tanto a linguagem como o falante pertencente à mesma comunidade, como, por exemplo, aos falares carioca, nordestino, mineiro, paulista e outros. Segundo a tríplice apresentada por Coseriu (1979, p.19), “a norma é, pois, mero costume, a tradição continuada e reiterada no falar e no escrever de uma determinada comunidade linguística”. Definição em consonância com a segunda acepção de Dubois, que apresenta a norma como uso comum, não a escolha de um dos usos de uma comunidade. Provavelmente a norma tem o papel de padronizar como afirma Dino Preti (2003, p.48), “a norma é o ponto de chegada no processo de uniformização e nivelamento da língua”. Nesse sentido, a norma representa seus usuários, identifica-os e de certa forma padroniza-os, permitindo por meio dela delinear-se, ou seja, o perfil de quem a utiliza.

É bem verdade que a norma culta (FARACO, 2008, p.75) “é a variedade que os letrados usam corretamente em suas práticas mais monitoradas de fala e escrita”. Já a norma padrão é a variedade construída a partir da história, do meio, “que serve de referência para estimular um processo de uniformização.” Em função de a palavra norma apresentar diferentes sentidos, a escolha de uma dessas acepções recai em particularidades linguísticas

¹⁰ Teoria da Linguagem e Linguística Geral, 1979, p. 13-85.

que abrangem desde norma e usos comuns, correntes como a ideia de centralizar, uniformizar, padronizar; entretanto, nos estudos linguísticos, norma representa o quantitativo de conjuntos dos fenômenos linguísticos comuns numa comunidade de fala.

Não se pode negar que na sociedade brasileira existe uma grande riqueza de variações nos diversos níveis linguísticos facilmente perceptíveis nas diferentes regiões do país. Como não seria trabalho fácil de unificação da língua, estudiosos se debruçam em estudos da língua que mostram o quanto ela motiva os falantes à ação criadora, por meio das relações que se estabelecem entre os “fatos sociais e históricos”, conforme Guilbert (1975) (apud ALVES, 2004, p.78).

A estrutura sintática da língua da qual o usuário se utiliza como instrumento de comunicação é sinal de competência do falante e revela seu desempenho linguístico permitindo-lhe, por meio da língua, mostrar seu universo interior, pessoal, bem como expressar na língua as relações socioculturais de que esse falante faz parte.

Diante da heterogeneidade da língua, a norma ou as falas demonstram essa diversidade de forma inovadora e criativa, e seu caráter social viabiliza a comunicação em grupos, considerando seu espaço físico e social. *Grosso modo*, a norma culta, a fala dita “correta”, apresenta-se com um valor de prestígio social porque se refere à variante da gramática. Todavia, pode acontecer o contrário, o valor e o prestígio poderão voltar-se ao discurso da linguagem especial (não-culta). Essa característica de valorização é comum em diversas comunidades, em grupos herméticos, como se identificará na comunidade investigada neste trabalho. O uso de palavras de “pouco prestígio social”, como a gíria, carregado de desvios gramaticais, pode tornar-se de prestígio em determinados grupos sociais. Semelhante fato acontece em relação ao fenômeno linguístico da gíria, dos acadêmicos das instituições UFGD e Anhanguera, ambas da cidade de Dourados no estado de Mato Grosso do Sul, já que nestes universos existem jovens universitários que criam termos especiais para formação do próprio grupo, identificando-o socialmente. Trata-se de um grupo de prestígio por serem universitários, porque alguns pagam mensalmente a universidade, são jovens que utilizam a gíria, e que não lhes configuram desprestígio. Em função da formação acadêmica, os estudantes acreditam na necessidade de um vocabulário semelhante ao do homem da área rural, visando à futura realização da atividade profissional, como se pode verificar na transcrição da fala da informante de número 10, de 21 anos, casada, do 5º ano de graduação da UFGD:

“...você teim qui falá du jeitu qui num seja tãu técnicu... i que nãu faça você parecê qui tá querendu dizê qui sabi mais qui u produtô... purqui eli vai ti tratá cum hostilidadi, purqui é difícil chegá até u produtor... purqui ele geralmenti é uma pessoa simples... qui tem u conhecimentu adquiridu au longu da vida e dus familiaris, intãu si você chegá querendu sê receim-formadu, chega cum palavriadu técnicu... eli já vai ti hostilizá, tem di chegá da manera mais nivelada com u produtô” (INF10F1F25).

Esse comportamento de diferenciar a fala da sociedade é geral nas turmas de graduação em Agronomia tanto da UFGD como da Faculdades Anhanguera. Entretanto, há também a preocupação dos acadêmicos com o conhecimento científico da área agrônômica, não é só a de usar uma fala igual a do produtor rural, mas o estudante está pensando no produtor como seu futuro cliente.

Um novo fenômeno na língua falada, exemplificando aqui a fala das regiões de nosso país, segundo Biderman (1998^a, p.133 apud Welker 2004, p.133), afirma que “quando termos regionalistas designam fenômenos ou referentes da realidade regional, tal fato ocorre por causa da coisa nomeada e não por causa do signo”. Ela defende regionalismo como “qualquer fato linguístico [...] próprios de uma ou outra variedade regional” com exceção da variedade de referência. Nesse caso, a autora pressupõe que exista uma variedade padrão que os falantes da comunidade em geral aceitam como tal e sugere como português brasileiro padrão, “a variedade falada e escrita no eixo Rio-São Paulo, principalmente aquela usada nos grandes meios de comunicação de massa”. Como parâmetro para consultas das palavras criadas pelos acadêmicos se estas configuram ou não o uso de gíria, consultou-se o dicionário eletrônico Houaiss e Villar da versão 2001, por se tratar de uma obra de relevância para a língua portuguesa.

2.2 Gíria: uma criação lexical

A criação de novas palavras na língua vem desde os primórdios, com a chegada dos portugueses ao Brasil, uma vez que uma língua não permanece autêntica se for transplantada de um território para outro, como ocorreu no início da colonização do Brasil. Na imposição de uma língua em outros territórios, exemplificando aqui, o Brasil, precisa considerar a diversidade ambiental: a fauna, a flora; a extensão territorial, a língua nativa já existente. A

partir disso, criam-se necessidades de adaptação ao novo local, motivando transformações à língua original do colonizador.

No Brasil, as contribuições que promoveram modificações na língua portuguesa originaram-se da língua tupi, das línguas africanas, europeias, asiáticas. Além destas, instauradas no novo ambiente, surgiu também a necessidade da população de criar novos termos e novas expressões. As influências implicaram não só mudanças do ponto de vista lexical, mas também fonológico, morfológico, sintático e tantas outras inovações. Desde esse começo de uma nova sociedade, a língua evoluiu e isso continua acontecendo.

Todos os dias as línguas do mundo se modificam, sempre vão aparecer palavras novas para designar coisas que a língua não consegue suprir. Isso acontece quando falta vocabulário à língua ou quando se quer substituir uma palavra por outra. Nesse universo de transformações linguísticas situam-se as línguas especiais criadas por grupos sociais. A gíria corresponde a uma língua especial e em determinados grupos se mostra como marca de identificação do grupo, por meio de uma linguagem original e criativa. Amadeu Amaral (1982, p.16) afirma com primor que “A gíria é uma onda que vai e volta renovada”.

O contrário a criação de palavras, da originalidade na fala se verifica na definição dada por Dubois (2006, p. 308), que concebe a gíria como um “vocabulário parasita”, com a finalidade apenas de “ser compreendida por iniciados” ou identificar “determinado grupo.” Na concepção de Câmara Jr. (1978, p. 127) citando Marouzeau, (1943, p. 36), a gíria também é apontada como “vocabulário parasita”, a compartilha é tão fiel à concepção de Dubois, que se utiliza da mesma expressão.

No entanto, a gíria pertence às línguas especiais, constitui-se, pois, de neologismos da língua. A neologia relaciona-se à criatividade, ou seja, corresponde à criação de novas unidades léxicas. Essa criação, por sua vez, relaciona-se à necessidade de novas denominações baseadas no contexto social e nas mudanças ocorridas nele. Ao contrário do estado parasitário, Guilbert (1975, p.31, apud ALVES, 2004 p.78) “define a neologia lexical como a possibilidade de criação de novas unidades lexicais, em função das regras de produção incluídas no sistema lexical”. A designação de uma nova unidade relaciona-se à língua em uso, ou seja, as falas, em função das mudanças sociais. Como se revela esse comportamento em Desmet (2002, p.78, apud ALVES, 2004, p.79) “Du point de vie culturel, la néologie reflète l’ évolution et l’ état de développement scientifique, technique et culturel d’ une

société¹¹”, que segundo Matoré (1953, idem, 2004, p.79), a relação língua direciona aspectos comuns aos estudos das lexicologias e a sociologia, já que ambos estudam os fatos sociais.

Segundo Rector (1975, p. 31), citando Borba, o fenômeno da gíria é “a língua de grupos profissionais, (...) caracteriza-se por introduzir inovações e apropriar-se de modo peculiar de outros termos de acervo geral”. Esse fato origina-se da espontaneidade da língua falada e surge em determinados ambientes, desenvolvendo-se na comunicação de maneira eficaz, no interior de grupos sociais.

Os estudos da neologia concentram-se em unidades lexicais, referentes ao léxico geral da língua, ou seja, ao uso comum da língua. Não significa aqui os neologismos dos tecnoleitos, que constituem os termos de áreas ou subáreas da ciência ou de domínio técnico-científico. Boulanger (1979 p. 65-6, apud ALVES, 2001, p. 25) aponta o neologismo ou a unidade léxica como “uma nova acepção de uma palavra já existente, ou ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema linguístico estrangeiro e aceito na língua”. Embora a neologia ou a gíria seja repudiada por algumas comunidades falantes, em muitas outras contribuiu e contribui para o aumento do acervo lexical da língua comum. Tal ideia é recorrente na fala de Alves:

Consideramos neológicas as unidades lexicais (formalmente novas ou que recebem um novo significado) criadas em um determinado momento histórico social, que, em função de diversas razões (necessidade de nomeação de objetos ou fatos novos, sobretudo) determina essa criação (ALVES, 2007, p. 78).

Já se sabe, então, que a gíria diz respeito ao neologismo, e por sua vez representa a inovação da língua. Na prática, ela se estabelece quando ocorre a sua aceitação pelo grupo receptor e logo passa a fazer parte dos discursos comuns, inserindo-se nos conjuntos das unidades léxicas, mas só terá força se for disseminada como vocabulário usual no grupo de comunidade. Devido a fatores internos e externos, a gíria pode ir além dos limites do grupo e passar para o plano da língua comum, razão que a levará a gíria a perder o caráter de vocabulário hermético. É fato que não são todas as pessoas que, através da linguagem popular, fazem uso da gíria. Apenas determinados grupos sociais se expressam com esse estilo. Ao contrário do que muitos pensam, a gíria não configura apenas o lado marginal da linguagem. Não é raro que um falante comum, cuja língua também é comum, possa usar um

¹¹ Do ponto de vista cultural, a neologia reflete a evolução e a situação de crescimento científico, técnico e cultural de uma sociedade.

“bacana”, um “cara”, gírias comumente empregadas e cujo uso frequentemente fez perder, para alguns, essa força de gíria na acepção mais restrita do termo.

Considerando a situação adequada à comunicação, o contexto, o interlocutor, e mesmo a gíria, configurando criatividade, ainda é considerada por muitos de pouco valor de prestígio, normalmente ela é associada ao público de baixa escolaridade. Entretanto, também se deve refletir sobre a sua relevância e prestígio para a comunidade que a utiliza. Um estudo linguístico particularizado mais no enfoque sobre gírias deveria captar e transmitir o tipo de linguagem especial que elas abarcam. Bourdieu defende, por exemplo, que:

...discurso não é apenas uma mensagem destinada a ser decifrada, é também um produto que entregamos à apreciação dos outros e cujo calor se definirá na relação com outros produtos mais raros ou mais comuns (...) Instrumento de comunicação, a língua é também sinal exterior de riqueza (BOURDIEU, apud CALVET, 2007, p. 106).

Diante de tal relato, pode-se ressaltar que a língua serve como instrumento de manipulação, reconhecido pelo grupo e nominado por Bourdieu (idem, p. 107) de “estratégias de condescendência” que os indivíduos utilizam marcando territórios, e mostrando jeitos de ser. Para esse autor (p. 108) “uma comunidade linguística se apresenta como uma espécie de imenso mercado, no qual as palavras, as expressões e as mensagens circulam como mercadorias”. O linguajar utilizado pelos universitários da grande Dourados no estado de Mato Grosso do Sul, do curso da graduação em Agronomia das universidades pesquisadas, deixam transparecer “as mercadorias” veiculadas por meio das expressões recorrentes quanto às referências às situações do cotidiano enquanto seres acadêmicos e sociais nas inter-relações pessoais, estudantis e outras que se efetivam no meio social em que vivem.

A gíria revela-se como norma na comunidade. Uma linguagem criativa e especial, que preserva o caráter de permanência da identidade do grupo ao qual pertence. Essas inovações da língua falada de grupo tornam transparentes as intenções sobre gíria que se revela nesta pesquisa no tratamento dado na descrição das falas de acadêmicos da graduação em Agronomia. Amadeu Amaral reforça a ideias de movimento da língua declarando que a variante lexical “é também a linguagem nova” (p. 16, apud RECTOR, 1975, p. 39).

Essa adaptação ou adequação linguística insere-se nos estudos das variações diastráticas (referentes aos grupos sociais), variações diatópicas (referentes aos lugares) e às variações referentes às faixas etárias: nesse contexto, as variações linguísticas são utilizadas

como parâmetros de comunicação social que definem grupos e pessoas usuários dessas variações, abrangendo tanto os sentidos conscientes quanto inconscientes dos termos desse linguajar, indicando ora sua origem, ora conservando os usos regionais, ora procedendo de modo voluntário, expressões identitárias de grupos sociais.

Segundo Calvet (2007, p.112), os *corpora*¹² de gírias mostram que as formas constitutivas diferem da língua padrão por seu léxico, porém baseiam-se em princípios produtivos estritamente linguísticos. Pierre Guiraud (apud CALVET, 2007 p.112) revelou em seus trabalhos das estruturas etimológicas do léxico francês que as gírias têm sua existência a partir de matrizes semânticas derivadas de uma metáfora inicial das quais se originam uma série de signos linguísticos correlacionados. Esse mesmo autor (p. 113) apresenta como exemplo de matriz do termo dinheiro, do qual deriva o termo alimento, tem-se então: *dinheiro* = *alimento*, que não se limita ao vocabulário da gíria, nem a uma só língua. Para dinheiro pode se dizer *grano*, “grão”, em gíria italiana e *bread*, “pão”, ou *dough*, “farinha”, em gíria inglesa (grifos e aspas do autor). Resume, então, a gíria como um conjunto de ações caracterizado por:

- alguns traços sintáticos, por exemplo, a utilização intransitiva de verbos normalmente transitivos: “Sujou!” para se referir a um evento inesperado, portador de eventual risco;
- alguns traços fonéticos, por exemplo, a pronúncia “veio” por “velho” e “sartá” por saltar;
- um conjunto lexical produzido seja pela aplicação de regras do tipo que acabamos de descrever, seja pela aplicação de regras de transformação, como no *verlan*¹³ (CALVET, 2007, p. 113).

A competência do falante de uma língua corresponde a uma função social particular e é originária das variações de caráter diatópico, diastrático e diacrônico, entretanto soma-se à variação linguística subsídios sociais e culturais. As inovações inseridas na língua revelam dinamismo e transformações sociais, por isso aparecem à necessidade de inovações e mudanças linguísticas. O movimento social e linguístico são notórios na comunidade acadêmica de Agronomia da região de Dourados, cuja faixa etária, situação acadêmica e origem no campo rural traduzem o seu modo de falar, o seu modo de vestir, e seu gosto musical, dentre outras características próprias do grupo. Dessa forma, tornam a língua criativa e com possibilidade de mudanças.

¹² Forma de expressão e grifo do autor.

¹³ O autor esclarece que *Verlan* [de l'envers, “ao contrário”] significa o processo morfológico de inversão da ordem das sílabas da palavra para torná-la irreconhecível aos não-iniciados como, por exemplo, “chabi” por “bicha”, que tem relação com o homossexualismo.

3 FUNDAMENTOS DO ESTUDO LEXICAL

3.1 A lexicologia

De acordo com Vilela (1994, p.10), “a lexicologia costuma ser definida como a ciência do léxico de uma língua.” Entende-se, portanto, que o estudo do léxico tem como objeto de análise a unidade lexical, ou seja, a palavra. Vilela esclarece que o léxico significa “a totalidade das palavras duma língua, ou, como o saber interiorizado, por parte dos falantes de uma comunidade linguística”. Diante disso, a palavra é a unidade básica da lexicologia, que pode ser analisada em vários aspectos como semântico, morfológico, etimológico, fonológico, sintático.

Nesta pesquisa, além da descrição do corpus sob o ponto de vista sociolinguístico, também revela aspectos sob a ótica da lexicologia e lexicografia. O tratamento dado para descrição das lexias¹⁴ utilizadas pelos acadêmicos é a palavra, apesar do conhecimento sobre a ampla carga de significação que o termo expressa e a divisão para os estudos do léxico em lexema e lexia como forma de delimitar os estudos científicos. Porém, não se enxerga aqui essa amplitude, já que o léxico tem como finalidade o estudo das palavras. Por isso sempre que se referir à lexia, a leitura será a palavra no discurso.

Segundo Biderman (2001, p.16), a lexicologia é “uma ciência antiga, tem como objetos básicos de estudo e análise da palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico”. Significa também uma ciência que alcança amplitude, já que a palavra de uma língua constitui extensa estrutura, por essa razão, ela deve ser considerada sob duas perspectivas: “o eixo paradigmático e o eixo sintagmático”. Sobre a definição, Andrade (2001), citando Barbosa (1991) evidencia o vasto estudo destinado à lexicologia.

... a lexicologia é o estudo científico do léxico, isto é, propõe-se estudar o universo de todas as palavras de uma língua, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança, cabendo-lhe, entre outras tarefas: definir conjuntos e subconjuntos lexicais; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; conceituar e delimitar a

¹⁴ Como forma de especificidade para os estudos da lexicologia de caráter científico, muitos linguistas optam por uma das categorias do léxico, que é o lexema – “unidade base do léxico” – e a lexia – “unidade funcional significativa do discurso”, conforme Dubois (2006, p, 361).

unidade lexical de base – lexia-, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de sistemas culturais; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes (BARBOSA, 1991, apud ANDRADE, 2001, p. 191).

O conceito de palavra pertence ao conhecimento do senso comum; o conceito como unidade lexical apresenta grandes dimensões, já que seu valor varia de acordo com o universo de cada língua. Birderman, (2001, p. 115) endossando a teoria Whorfiana, considera “que só é possível identificar a unidade léxica, delimitá-la e conceituá-la no interior de cada língua.” Por isso, muitos linguistas optam e para maior eficácia de um trabalho sério, científico, por delimitar o enfoque que se pretende analisar na unidade léxica de uma língua, seja em seus aspectos fonológico, gramatical e semântico. Porém, não significa que um aspecto possa rejeitar absolutamente outro, como afirma o sintaticista Tesnière:

Por mais simples que pareça, a noção de palavra é uma das noções cuja definição é uma das mais delicadas para o linguista. É que talvez se parta frequentemente da noção de palavra para se chegar à noção de frase, em vez de partir da noção de frase para se chegar à noção de palavra. Ora, não é possível definir a frase a partir da palavra, mas somente a palavra a partir da frase. Porque a noção de frase é logicamente anterior à da palavra (apud BIDERMAN, 2001, p. 157).

Diante da dificuldade de uma definição universal e absoluta dos termos palavra e vocábulo, bem como a facilidade de ambiguidade nos discursos, surge a necessidade de utilização de termos técnicos e mais específicos para cunho científico. Por essa razão os linguistas cunharam os termos técnicos *lexema*¹⁵ e *lexia*¹⁶, para indicar a unidade léxica de uma língua, sendo bem mais eficazes para os estudos do léxico, eliminando assim equívocos e imprecisões nos discursos. Biderman (2001, p. 169) esclarece que “os *lexemas* se manifestam, através de formas ora fixas, ora variáveis. Essa segunda alternativa é a mais frequente nas línguas flexivas e aglutinantes. [...] a essas formas que aparecem no discurso, daremos o nome de *lexia*”.

¹⁵ Lexema é a unidade de base do léxico, numa oposição léxico/vocabulário, em que o léxico é colocado em relação com a língua e o vocabulário com a fala (DUBOIS et al, 2006, p.360).

¹⁶ Na terminologia de B. POTTIER, a *lexia* é a unidade de comportamento léxico. Opõe-se a morfema, menor signo linguístico e palavra, unidade mínima construída. É, portanto, a unidade funcional significativa do discurso (DUBOIS et al, 2006, p.361).

Em outro momento, Biderman (2001, p.140) ressalta que lexema, “é um entidade abstrata que constitui um elemento permanente do sistema linguístico”. Lembrando que é a palavra no vocabulário corrente, e que, no discurso, o lexema apresenta-se em forma fixa, porém pode assumir várias formas, compondo um paradigma – dos verbos, dos adjetivos, dos substantivos.

O lexema situa-se no plano abstrato da língua, porque ele “refere-se à unidade abstrata do léxico” conforme Biderman (1999, p. 89), e sua manifestação discursiva deve ser identificada “tecnicamente como lexias”. A partir desse ponto, as lexias podem ser classificadas como as lexias simples - consistem em uma sequência gráfica separada por dois brancos-; as lexias complexas - formadas por uma sequência grafada por dois brancos e não ligada por hífen - e as lexias compostas - identificadas por uma sequência grafada ligada por hífen.

De posse dos elementos técnicos, lexema e lexia, a função da lexicologia é, de acordo com Vilela (1994, p.10), de “fornecer pressupostos teóricos e traçar as grandes linhas que coordenam o léxico duma língua”. Além disso, cabe a ela, “apresentar as informações acerca das unidades léxicas necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico, tanto no aspecto do conteúdo, como da forma”.

Como a língua está em constante movimento e trata-se de um sistema aberto, o léxico é a parte mais vulnerável a mudanças. Nesse contexto, “as combinatórias lexicais discursivas podem deixar de ser meras combinatórias frequentes de unidades léxicas para se converterem em novas unidades do léxico da língua”. Já que, as gírias representam as lexias, aqui denominadas como palavras, a variante lexical corresponde ao principal objeto de descrição desta pesquisa, uma vez que as palavras peculiares fazem parte do universo linguístico da comunidade acadêmica de graduação em Agronomia da região da grande Dourados, no estado de Mato Grosso do Sul, cuja gênese deu-se por meio das relações sociais. Essa origem é natural, como se pode constatar em Biderman (1998, p.104) quanto à aquisição da língua, “O vocabulário não é criado (ou recriado) pelo indivíduo, mas ele é adquirido através do processo social da educação. De fato, através do processo de educação social o homem adquire tanto a língua de sua comunidade como o seu vocabulário”. Nesse sentido, a Lexicologia tem dado grande atenção ao neologismo – à criação de palavras, visto que esse vocabulário pode ser criado e recriado no processo de interrelações sociais e nas situações de comunicação.

O estudo do léxico corresponde aos estudos linguísticos e apresenta um leque de subáreas que se aproximam da lexicologia como a Semântica, ligada de modo geral aos

estudos da significação das palavras; como a Dialetoлогия, relacionada aos estudos da geografia linguística, como a Psicolinguística e a Neurolinguística que tratam da questão de estocagem vocabular na memória, como a Etnolinguística, voltada para os estudos da língua “enquanto expressão de uma cultura e em referência com a situação de comunicação” (DUBOIS, 2006, p. 254); vale ressaltar que a Etnolinguística possui sua origem na Sociolinguística, cuja ciência reflete nos estudos da covariação entre os fenômenos linguísticos e sociais. Apesar da abrangência que envolve os estudos em torno da palavra, a sociolinguística é a disciplina que focaliza os referenciais teóricos para o desenvolvimento desta pesquisa, já que se apresenta aqui o desempenho linguístico de um grupo social intrinsecamente ligado ao meio em que vive, uma vez que essa área de estudo busca estabelecer a relação entre as causas e os efeitos dos fenômenos linguísticos e os fatos sociais.

Como se apresenta um glossário por amostragem das palavras mais recorrentes usadas pelos acadêmicos do curso em Agronomia da UFGD e da Faculdades Anhanguera de Dourados, ambas na cidade de Dourados, no estado de Mato Grosso do Sul, mostra-se relevante alguns aspectos da Lexicografia, porque traz à tona as questões da confecção dos dicionários, de glossários, como também a Terminologia, uma vez que os acadêmicos utilizam termos do curso de Engenharia Agrônômica e as empregam no cotidiano.

3.2 A lexicografia

O léxico de uma língua pode ser encontrado numa obra lexicográfica, já que o produto da lexicografia é representado, por exemplo, pelo dicionário, glossário. Porém, a preocupação é que não se deve confundir a lexicologia com a lexicografia, pois o trabalho da lexicografia diz respeito ao “estudo da descrição da língua feita pelos dicionários, à elaboração de dicionários como a aplicação dos dados da lexicologia: radacção¹⁷ de dicionários ou reflexão sobre eles”, (LEWANDOWSKI, 1982, p.208 e BERRUTO, 1976, p.10 apud VILELA, 1994, p.11).

Essa distinção dos trabalhos da lexicologia e da lexicografia mostra-se bem clara em Júlio Casares:

¹⁷ Termo escrito conforme o texto de origem.

Y de igual manera que distinguimos una ciencia de la gramática y un arte de la gramática, podemos distinguir dos facultades que tienen por objeto común el origen, la forma y el significado de las palabras: la lexicología, que estudia estas materias desde el punto de vista general e científico e la lexicografía, cuyo cometido, principalmente utilitário, de se define acertadamente en nuestro léxico como el arte de componer diccionarios¹⁸ (CASARES, 1992³, p. 10-11, apud FERNANDÉZ, 2003, p. 34).

A Lexicografia teve início nos glossários latinos medievais. A prática dessa descrição está na elaboração de dicionários, glossários, tesouros, vocabulários, buscando registrar e definir os signos lexicais que referem aos conceitos elaborados e evidenciados pela cultura linguística. O lexicógrafo elabora definição e acepções por meio de equivalência semântica da palavra. As explicações dadas orientam o consulente a compreender a língua quando necessitar fazer uso da palavra.

Em nível linguístico, quando se refere ao conceito, definição, acepções das entradas não se deve olhar como algo resolvido e acabado. No caso da obra lexicográfica que tem como produto o dicionário, Lara (2004, p.135) chama a atenção para a sua definição, que ele “deve ser visto em sua realidade, como um produto linguístico, como um fenômeno verbal complexo e não somente como resultado da aplicação dos métodos lexicográficos”.

São considerados lexicográficos os discursos individuais como os glossários, dicionários, vocabulários de obras literárias. Os códigos lexicográficos coletivos são os chamados “tesouros da língua”, aqueles que representam à língua de uma coletividade em uma determinada época. Um acervo cultural, já que um dicionário quando codifica determinado sistema linguístico individual pode chegar, através dele, a conhecer um sistema linguístico coletivo.

Esse conhecimento acontece porque a maior parte dos codificadores lexicográficos tem por objeto o léxico, universo de amplo conhecimento coletivo, que significa a língua de uma unidade étnica que se comunica sem dificuldade. Porém, alguns possuem acesso apenas a uma parte de um grupo de falantes, porque codificam os elementos do léxico de um subsistema, como é o caso dos dicionários regionais.

A codificação lexicográfica se orienta de acordo com o papel do emissor, com os seus objetivos específicos. Por exemplo, o linguista poderia definir a produção de um dicionário onomasiológico, quando se parte do conceito para se obter a designação. Pode-se produzir a obra num processo oposto, que é o semasiológico, quando se parte da

¹⁸ E de igual maneira que distinguimos a ciência da gramática e uma arte da gramática, podemos distinguir das facultades que tem por objeto comum a origem, a forma e o significado de palavras: a lexicologia que estuda estas matérias desde o ponto de vista geral e científico e a lexicografia, cuja função, principalmente útil, se define em nosso léxico como a arte de compor dicionário.

denominação, que é a entrada¹⁹, e a caracteriza funcional e semanticamente. A obra é constituída de entradas lexicais, ou lemas que ou se dirige a um termo da língua, ou a um referente do campo extralinguístico.

Haensch (1982, p. 95), porém, explica que a classificação de obras lexicográficas não é uma tarefa fácil, pois “constituye una tarea muy ardua y plantea no pocos problemas, tanto teórico-lingüísticos como prácticos.”²⁰ Ele salienta ainda que muitos autores tentaram estabelecer uma classificação, entretanto isso envolve uma série de fatores, pois além de critérios linguísticos, há também os fenômenos que norteiam aspectos históricos e culturais.

Além disso, os dicionários podem ser produzidos como monolíngues (um língua apenas) ou plurilíngues, que se subdividem em bilíngues (duas línguas) e multilíngues (mais de duas línguas).

Desde a Antiguidade Clássica, paralela à Linguística Lexicográfica, caminhava a Lexicologia Enciclopédica, que diz respeito ao conhecimento humano de uma época, científico, artístico, o momento histórico, todavia, no fim do século XVII, muitas obras enciclopédicas adotaram o nome de ‘dicionários’, ofereciam informações enciclopédicas e indicação do tipo linguístico, como a ordem alfabética, que correspondem a um dos critérios característicos do dicionário linguístico. Haensch refere-se ao surgimento dessa lexicografia de maneira elucidativa:

Desde sus remotos orígenes, el objeto primario de la lexicografía fue la explicación del significado de las palabras pertenecientes a una fase de evolución más antigua de la propia lengua, y más tarde, también – de manera más general- de las voces de uso contemporáneo de la lengua. Paralelamente a esta lexicografía ‘lingüística’ se desarrolló- especialmente en el siglo XVII- outro tipo de lexicografía: la lexicografía enciclopédica, cuyos orígenes se remontan también a la Antigüedad clásica y que tuvo gran importancia em la Edad Media²¹ (HAENSCH, 1982, p.110).

¹⁹ Unidade significativa (palavra, simples ou composta, locução, frase, afixo, abreviatura ou símbolo), que abre um verbete nos dicionários, enciclopédias, vocabulários etc., conjunto é ger. disposto em ordem alfabética e com destaque visual (tipo ou corpo de letra diferentes, negrito, emprego e cor etc.), e que é definida e/ou explicada por meio de palavras ou conceitos mais elementares, não raro sic. tb. com exemplos de uso, sinônimos ou outras informações que possam interessar ao leitor; cabeça, lema, significante léxico, unidade léxica (Houaiss e Villar, 2001).

²⁰ Constitui uma tarefa muito árdua e projeta não poucos problemas, tanto teórico-linguísticos como práticos.

²¹ Desde suas remotas origens, o objeto da lexicografia foi a explicação do significado das palavras pertencente a uma fase da evolução mais antiga da própria língua, e mais tarde também, de maneira mais geral, das falas de uso contemporâneo da língua. Paralelamente a esta lexicografia ‘lingüística’ se desenvolve – especialmente no século XVII- outro tipo de lexicografia: a lexicografia enciclopédica, cujas origens se remetem também a Antiguidade Clássica e que teve grande importância na Idade Média.

Na prática, a descrição do léxico pode ser evidenciada de forma concreta nos dicionários. Ele exerce caráter normativo e informativo da sociedade, por isso representa um material de cultura importante nas sociedades contemporâneas. Apesar de a percepção comum do usuário ser, quanto à obra lexicográfica monolíngue, que sua finalidade seja simplesmente a de eliminar dúvidas. Desse ponto de vista, seria apenas a finalidade de auxiliar os falantes de uma língua com suas dificuldades ortográficas, gramaticais, de sinonímia de palavras, bem como prestar esclarecimentos sobre o significado e o uso pouco comum de uma palavra.

Não se pretende elaborar aqui a apresentar a produção lexicográfica completa do vocabulário do acadêmico da graduação em Agronomia da região de Dourados-MS. Como citado alhures, apenas uma representação em forma de miniglossário de palavras mais recorrentes na fala dos universitários. Entretanto, por se tratar de um miniglossário, não tira o mérito de respeitar os critérios da lexicografia para a produção dessa amostra representativa no que diz respeito principalmente ao texto das microestruturas, que constarão nas entradas selecionadas no *cópus* das entrevistas.

Para a realização das entrevistas foram confeccionados e utilizados dois tipos de questionários: o onomasiológico e o semasiológico. No primeiro questionário, preocupou-se em coletar os usos mais recorrentes no fala dos acadêmicos. Esse tipo de questionário partia do conceito para que os acadêmicos atribuíssem à denominação dada por eles na comunicação cotidiana. Coletado o conjunto lexical no *cópus* das entrevistas realizadas com os acadêmicos, aplicou-se o segundo questionário, o semasiológico, a fim de confirmar as significações atribuídas às denominações no primeiro questionário. O questionário semasiológico permitia ao acadêmico construir os conceitos atribuídos às palavras extraídas das entrevistas, baseados na linguagem em uso do grupo. Um exemplo de aplicação do segundo questionário observa-se na fala da acadêmica de número XI, de 26 anos, do 5º ano da Faculdades Anhanguera, ao esclarecer o conceito de **butecu**, que aparece em negrito, e o conceito sublinhado no texto:

*“...u bar di isquina... aquela que só vendi cerveja... qui u pessuau qui vai lá só toma cerveja porque num teim mais nada pra oferecê... qui a cerveja é bem mais barata... aí é u **butecu**... qui é u bar di isquina mesmu... qui us velhius ficam lá bebendo... lá aparece um poco de tudu... nu máximu qui teim uma sinuca” (INFXIV¹A5).*

Como se verifica, a informante apresenta de modo bem descritivo a concepção de **boteco** na visão do grupo acadêmico, levando a considerar que este representa um ambiente

comum e usual da comunidade em questão. Sem dúvida um boteco representa um lugar fora da área das universidades, no entanto, faz parte do universo dos acadêmicos em momentos de lazer. A fala dos acadêmicos também estão ligadas a elementos internos das universidades, tendo em vista que era frequente o uso entre os acadêmicos do termos como **rufiãu**, considerado gírio, oriundo da área de estudo, como se observa na fala da informante de número 10, de 21 anos do 5º ano da UFGD:

*“...é u cara qui num pega ninguém... só ajeita prus outros... eli si faiz qui pega muito... mas num pega ninguém... a genti tem aula di bovinicultura né... i tem aquela animal qui é u **rufiãu**... qui prepara a fêmia pru otro vim e di fatu ficá cum ela... intãu derãu o termu **rufiãu** aquela qui faiz qui pega muito... mas num pega ninguem” (INF10F1F25).*

O questionamento a respeito do conceito atribuído por eles à gíria **rufiãu** revelou o uso de termos de áreas especiais do conhecimento como neologismo na fala dos universitários. Os estudos dos termos são da área da Terminologia. Os termos relacionam-se às áreas de especialidade e fazem parte dos estudos da Terminologia, que visa ao conjunto lexical de áreas da ciência. Por isso, mostram-se relevantes alguns esclarecimentos sobre essa área da lexicografia.

3.3 A terminologia

Os vernáculos ou palavras que constituem o universo linguístico carregam em si uma força criadora contundente. Sob diferentes enfoques, a “palavra” corresponde ao objeto de estudo da lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia que permite essa iminência científica. Como algumas palavras consideradas termos aparecem na fala dos acadêmicos, não poderia deixar esse tópico fora do contexto. Enquanto a lexicologia, em síntese, estuda o universo lexical de um língua, a terminologia pode ser vista como uma área específica da lexicologia, uma vez que tratará não de todas as palavras de uma língua, mas apenas aquelas que constituem campos de especialidade ou áreas de conhecimento. No campo conceito, a terminologia é definida por Cabré como:

A terminologia é, antes de tudo, um estudo do conceito e dos sistemas conceptuais que descrevem cada matéria especializada; o trabalho terminológico consiste em representar esse campo conceptual, e estabelecer as denominações precisas que garantirão uma comunicação profissional rigorosa (CABRÉ, 1993, p.52 apud ANDRADE, 2001, p.192).

A terminologia se desenvolveu como disciplina científica no século XX, porém é tão antiga quanto à lexicologia e à lexicografia. Há principalmente notícias de que dicionários terminológicos já existiam desde a Antiguidade. Pode-se ou mesmo afirmar, ainda, que essa existência é da época em que o homem descobriu a linguagem, pois a partir desse domínio, ele passou a nomear os objetos, os animais, as plantas, os instrumentos de trabalho e todo o ambiente a sua volta, até por uma necessidade de sobrevivência. Como se atesta nas palavras de Barros (2004), referindo-se a trabalhos terminográficos:

A existência de dicionários temáticos monolíngues já é atestada desde 2600 a.C., feitos pelos sumérios em forma de tijolos de argila. Neles encontravam-se os termos “relacionados a profissão, gado, objetos comuns e divindades; registravam-se os termos aceitos pelas escolas de escribas e constituíram fundamentos do dicionário mais completo compilado por volta de 2200 a.C.” (Van Hoof, 1998, p.241). No fim do Médio Império faraônico (c. 1800 a.C.), aparecem no Egito os primeiros dicionários temáticos (Sidarus, 1990) e nos primeiros séculos da era cristã o gramático Herodianus e o médico Heródoto elaboraram glossários que explicavam os termos médicos utilizados pelo grego Hipócrates (c. 460-377 a.C.), o pioneiro na descrição sistemática do corpo humano (BARROS, 2004, p.29).

Constata-se, então, que o homem já percebia a necessidade de se referir a um campo de palavras que designam elementos de uma mesma área de conhecimento. Esta atitude mostra com evidências o estudo da ciência Terminológica. O objeto de estudo da terminologia consiste em um “conjunto de termos de um domínio e dos conceitos (ou noções) por eles designados” (BARROS, 2004, p. 34). Esse objeto resulta na construção de dicionários especializados e também de glossários de uma área especializada.

Uma área específica de conhecimento do ser humano constitui um conjunto lexical de termos. O terminógrafo tem a função de atribuir denominação ao conceito de termos de uma área do saber humano com a finalidade de produzir também dicionários, glossários, vocabulários.

O termo significa uma unidade lexical com carga de conteúdo específica dentro de uma área de conhecimento, por isso também é chamado de unidade terminológica. É preciso não confundir termo com palavra ou vocabulário, já que cada um representa significação e

função diferente na língua. A Terminologia preocupa-se, além do termo, com a fraseologia, que se refere à expressão comunicativa dos especialistas; e com a definição terminológica, que se refere à materialização do conteúdo do termo.

Segundo alguns especialistas, os estudos terminológicos se desenvolveram na ex-União Soviética, por Eugen Wüster (1898-1977), quando este expõe em tese de doutorado a sua teoria e desenvolve a Teoria Geral da Terminologia. Em 1931, Wüster publicou um livro baseado nos estudos desenvolvidos em sua tese, *Die internationale Sprachnormung in der Technik*. Apesar de existir controvérsia, pois outros especialistas defendem que foi na Áustria, por D. S. Lotte, os primeiros estudos sobre a Terminologia. A proposta de Wüster, nos estudos terminológicos, era da univocidade entre conceito e termo, isto é, um único termo pode designar um conceito. O trabalho tinha o objetivo de eliminar a ambiguidade nos discursos de especialistas. Para ele, não existe termo polissêmico, sinônimo ou homônimo. Ele próprio se mostra controvertido, já que se preocupava em eliminar a ambiguidade nos discursos técnicos, mas era ambíguo em relação à linguística. Interessava-se pelo termo, distante do léxico da gramática; dissociava conteúdo e expressão, que ia de encontro com as teorias linguísticas de Saussure.

As ciências de um modo geral amadurecem, exigem reflexão, observam-se limitações. A partir de 1990, foi o que aconteceu com a Teoria Geral da Terminologia. E nesse processo reflexivo, percebeu-se a necessidade de uma nova proposta teórico-metodológica para a terminologia. Por isso, nasce a Teoria Comunicativa da Terminologia de Maria Teresa Cabré. Ela respeita a teoria de Wüster, reconhece o valor do modelo proposto, mas sabe que o conhecimento especializado não deve ser dissociado das línguas e cultura.

A Teoria Comunicativa da Terminologia admite o termo como unidade linguística. Mesmo na área de especialidade, o termo não deixa de ser signo. Reconhece a existência de variação conceptual e denominativa, por isso leva em conta a dimensão textual e discursiva do termo. Segundo Barros (2004, p. 5), “Estas são unidades linguísticas que devem ser consideradas em uma perspectiva poliédrica, ou seja, em seus aspectos linguísticos, cognitivos e sociais”.

É fato que um dicionário geral não consegue abarcar todo o conjunto lexical de uma língua, em função da velocidade em que a língua se renova. Quando um lexicógrafo termina um dicionário, por ser um trabalho de certo momento, provavelmente o vocabulário da língua já tenha evoluído com a inserção de novos vocábulos, e, nesse contexto, a terminologia acaba por contribuir até para o dicionário geral, já que se trata do léxico de uma área específica da ciência, e não abrangente como o dicionário geral de língua.

O mesmo pode-se afirmar das confecções de vocabulários e glossários de determinados grupos sociais, como é o que se pretende aqui, como um dos objetivos da pesquisa, não na sua completude, mas uma amostragem de glossário das gírias usadas dos acadêmicos em Agronomia das universidades UFGD e Anhanguera da cidade de Dourados - MS. As produções lexicográficas desse sentido acabam contribuindo para o acervo lexical da língua portuguesa na vertente brasileira, quiçá o conhecimento para a sociedade da inserção de novas palavras à língua.

3.3.1 Dicionário, glossário, vocabulário: acepções e conceitos

Já que nesta pesquisa apresenta-se também como um dos produtos esperados a confecção por amostragem de um glossário das gírias mais frequentes usadas pelos acadêmicos de Agronomia, revela-se, diante disso, a necessidade de esclarecer alguns conceitos sobre estes termos: dicionário, glossário, vocabulário. A história da lexicologia tem mostrado tipos distintos de produtos lexicográficos. Os termos dicionário, vocabulário, glossário, antigamente tinham significados diferentes. Mas as manifestações antigas já se encaminhavam para a explicação da palavra devido à evolução linguística e cultural. Os falantes tinham necessidade de explicação.

Existem dicionários de língua (monolíngue e plurilíngue), dicionários etimológicos, dicionários históricos, dicionários analógicos, dicionários terminológicos. Nos dicionários de língua encontram-se ainda outros tipos de dicionário, como o mais conhecido que é o dicionário geral da língua, mas se existem também dicionários especiais, aqueles que registram um tipo de unidade lexical ou fraseológica como: dicionário de neologismo, dicionário de colocação, dicionário de expressões idiomáticas, dicionário de gírias, dicionário de provérbios e tantos outros que variam de acordo com os objetivos do autor e a finalidade da obra. Ainda deve-se chamar a atenção para os dicionários que imprimem apenas um subsistema da língua como o dicionário regional. Tendo em vista o volume de dicionários citados, cabe à afirmação dada por Biderman (2001, p.132) sobre o dicionário de língua, “os dicionários recolhem o tesouro lexical da língua num dado momento da história de um grupo social”.

O léxico pode ser considerado como tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não-linguísticos e de todos referentes do mundo físico e do universo cultural, criados por todas as culturas humanas atuais e do passado. Por isso o léxico é o menos linguístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é uma parte do idioma que se situa entre o linguístico e o extralinguístico (cf. introdução) (BIDERMAN, 1981, p.138).

Segundo Biderman (2001), o maior dicionário geral de língua contemporânea é o Webster da língua inglesa. Ele contém cerca de 500.000 verbetes, considerando a última edição, outros milhares de verbetes, a partir dessa edição, já foram incluídos.

Conforme Haensch (1982, p. 105-106), no período da Idade Média, a lexicografia surgiu como disciplina nos países latinos. Época em que o Latim se mostrava de várias formas, em função do latim vulgar. Os textos precisavam de glosas, isto é, de explicações de algumas palavras incompreensíveis. Atualmente, o glossário ainda aparece em alguns textos escolares para explicação de alguma palavra de difícil compreensão ou estrangeira. É chamado de glossário porque aparece no final do texto e com o critério da ordem alfabética.

Para a lexicografia, Haensch apresenta algumas acepções distintas para o termo glossário:

Repertorio de voces destinado a explicar un texto medieval o clásico, la obra de un autor, un texto dialetal, etc.

Repertorio de palabras, em muchos casos de términos técnicos (monolingue o plurilingue), que no pretende ser exhaustivo, y en que la selección de palabras se há más o menos al azar; por ejemplo, glosario de términos ecológicos espanñol-inglés²² (HAENSCH, 1982, p. 106).

Na primeira acepção de glossário retrata o que se costuma definir nos trabalhos lexicográficos; já na segunda acepção, mostra-se mais específica e diz respeito aos trabalhos destinados à terminografia, que retrata a língua numa área da ciência, isto é, a língua de especialidade.

Parafraseando Haensch (1982, p. 107-110), a respeito do termo vocabulário na história da lexicografia, no início da Idade Moderna, a cultura renascentista e a introdução da imprensa deram grande impulso à lexicografia. Em 1490, Alonso de Palencia lançou a primeira obra em Castelhana, era em latim que explicava o castellano. Dois anos depois,

²² Repertório de fala destinado a explicar um texto medieval ou clássico, a obra de um autor, um texto dialetal, etc.

Repertório de palavras, em muitos casos de termos técnicos (monolíngue ou plurilíngue) que não pretende ser exaustivo, e em que a seleção de palavras se faz mais ou menos ao acaso, por exemplo, glossário de termos ecológicos espanhol-ingleses.

Antônio de Nebrija publica *O vocabulário de romance em latim*, o dicionário de língua castelhana e também um dicionário latino-castelhano (1507). O uso do termo vocabulário se efetiva e surgem outras publicações posteriores, como em 1627, de Gonzalo Correias, *Vocabulário de ditados e frase proverbiais e outras formas de costumes da língua castelhana*.

Já a nomenclatura dicionário aparece primeiramente fora da Espanha. Em 1539, do lexicólogo francês Robert Estienne com *Dictionarium latino-gallicum e o dicionário français-latin*. A partir daí passa-se a usar na lexicografia europeia os termos vocabulário, dicionário e também léxico. Por aplicarem esses termos em obras diferentes, surge a confusão quanto à denominação dos diferentes tipos de obras lexicográficas, principalmente na Alemanha. Essa confusão se deve aos autores e casas editoriais.

Na Época Renascentista, os dicionários eram chamados monolíngues com a denominação de thesaurus (tesouro), como em 1532, de Robert Estienne, *Theusaurus linguae Latinae*; em 1572, de Henri Estienne, *Teshaurus graecae linguae*. Por Thesaurus se estende mais tarde como instrumento lexicográfico, monolíngue, com grande número de citações, considerado exemplo para a linguística.

Os thesaurus eram somente para os dicionários monolíngues, mais tarde passaram a denominação para os dicionários plurilíngues; na Alemanha, de Girolamo Megiser, o *Thesaurus polyglotus* (1603, Francfort) ; *Tresor de l'histoire de langues de l'univers* de Claude Duret (1613, Colônia). Na Espanha, *Thesaurus Utriusque linguae hispanea et latinae omnium correctissimas* de V. Requejo (Madrid, 1717); e ***Tesoro de La lengua castelhana de Sebastián de Covarrubias*** (Madrid, 1611), este, por sua vez, explica palavras e frases, provérbios e, por outro lado, uma obra enciclopédica que oferece nomes próprios e reúne informações sobre a cultura da época. É o primeiro exemplo de lexicografia linguística e lexicografia enciclopédica, uma vez que traz as entradas com os conceitos e abonações referentes.

No Brasil, conforme Bidermam (2004, p. 194-195), há várias publicações em diversas épocas a partir do século XIX. São obras referentes ao uso da língua em determinadas regiões do nosso país, ou mesmo especificamente de estados como Amazonas, Bahia, Ceará, Rio grande do Sul e outros de diversos pontos do país. Entretanto são obras questionáveis na qualidade de científica.

3.3.2 Macroestrutura e Microestrutura de obras lexicográficas

Não foge dos critérios de elaboração de glossário, nem se atribui um menor valor à apresentação de um miniglossário por amostragem, objetivo de um dos resultados desta pesquisa, por isso faz-se necessário mostrar as ferramentas fundamentais para a confecção de uma obra de cunho lexicográfico. Quando se propõe a produção de um dicionário duas ferramentas são colocadas em pauta, que permite o planejamento da estrutura com critérios e leva à completude de uma obra eficaz: a sua macroestrutura e as microestruturas que formam a completude da obra. Para se identificar uma obra lexicográfica é preciso recorrer às características que a reúne as quais correspondem aos critérios de ordem prática, que direcionam a função do dicionário, em vez de atribuir-lhe uma nomenclatura no título, sem que reflita o que a obra reúne.

Os critérios para a elaboração do dicionário segundo lexicógrafos são: o formato e a extensão; a característica linguística, enciclopédica ou mista; o sistema linguístico; o número de língua; a seleção do léxico: geral ou parcial; a ordenação de assunto; a finalidade específica do dicionário; o dicionário tradicional ou dicionário eletrônico. Estes itens e outros ainda podem ser acrescentados, dependendo da especificidade do dicionário, dos objetivos do autor, do público alvo. O que muitos estudiosos questionam e não admitem é a falta de critérios na produção lexicográfica.

Há complexidade na nomenclatura ou macroestrutura em obra lexicográfica. Para se chegar a um consenso é preciso empregar na produção do produto critérios científicos e relacioná-los ao tipo de obra e ao público a que ela se destina. Por exemplo, dicionários regionais tratam apenas de um subsistema da língua.

Para produção das microestruturas de um dicionário, o primeiro elemento a ser considerado é o da identificação da unidade léxica que consistirá no lema ou a entrada de dicionário, respeitando o sema²³, e, em seguida, a definição ou acepções.

A definição lexicográfica baseia-se numa análise conceptual, sendo que o lexicógrafo faz uma análise semântica da palavra a ser definida. Nessa tarefa o definidor deve ser rigoroso, estabelecendo uma sêmica e não uma

²³ Na terminologia da análise sêmica*, o *sema* é a unidade mínima significativa, não susceptível de realização independente e, portanto, sempre realizada no interior de uma configuração semântica ou semema. Por exemplo: a análise sêmica explica a oposição *cadeira* vs *poltrona*, pela adjunção ao semema de *cadeira* (composto dos semas S¹, S², S³, S “com encosto”, “com pernas”, “para uma só pessoa”, “para sentar-se) do sema “com braço”, ausente do semema de *cadeira* e presente no semema de *poltrona* (DUBOIS, 2006, p.526-527).

adivinhação para que o *definiendum*²⁴ seja identificado sem ambiguidade. (BIDERMAN, 1993, p. 23).

Um dicionário, linguístico ou não, tem como princípio a ordem alfabética e é constituído por entradas lexicais, ou lemas que remete a um termo da língua ou a um referente externo à língua. Com relação aos significados de macro e microestruturas lexicográficas, Biderman esclarece:

A lista total desses lemas constitui a nomenclatura do dicionário, a sua macroestrutura. Quanto ao verbete, essa microestrutura tem como eixos básicos a definição de palavra em epígrafe e a ilustração contextual desse vocábulo, quer através de abonações por contextos realizados na língua escrita ou oral, quer através de exemplos (BIDERMAN, 2001, p. 18).

A microestrutura do dicionário destina-se ao verbete. A escolha desse verbete se dá por meio da unidade léxica que significa o lema ou a entrada de dicionário. O ponto principal do verbete é a definição da palavra em composição textual e a ilustração desse verbete, por meio de abonações de textos escritos ou orais; os exemplos também funcionam como abonação. Registros como a etimologia da entrada, a classe morfológica seguida do gênero são fundamentais nos dicionários de língua. As informações complementares para esclarecimento do verbete são os registros sociolinguísticos do uso de fato da palavra. Incluem-se também as remissivas do verbete que remete a outras unidades lexicais associadas ao lema.

O consulente segue outros lemas por meio das redes semântico-lexicais. Dentro desse contexto também se encontra a norma lexical corrente na sociedade. O que se espera, no mínimo, é que o autor da obra crie uma padronização na microestrutura, para que não configure uma obra sem critérios de produção. Por isso, antes da apresentação do miniglossário foram esclarecidos os critérios para a elaboração das entradas, isto é, das gírias usadas pelos acadêmicos da graduação em Agronomia. Para a redação das microestruturas, as entradas que compõem o miniglossário, foi estabelecida uma ficha com a sequência da redação das microestruturas para orientação ao consulente. Tal ficha apresenta os seguintes elementos: o número de ordem, a entrada, a referência gramatical, a definição, a abonação, o sinônimo, a variação, a remissiva e a nota. A função de cada um desses itens foi esclarecida antes de mostrar como ele aparece na redação das entradas, ou seja, na microestrutura. No início do capítulo III, onde se encontra o quadro 5 com as acepções e a frequência das gírias em uso, encontram-se os critérios para a elaboração da redação das microestruturas, que seguem mesmos padrões da confecção de dicionários e glossários linguístico.

²⁴ Biderman faz referência a REY-DEBOVE (1967), que usa o termo desta forma: "... identificar de modo inequívoco o objeto definido (*definiendum*)..."

4 CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGÜÍSTICA

O estudo no âmbito da sociolinguística corresponde a um ramo da linguística e tem como objeto de estudo a língua, com enfoque na variação linguística, uma vez que ela concentra a pesquisa da língua em uso dentro da comunidade de fala e considera o que nela há de social. Para Sali A. Tagliamonte (2006, p. 3), a sociolinguística assinala que a língua existe no contexto, dependente do falante, onde ele fala e por que fala, já que a língua reflete a história pessoal e a identidade do falante, bem como fatores sociais, econômicos e geográficos num determinado espaço e tempo. Essa maneira de ver a sociolinguística também é formulada por Dermeval da Hora, quando se refere ao estudo da variação linguística, concebe a língua como instrumento social e revela a importância do “conhecimento da realidade local, sem perder de vista o geral, para que a partir dele sejam feitas reflexões que contribuam para algum posicionamento diante do que é dito, quando é dito e como é dito” (HORA, 2004, p.9). Para refletir mais acerca dos estudos sociolinguísticos, Tagliamonte apresenta algumas definições segundo especialistas:

the study of language in its social contexts and the study of social life through linguistics (Coupland and Jaworski. 1997, p.1)
the relationship between language and society (Trudgill, 2000, p. 21)
the correlation of dependent linguistics variables with independent social variables (Chambers, 2003. ix)²⁵ (apud Tagliamonte, 2006, p. 3).

Diante disso, pode-se afirmar que a sociolinguística se ocupa de explicar as relações entre a língua e a sociedade, buscando apresentar a sistemática entre essas duas instituições e de fato, admitindo a língua como sistema heterogêneo.

Os estudos da língua, segundo Labov (2008, p. 217), iniciam-se com base nas teorias expressas por Ferdinand de Saussure referindo-se ao conceito de língua, do início do século XX. A “*lengua* deve ser distinguida de *parole* ou “fala”, por um lado, e de *language* ou “linguagem”, por outro”. Segundo ele, a língua é a parte social da linguagem e, por isso, a linguística visava ao estudo dos signos no seio da vida social. Paradoxalmente, os linguistas da “tradição saussuriana não levam em conta a vida social: trabalham com um ou dois informantes em seus escritórios, ou examinam seus próprios conhecimentos da *langue*” e não

²⁵ O estudo de idioma em seus contextos sociais e o estudo de vida social por linguística.
A relação entre língua e sociedade.
A correlação de variáveis linguísticas dependentes com variável social independente.

consideram os fatores externos, como o comportamento social, em fatos linguísticos, admitem que estes são derivados de outros fatos linguísticos.

Porém, antes da dicotomia saussuriana de língua e fala, vale refletir sobre a metade do século XIX, com a obra do linguista A. Schleicher (1821-1867) que, segundo Faraco (2005, p. 32-40), concebeu a língua como um organismo vivo, com independência própria, sem influência dos falantes. Nessa teoria, a língua é vista como uma “história natural”. Em 1856-1857, ele publicou um de seus trabalhos do estudo lituano: o primeiro estudo de uma língua indo-europeu a partir da fala e não de textos. Mas logo no final desse mesmo século, a época dos neogramáticos, foi marcado pelos questionamentos dos pressupostos tradicionais da prática histórico-comparatista e o estabelecimento de uma orientação metodológica diferente e de um conjunto de postulados teóricos para a interpretação da mudança linguística. Eis o perfil da linguística do século XX. O início do movimento neogramático foi no ano de 1878, com a publicação de *Investigações Morfológica* de Hermann Osthoff e Karl Brugmann, cujo prefácio criticava a visão naturalista da língua; para eles, a língua tinha de ser vista ligada ao falante, e introduziram uma orientação psicológica subjetiva na interpretação dos fenômenos de mudança. Por outro lado, afirmavam que o objetivo principal do pesquisador não era chegar à língua origem do indo-europeu, mas estudar as línguas vivas atuais, apreender a natureza da mudança. Nesse sentido, temos uma diferente perspectiva para os estudos históricos: trata-se de criar uma teoria da mudança e não apenas arrolar correspondências sistemáticas entre línguas e reconstruir o passado.

Saussure delineará a importância de se tratar a linguagem como uma instituição sem análogos e analisá-la num caráter não-histórico. Humboldt, que defende a língua como uma atividade mental sistemática de elaboração, também afirma que nenhum elemento poderia ser estudado fora da forma da língua. Forma não gramatical, mas a todos os aspectos do trabalho mental contínuo da construção da expressão. Para ele, a linguagem e o pensamento constituem uma unidade: a língua torna possível a manifestação externa do pensamento e que ela é processo e não produto.

Ferdinand Saussure é conhecido como pai da linguística moderna (1857-1913), esta entendida como os estudos sincrônicos praticados intensamente durante o século XX em contraste com os estudos históricos do século anterior. O *Curso* de Saussure, publicado em 1916, só começou a aparecer no fim da década de 1920, depois de três fóruns em Haia (1928) e Praga (1929 e 1930) e pelas mãos de Roman Jakobson e Nikolai Troubetzkoy. Na verdade, a linguística continuou de caráter Histórico até a 2ª Guerra Mundial. A geração de sincronistas só aos poucos foi ocupando espaço acadêmico. Saussure propiciou condições para se construir

uma ciência da linguagem. Ele mostra que a língua funciona como uma teia de relações de oposição. A relação de língua e fala deu-se graças a Saussure em sua dicotomia entre língua e fala. Ele reserva à língua o caráter de instituição social; e à fala, o caráter individual. Em suas definições sobre a língua e a fala, Saussure esclarece:

[A fala] é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor, [enquanto a língua] não está completa em nenhum e só na massa ela existe de modo completo (*Curso*, 21; *Cours*, 30). Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la (*Curso*, 22; *Cours*, 31).

A língua não constitui uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente (...). A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações (*Curso*, 22; *Cours*, 30-31, apud LUCCHESI, 2004, p.46)

Refletindo sobre as limitações dos conceitos estabelecidos de língua como social e de fala como individual, uma vez que não se pode conceber a língua como um sistema homogêneo, Saussure circunscreve a língua no plano abstrato, e a fala no plano concreto. Porém, Coseriu observou que “a linguagem repousa na interação entre o individual e o social, que Saussure quis negar através de sua opção pelo sistema abstrato da língua” (LUCCHESI, 2004, p.48).

Labov (2008, p.302), que concebe a língua como um fato social, reconhece a língua como fato social, porém enfatiza que “nem todas as linguísticas dão a mesma ênfase a esse fato. Quando os linguistas escrevem sobre mudança linguística, encontramos um grau muito diferente de preocupação com o contexto social em que essas mudanças ocorrem”. Uns ampliam os fatos sobre os falantes e seu comportamento extralinguístico; outros, estreitam, acabam tratando mais do indivíduo. Hermann Paul, por exemplo, fundamentava os estudos no isolamento do indivíduo, e nesse sentido acreditava que “tinha vantagens de vincular a linguística a uma ciência mais geral da psicologia.” [...] “Nada tem existência real exceto os indivíduos particulares. [...] Espécies, gêneos, classes não passam de sínteses e distinções arbitrárias da mente humana” (WEINREICH, LABOV, HERZOG²⁶, 2006, p.41).

Entretanto, ainda no século XIX, encontravam-se defensores da comunicação em sentido social, como Witney, “A fala não é uma posse pessoal, mas social; ela pertence, não ao indivíduo, mas ao membro da sociedade” (WITNEY, 1901, p.404, apud LABOV, 2008, p. 302). Em outro momento, ainda, enfatiza que “o homem fala, portanto, primordialmente, não

²⁶ São referências da quinta edição (1920), numa tradução de Marcos Bagno (2008), conforme Referências.

com o intuito de pensar, mas de transmitir seu pensamento. Suas necessidades sociais, seus instintos sociais, forçam-no à expressão” (WITNEY, 1901, p.401, apud LABOV, 2008, p. 302).

A língua envolve o contexto social do falante, por isso “A língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio da comunidade” (TARALLO, 1986, p.14). Nesse sentido, a sociolinguística contribuiu grandemente como referente para os estudos da língua falada dos acadêmicos da graduação em Agronomia, na cidade de Dourados, no estado de Mato Grosso do Sul, uma vez que os acadêmicos constituem um grupo linguístico, cuja motivação da língua deve-se aos fatores sociais em que se encontram e com os quais convivem.

A língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada. E é exatamente essa heterogeneidade que precisa ser sistematizada, já que ela permite pesquisar a correlação entre variantes linguísticas e categoria social por meio de seleção, cruzamento e interpretação significativa desse cruzamento. Segundo Labov (2008, p. 21), para o estudo da mudança linguística deve-se “levar em conta a vida social em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo”.

Segundo Amusategi (1990, p.31), referindo-se a Fishman, a respeito de comunidade linguística, “Y al grupo cuyo miembros tienen al menos en común una variedad y comparten consensos reglas o normas para al empleo correcto de la misma lo llamaremos comunidad linguística, siguiendo a Fishman.”²⁷ A uniformização em desempenho linguístico e adoção de regras de comportamento social de grupo são atitudes que se verificam entre os universitários do curso de Agronomia em questão. O grupo é reconhecido por apresentar estilos de comportamentos sociais próprios. Os elementos do grupo assumem seu modo de ser de maneira consciente, como se confirma na fala dos informantes que declaram que o grupo possui um estilo peculiar social e na fala. A primeira é a informante de número 05, de 23 anos; a segunda, a informante de número 06, de 18 anos, ambas do 1º ano da graduação da UFGD:

“...acaba senu um istilu... qui você acaba impondu :::ah::: eu tenhu uma personalidadi dus mininus mais rústicu assim... intãu acaba agregandu issu como

²⁷ E ao grupo cujos membros têm ao menos em comum uma variedade e comportamento iguais, regras ou normas para o emprego correto da mesma chamaremos de comunidade linguística, segundo Fishman.

personalidadì nãu da pessoa comu ser... mas du istiuo comu ela vivi, istilu qui adotô... u istilu qui ela adotô” (INF05F¹F²¹).

“...achu qui vai tantu du istilu... é qui u istilu é realmenti differenti, tantu a forma di agir... teim personalidadì dimais pur ondi passar... só qui é differenti, tipu a otrus olhus né...tantu qui si a genti saí du nossu istadu, da nossa cidadì vai... qui é um grandi passu relacionadu as outras cidadì, qui tem istilu, qui assumi” (INF06F¹F²¹).

A fala das acadêmicas evidencia a confirmação de que os universitários constituem um grupo social com suas características específicas de modos de fala e ações cotidianas, que se diferenciam dos demais membros da sociedade.

Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. Tarallo (1986, p.08) explica as variações que ocorre na língua e esclarece na seguinte afirmação: “variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade.” As variáveis linguísticas originam-se por vários fatores, podem ser, por exemplo, de ordem geográfica ou diatópica, quando na mesma língua há marcas de pronúncia ou o léxico diferente em pontos distintos do território; de caráter social ou diastrática, ou seja, quando numa mesma extensão geográfica aparece uma diferença linguística, ligada às diferenças de classe social. Focalizam-se ainda diversos níveis de variação, que se relacionam desde o individual ao coletivo, facilmente identificados na língua nos aspectos semântico, sintático, morfológico, fonético e lexical. Cabe, então, à sociolinguística distinguir as variáveis linguísticas e as variáveis sociais. Pode-se dizer ainda que esta área de pesquisa representa um modelo teórico-metodológico de estudo da língua, como forma de sistematizar as variantes linguísticas. Por isso, os estudos nesses aspectos reconhecem a língua como heterogênea e dinâmica.

Pensando assim, a sociolinguística tem como interesse central estudar a variação linguística à luz das causas sociais. A análise interpretativa dos fatos linguísticos dá-se por diferenças sociais, profissionais, nível de escolaridade, faixa etária, sexo e outras células extralinguísticas, além das linguísticas.

Em 1963, em seu célebre estudo, o americano Willian Labov foi o primeiro a utilizar esse modelo teórico-metodológico para analisar e sistematizar variantes linguísticas usadas por uma comunidade de fala. O estudo foi sobre o inglês falado na ilha de Martha’s Vineyard, no Estado de Massachusets nos Estados Unidos da América. Ele estudou o tratamento de duas semivogais: a pronúncia do ditongo /ay/ e do ditongo /aw/ e analisou o

processo de centralização. Para isso, Labov parte em busca das correlações entre esse traço linguístico e os traços sociais.

Em 1972, num segundo estudo linguístico na cidade de Nova York, sobre a estratificação do /r/, Labov analisa duas maneiras distintas de sua realização: “primeira que a variável linguística (r) é um diferenciador social em todos os níveis da fala de Nova York e, segunda, que eventos de fala rápidos e anônimos poderiam ser usados como base para um estudo sistemático da língua” (LABOV, 2008, p.64). Nesse estudo, conforme Labov (2008, p.64), o “uso diferenciado do (r) mostra diferenças sociais refletidas no índice de uso da variável tanto quanto as diferenças mais flagrantes”, por exemplo, “o emprego de uma pessoa estava mais relacionado com o comportamento linguístico – para aquelas que trabalhavam ativamente – do que qualquer outra característica social” (LUCCHESI, 2006, p.66). Calvet (2002, p.93) esclarece que, nesse estudo, Labov define, “ao mesmo tempo, sua metodologia e sua teoria das relações entre as estratificações linguísticas e as estratificações sociais”.

Labov estendeu ainda suas análises de pesquisa com a linguagem da comunidade de adolescentes do Harlem em Nova York. Estudos como esses servem como base para outros estudos como o da criação das gírias, uma vez que estas demonstram tanto as estratificações linguísticas como as sociais, revelando o contexto em que as pessoas vivem e se comunicam.

A sociolinguística, considerando a língua como um fato social, constrói seu significado nas relações com a sociedade. Essa relação entre língua e sociedade já era conhecida e difundida pelo modelo de concepção estruturalista da linguagem das décadas de 20 e 30, sendo, porém, abandonada pela corrente gerativo-transformacional. Entretanto, no âmbito dos estudos lexicais, as relações se estabelecem entre a sociedade e a unidade lexical, evidenciando que a língua é dinâmica e social, e o seu vocabulário aponta a atualização do sistema, a partir das experiências pelas quais seus falantes passaram e passam.

O modelo teórico e metodológico da Sociolinguística, área de estudo chamada de Teoria da Variação e da Mudança Linguística ou Sociolinguística quantitativa inaugurada por Labov, gerou inúmeros trabalhos científicos no meio acadêmico das universidades brasileiras. Conforme Tarallo (1989, p.11-16), nas décadas de 70 e 80, os estudos iniciais da Teoria da Variação ficaram por conta de Anthony Naro, responsável pelo núcleo de pesquisas, com sede no Rio de Janeiro e Marcos Antônio Oliveira da Universidade Federal de Minas Gerais que também desenvolvia trabalhos na área. Assim como Solange de Azambuja Lira da Universidade Federal de Santa Catarina, Stella Maris Bortoni da Universidade de Brasília e Fernando Tarallo da Universidade Estadual de Campinas e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Estes são alguns exemplos que ilustram o início dos estudos da Teoria da

Variação do português falado no Brasil, com trabalhos que retrataram e retratam ainda hoje por meio de recentes estudos de especialistas da área e principalmente no meio acadêmico nas universidades espalhadas pelo país. Sob a ótica desse modelo teórico, inúmeros projetos visam aos estudos da língua, mesmo que isso aconteça em nível local ou regional. Registram-se as manifestações em descrever a língua portuguesa nos projetos como o VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil), que agrega os falares dos três estados da região Sul: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; o PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), da universidade Federal do Rio de Janeiro; o VALPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba), na universidade Federal da Paraíba.

Vale reafirmar, ainda, que os estudos da sociolinguística quantitativa investigam a língua nas comunidades, focalizando sua atenção para a correlação entre os aspectos linguísticos e sociais. Nesse sentido, as variações da língua se apresentam em nível de vocabulário, de sintaxe e de morfossintático. Dermeval da Hora, por exemplo, no projeto VALPB investigou o perfil linguístico dos falantes da comunidade de João pessoa, no estado da Paraíba, em nível fonético-fonológico e sintático. Já esta pesquisa da gíria usada por acadêmicos do curso em Agronomia da cidade de Dourados no estado de Mato Grosso do Sul encontra-se também sob a perspectiva variacionista, que compõe critérios na estratificação dos informantes e na metodologia da coleta dos dados para a constituição do corpus comuns aos demais estudos. A diferença ocorre no tipo de variação que se pretende buscar, nesse sentido a investigação fica por conta da variação no nível lexical na fala dos acadêmicos.

A variação linguística “pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas” (MOLLICA, 2003, p.10) chamadas de variantes, tecnicamente denominadas de variável dependente, marcada, por exemplo, pela ausência e presença de uma marca linguística. Uma variável acontece influenciada por grupos de fatores de natureza estrutural ou social. A respeito de estudos e metodologia da Teoria Variacionista Mollica esclarece:

A sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. Tais fatores são também referidos como variáveis dependentes, no sentido de que os usos de estruturas linguísticas são motivados e as alternâncias configuram-se por isso sistemáticas e estatisticamente previsíveis (MOLLICA, 2003, p.09).

Nesse sentido, ainda segundo Mollica (2003, p.11), entende-se que a variação encontra-se nos fatores internos da língua como “fono-morfo-sintáticos, semânticos,

discursivos e lexicais e nos fatores externos inerentes ao ser humano como a etnia e sexo; os sociais como escolaridade, profissão, classe social, nível de renda e os contextuais como grau de formalidade e tensão discursiva. Essa relação da variação linguística entre língua e sociedade na perspectiva sociolinguística sob diversos enfoques da variação pode ser observada em pesquisas em nível de mestrado no estado de Mato Grosso do Sul.

Na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, por exemplo, há pesquisas embasadas nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Quantitativa ou Teoria da Variação no sentido de descrição da língua em nível local no curso de Mestrado em Estudos de Linguagens. Antes disso, vale ressaltar a exemplo de professores as pesquisas como a da Dra. Rosangela Villa da Silva (2004) com a publicação da obra *Aspectos da Pronúncia do <S> em Corumbá-MS*, um estudo do <s> pós-vocálico no português falado em Corumbá-MS, comparando-o com o português falado em algumas regiões de Portugal na Europa; bem como a do Dr. Dercir Pedro de Oliveira, intitulada *O preenchimento, a supressão e a ordem do sujeito e do objeto em sentenças do português do Brasil: um estudo quantitativo*, publicada na obra *Fotografias Sociolinguísticas*, organizada por Fernando Tarallo (1989).

Já as pesquisas recentes da UFMS intituladas como *Nós e a gente: Traços Sociolinguísticos no Assentamento* (2008), de Cleuza Andrea Garcia Muniz, analisa a variação pronominal: os pronomes de primeira pessoa nós e a gente em função de sujeito no Português Brasileiro de uma comunidade de assentados localizada na zona rural de Ponta Porã, município ao sul do Estado do Mato Grosso do Sul; outro estudo que focaliza aspectos fonéticos e fonológicos é a pesquisa *A Linguagem dos pescadores de Corumbá-MS: uma abordagem sociolinguística* (2008), de Deusdélia Pereira de Almeida; com outro foco, há também o estudo da língua falada no nível sintático na pesquisa *As Construções de Tópicos na Fala dos Alunos da Escola Pública José Ferreira Barbosa*, de Diana Pilatti Onofre, (2009). Estas representam uma amostra das formas de variação da língua portuguesa falada no Brasil, bem como os trabalhos recentes realizados sob a ótica da Teoria da Variação.

Esta pesquisa também se inclui nessa categoria, já que sob a orientação dos estudos sociolinguísticos apresenta uma amostragem em nível lexical da fala dos acadêmicos do curso em Agronomia da cidade de Dourados no estado de Mato Grosso do Sul, com o enfoque na fala em uso nas situações de comunicação. A língua falada pelos acadêmicos apresenta-se influenciada pelos fatores externos à língua como o meio social, uma vez que o curso remete a especialidades da área rural e as marcas relacionadas ao campo rural são evidenciadas nos

textos orais dos acadêmicos e o contextual também, já que as situações de fala acontecem em situações especificamente informais.

A relação de aspectos da área rural na urbanização da sociedade brasileira é algo comum, uma vez que o ruralismo faz parte da formação da sociedade urbana brasileira. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p.197), “a sociologia tradicional no Brasil enfatiza as características rurais da sociedade brasileira e nossa urbanização tardia e desordenada.” Ela explica que isso acontece porque a formação urbana não acontece em função da industrialização como em países de primeiro mundo. Afirma, ainda, que “até início do século XX, o Brasil é considerado um país rural”. Hoje, as marcas do meio rural podem ser encontradas em algumas regiões e cidades do país como é o caso de Barretos em São Paulo, que cultua uma das maiores festas de rodeio, prestigiada por pessoas de diversas partes do país; as festas de exposição de agronegócio e rodeios em várias cidades das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste; as vaquejadas no Nordeste; além das músicas do gênero sertanejo que fazem sucesso local e se expandem em nível nacional.

A fala dos acadêmicos apresentam variação externa à língua como o contexto, já que acontece em situações informais e sociais, pois o ambiente em que convivem é revelado em suas falas, uma vez que se encontram diariamente sob os estudos voltados para a área de ciências agrárias e se apresentam em situações de comunicação informal com a língua falada especificamente voltada para o meio em que vivem. Quando são questionados se acreditam num uso peculiar na língua falada característico do grupo de acadêmicos de Agronomia, destacam as marcas da área rural, como se observa nas falas dos acadêmicos de séries distintas, da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Primeiro é a informante de número 06, de 18 anos, do 1º ano de graduação, e a segunda é a informante de número 10, de 21 anos, do 5º ano de graduação:

“...eu achu qui sim... qui possui sim até porque é um dialetu mais voltadu pru mundu du campu, mei caipira mesmu, acaba criandu” (INF06F¹F²¹).

“...eu achu qui teim até entri us professoris entri us próprius alunus... pelu fatu di a genti trabalhá mais a zona rural, elis incorporâu um pocu u piãu na hora di falá” (INF10F¹F²⁵).

A mesma ideia é compartilhada pelos acadêmicos de Agronomia da Faculdades Anhanguera de Dourados, quando questionados se existe o uso peculiar na comunicação entre

os acadêmicos, como se observa nas falas de informantes de séries diferentes, da faculdades Anhanguera de Dourados. Primeiro é o informante de número II, de 21 anos, do 1º ano de graduação, e a segunda é a informante de número XV, de 21 anos, do 5º ano de graduação:

“...u jeitu entri aspas caipira di falá... u jeitu qui só si falava im cidadi piquena... na roça... elis tendi a falá issu qui herdarão di avós... pais e bisavós e conviveim cum pessoas qui falão dessi jeitu... geralmenti morão im árias rurais o nas cidadis tambei... mas tem contatu cum fazenda... piõis... quera o nãu elis pegão um poucu dus dialetus né” (INFIIIA1).

“... completamenti né... completamenti differenti né... sei lá a genti pega mais u jeitu du pessuau da roça mesmu... du jeitu qui u pessuau fala... o jeitu mais comum né i trais pra dentru da facudade né... du jeitu mais erradu né” (INFXVF¹A5).

Diante das declarações, constatam-se que os acadêmicos das duas Instituições de Ensino pesquisadas, de séries distintas também, concordam que a língua falada envolve o meio em que se encontram interagidos diariamente, como se nota na leitura de: “...*dialetu mais voltadu pru mundu du campu, mei caipira...*”, “...*elis incorporão um pocu u pião na hora di falá...*”, “...*u jeitu entri aspas caipira di falá...*”, “...*lá a genti pega mais u jeitu du pessual da roça...*”. Uma amostra representativa dessa fala que eles afirmam existir se encontra nos capítulos III, sob a ótica das teorias da lexicografia e da Teoria Variacionista.

A gíria, na maioria dos casos, é considerada como uma variante linguística de baixo prestígio social. Esta visão se deve ao fato de a língua falada marcada pela gíria, de modo geral, ser associada a grupos de marginais. Todavia vale ressaltar, conforme esta pesquisa, que se refere à gíria usada por estudantes universitários, e conforme Preti (2003) que a gíria não está ligada especificamente a grupos delinquentes.

...há vocabulários de grupos restritos que não se ligam ao crime. Assim, recentemente, tem-se estudado a gíria de estudantes (cf. Castro, A. F., 1947; Connie E., 1996), a gíria os jovens (cf. Rector, M., 1975; 1984), a gíria do futebol (cf. Fernandez, M. C. L. O., 1974; e Proença, I. C., 1981; Feijó, L. C. S., 1974) etc (PRETI, 2003, p. 248).

Deve-se considerar, então, que o uso da gíria é destinado a grupos sociais independentes de sua classe social ou grau de instrução. Como se observa nesta pesquisa, o comportamento do grupo vai além da variante linguística, já que a maneira de se vestir, os

modos de andar e de sentar, a entonação de voz entre outras atitudes comuns aos elementos do grupo demonstram a identidade do grupo. “É a satisfação da auto-imagem. Assim a linguagem proporciona identificação e dá reconhecimento” (CABELLO, 1991, p. 95). Nas universidades, UFGD e Anhanguera, os acadêmicos da graduação em Agronomia são facilmente identificados, já que frequentemente encontram-se juntos e apresentam um visual comum na vestimenta, como se observará na imagem a seguir.

Figura 1 – Visualização de acadêmicos da graduação em Agronomia da Faculdades Anhanguera de Dourados – MS.



Fonte – Ioneide Negromonte de Vasconcelos Rocha
25.8.2009

A imagem dos acadêmicos foi registrada na Faculdades Anhanguera de Dourados no momento de intervalo entre as aulas de um dia comum. São dez alunos da graduação, e observa-se o predomínio de algumas peças de vestuário e acessórios comum entre eles, como o uso do boné, camiseta polo listrada, calça jean e coturno ou bota.

CAPÍTULO II – ASPECTOS DAS METODOLOGIAS APLICADAS

1 ROTEIRO METODOLÓGICO QUANTITATIVO

É fato que em qualquer língua seus falantes podem realizar, em suas falas, escolhas entre dois ou mais sons, duas ou mais palavras, duas ou mais estruturas. Esses comportamentos podem ser observados pelos próprios falantes da língua portuguesa no Brasil, principalmente quando se encontram em contatos com falantes de diferentes regiões ou com falantes de grupos sociais de línguas especiais, como por exemplo, a gíria. Essas mudanças representam as variações que acontecem na língua. O pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade linguística não é aleatória. Segundo Mollica (2003, p.12), a variação linguística pode ocorrer no eixo diatópico, consideram-se os limites físico-geográficos e diastrático, que se expressa conforme os diferentes estratos sociais, considerando as fronteiras sociais. Nesta pesquisa, a variação corresponde à diastrática, já que se refere aqui à língua falada de um grupo de estudantes universitários de cursos de graduação em Agronomia da cidade de Dourados-MS.

A ideia da variação da língua é específica de qualquer sistema linguístico, que promove o direcionamento de especialistas, de pesquisadores na busca de esclarecimentos sobre as motivações das escolhas linguísticas do falante.

Nesse sentido, o que se desenvolveu aqui, sob a luz dos estudos do léxico e da Teoria da Variação, foi a descrição das variantes lexicais utilizadas pela comunidade acadêmica dos cursos de Agronomia de Dourados-MS, considerando, como critério, duas Instituições de Ensino Superior (IES), que apresentam turmas já graduadas nesse curso. Identificadas, assim, duas IES como *locus* da pesquisa: a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) que oferece o curso desde 1978, ano de sua implantação; e a Faculdades Anhanguera de Dourados, desde 2003. Como o critério foi a IES que apresentasse turma concluída, o Centro Universitário da Grande Dourados - UNIGRAN - o mais recente, sem turma até o ano de 2009, não foi inserido.

O procedimento para a seleção dos informantes das instituições foi considerar os universitários que iniciavam e aqueles que terminavam o curso, como forma de verificar se a hipótese de que esse grupo significa uma comunidade de comportamento linguístico peculiar,

revelado pela preferência de escolhas lexicais, resultando no uso da gíria, e se acontecem as mudanças na fala dos iniciantes do curso. Como se observará na sequência dos capítulos, as turmas de 1º ano revelam maior dinamismo e transformação da língua falada, por meio de adequação da fala daqueles que chegam ao curso para inserir-se na comunidade e serem aceitos. Já as turmas de 5º ano mostram a permanência da comunidade, em função da manutenção das regras de comportamento linguístico e social que se verificará nos segundo e terceiro capítulos desta pesquisa.

Definida a comunidade social para a pesquisa, os acadêmicos de graduação em Agronomia, seguiram-se algumas orientações fornecidas por Tarallo (1986, p.26-28), no sentido de tornar a presença da pesquisadora como situação natural, espontânea e harmoniosa, principalmente pelos acadêmicos. Para tanto, procurou-se assistir aulas, juntamente com os universitários; frequentar quase diariamente a UFGD e a Anhanguera e adequar o comportamento social e linguístico ao do grupo entrevistado para manter o contato e a aceitação no grupo.

A pesquisa deu-se por amostragem, por isso foram selecionados, de acordo com o perfil antes estabelecido, 32 (trinta e dois) informantes, acadêmicos graduandos do curso em Agronomia, das 1ª e 5ª séries, distribuídos em 16 (dezesseis) informantes da UFGD e, 16 (dezesseis) da Faculdades Anhanguera. Desse número total de informantes em cada IES, o procedimento para a seleção ficou por conta dos critérios, além da instituição e ano de graduação, sexo, faixa etária, cidade onde reside durante o curso, filho de produtor rural e filho de outro tipo de empresário. As motivações para considerar os universitários que iniciavam e aqueles que terminavam o curso são as de verificar o mesmo comportamento linguístico no início do curso e se há permanece até o último ano de graduação.

Dessa forma, dos 16 informantes, 8 (oito) acadêmicos cursavam a 1ª série, sendo 4 (quatro) do sexo feminino e outros 4 (quatro) do sexo masculino. O mesmo procedimento foi realizado na 5ª série, num total de 8 (oito) acadêmicos selecionados, 4 (quatro) do sexo feminino e 4 (quatro) do sexo masculino.

Para a amostragem sociolinguística da norma dos acadêmicos na composição do corpus da pesquisa foram determinados os grupos de fatores: Inicialmente a variável linguística dependente, se as palavras catalogadas para a amostra pertenciam à modalidade padrão ou a gíria, seguida das variáveis independentes linguísticas ligadas as mais recorrentes extraídas das entrevistas dos informantes, como se havia o registro do conceito no dicionário de língua em relação ao dos acadêmicos, se há variação de conceito dessas palavras entre os acadêmicos ou se é norma, a classe e a extensão das palavras. De grande relevância também

são as variáveis sociais feitas por meio de estratificação de acordo com o ano de graduação, classificação da IES (pública e particular), sexo, a faixa etária, a relação com o campo, a residência fixa na cidade ou região circunvizinha. A descrição dessas variáveis fornecerá o perfil dos comportamentos linguístico e extralinguísticos dos estudantes em questão.

Para início prático na coleta de dados, foram indispensáveis alguns procedimentos como: comprovação de matrícula do acadêmico; elaboração de documento de autorização do acadêmico para divulgação de trechos da entrevista e imagens; elaboração de uma ficha onde configurassem dados informativos do acadêmico; elaboração de instrumento de entrevista para coleta de dados (questionários); coleta de dados no *locus*; transcrição das entrevistas de acordo com as normas de transcrição de entrevistas para sociolinguística; codificação dos dados; elaboração do miniglossário de gíria dos acadêmicos; descrição e análise do *cópus* na proposta da Teoria Variacionista do vocabulário extraído das entrevistas.

Encontrados os informantes, de acordo com os critérios estabelecidos, foram convidados a preencher a ficha pessoal e a declaração²⁸ autorizando a divulgação de trechos da entrevista e imagens. Como os informantes eram jovens universitários, não foi omitido que se tratava de um trabalho de língua. Além disso, os acadêmicos questionavam e também havia a informação na declaração.

A elaboração dos questionários teve como base para elaboração os questionários do Projeto Atlas Linguísticos do Brasil - ALiB - (2001), que se divide em questionários fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático, questões de pragmática, temas para discursos semidirigidos, perguntas metalinguísticas e finaliza com texto para leitura. Como a pesquisa tinha como alvo a variação lexical, optou-se por um questionário semântico-lexical, elaborado com base na observação prévia dos acadêmicos, por isso foi dividido em campos semânticos como festa; encontro; garoto(a); comportamento; vestuário; transporte, comida; colegas e finaliza, conforme a orientação de Tarallo (1986), com narrativas pessoais. O *cópus* foi extraído dessa primeira entrevista para a elaboração do segundo questionário, que é composto das palavras extraídas consideradas como gírias ou padrão.

Em seguida, foram aplicados os questionários:²⁹ o primeiro de caráter semântico-lexical, de natureza onomasiológica, em busca de denominações atribuídas pelos acadêmicos. Depois de terminada a etapa do primeiro, foi necessária a aplicação de um segundo, de natureza semasiológica, na tentativa de sistematizar os conceitos atribuídos pelos acadêmicos a determinadas denominações particularizada e sistematizada por eles, e principalmente como

²⁸ A ficha do informante e a declaração constam em apêndice nesta pesquisa.

²⁹ Os questionários encontram-se em apêndice nesta pesquisa.

respaldo na elaboração do miniglossário. Diante disso, O corpus foi constituído com base nos registros das palavras mais recorrentes, identificadas em 17 (dezessete) horas de gravação de entrevistas com os acadêmicos, por meio do instrumento gravador de voz do tipo Voice Editing, Versão 2.0, da marca Panasonic. As transcrições das entrevistas foram realizadas a partir da orientação do Prof. Dr. Pedro Caruso, segundo as adaptações realizadas dos procedimentos para a transcrição do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (Projeto NURC/SP)³⁰. Foram extraídas das entrevistas 74 (setenta e quatro) palavras e fraseologias mais recorrentes para a descrição da variação linguística usada dos acadêmicos. Dessas 74 palavras foram investigadas as ocorrências quanto às pertencentes à modalidade padrão e à gíria.

A coleta de dados, mediante as entrevistas, realizou-se nas universidades e em duas etapas, durante dois momentos do ano letivo de 2009. O primeiro questionário foi aplicado entre os meses de maio e junho do ano de 2009; já o segundo, nos meses de agosto e setembro, entretanto, o contado com os informantes estendeu-se até o mês de novembro, em função da manutenção dos encontros e, se necessário, estariam nas respectivas universidades para alguns esclarecimentos relacionados a informações de cunho linguístico ou extralinguístico.

Para analisar quantitativamente os dados colhidos, utilizamos o programa GoldVarb 2001, que se mostra uma importante ferramenta para auxiliar o trabalho de análise da variação na língua oral, não só da área da sociolinguística, mas de outras que enfocam a variação linguística como análise e descrição de estudos. O programa GoldVarb 2001 propicia a confecção de gráficos e tabelas que concede as descrições dos grupos de fatores estabelecidos em função de uma variável dependente e aponta efeitos das variantes independentes sobre a realização da regra de aplicação da variação.

Além da análise com base na coleta dos dados sociolinguísticos, este estudo também possibilitou, como um dos produtos esperados, a elaboração de uma amostragem em forma de glossário com as gírias e neologismos predominantes na fala dos acadêmicos de Agronomia da cidade de Dourados no estado de Mato Grosso do Sul.

Para tanto, foram utilizadas duas obras lexicográficas da língua portuguesa: um dicionário de língua geral da língua portuguesa - Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, de Houaiss e Villar (2001) - e outro dicionário de uso da língua - Dicionário de

³⁰ Normas do Projeto NURC/SP para transcrição, com adaptações da língua falada, realizadas pelo Prof. Dr. Pedro Caruso da UNESP – Assis/SP. As normas de transcrição com as adaptações encontram-se anexas.

Gíria, de Serra e Gurgel (2005). A escolha dessas obras como parâmetro para a dicionarização dos verbetes deve-se ao grau de relevância para a língua portuguesa no Brasil.

O Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa corresponde à edição integral de 2001, cujo número de entradas corresponde a 228.500³¹ unidades léxicas. Dessa forma, mostra que a obra consegue abarcar uma considerável representação da língua contemporânea, levando a entender que haverá conseqüentemente um grande número de gírias. O Dicionário de Gíria, de Serra e Gurgel (2005), faz-se presente para contribuir na organização da apresentação dos verbetes do glossário dos acadêmicos. Foi utilizada a sétima edição da obra, que apresenta 27.500 verbetes. Atualmente, já se encontra na oitava edição. Isso mostra a expansão da gíria e as transformações da língua portuguesa no Brasil.

Algumas imagens se fazem presentes como forma de fundamentar a argumentação, para isso foi usada uma câmera fotográfica da marca Sony Cyber-shot de 7.2 Mega pixels e registradas imagens de acadêmicos e das IES pesquisadas.

1. 1 Apresentação dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos.

Quadro 1 - Distribuição das variáveis linguísticas.

Grupo de fatores	Fatores linguísticos
1 Variável dependente:	P - padrão N - gíria
2 Conceito/significado entre os Acadêmicos:	S - variação U - norma
3 Acepção em relação ao dicionário:	M - correspondente D - não correspondente
4 Classes de palavra:	1 - substantivo 2 - adjetivo 3 - verbo 4 - outros (numeral, advérbio...)
5 Extensão de palavra:	A - monossílabo B - dissílabo C - trissílabo D - polissílabo

³¹ A informação do número de entradas foi dada por Villar (2001) na página eletrônica de apresentação do Dicionário.

Quadro 2 - Distribuição das variáveis extralinguísticas.

Grupo de fatores	Fatores extralinguísticos
1 Sexo	F - feminino M - masculino
2 cidade de origem	1 - Dourados 2 - outras cidades
3 Classificação da instituição ensino superior - IES	F - UFGD A - Anhanguera
4 Ano de graduação	I - 1º ano J - 5º ano
5 Idade	3 - menos de 25 anos 4 - acima de 25 anos
6 Relação com a área do campo rural:	G - sim H - não

2 UM POUCO DA COLONIZAÇÃO DE DOURADOS NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

Dourados, segunda maior cidade do Estado de Mato Grosso do Sul, com extensão territorial de 408.640,66 hectares, distando 225 quilômetros da capital, Campo Grande, e a 121 quilômetros da linha de fronteira do Brasil com o Paraguai, apresenta também extensa área de produção agrícola, formada por pequenos, médios e grandes agricultores e pecuaristas. Sua população originou-se a partir da Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND, criada no final da década de 1940, como forma de garantir a população territorial da região e a descentralização de populações nos grandes centros urbanos.

No início da década de 1940, o município contava com uma área de 19.688 km², englobando as áreas dos atuais municípios de Itaporã, Caarapó, Naviraí, Glória de Dourados, Fátima do Sul, Jateí, Ivinhema, Deodápolis, Angélica e Douradina. Pertencia ao Território Federal de Ponta Porã e apresentava uma população de 14.985 habitantes, sendo que desse total, 852

estavam localizados na zona urbana, 969 no perímetro suburbano e 13.164 habitavam a zona rural. Na época, a economia do território era representada basicamente pela exploração da erva-mate, do quebracho (Tatino) e pela criação bovina (GRESSLER & SWENSSON, 1988, apud SANTANA JUNIOR, J. R. 2008, p. 93-94)

Segundo dados do IBGE de 2009, a população atingiu o número de 189.769 de habitantes. Essa expansão se deu graças à criação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados, pelo governo Getúlio Vargas, no ano de 1943. Dentre as colônias criadas pelo governo foi a que mais se desenvolveu e teve destaque. Com a migração e imigração, na década de 60, houve um grande aumento populacional. A maioria dos migrantes era proveniente do Rio Grande do Sul; mas já havia uma população de migrantes nordestinos, que se radicara na Colônia Nacional de Dourados praticando agricultura de pequeno porte; os paulistas, os catarinenses e os paranaenses, que se dedicaram a atividades comerciais relacionadas à agricultura e os imigrantes japoneses.

As estratégias de colonização estavam apoiadas na estrutura da pequena propriedade, de modo que ela, lentamente, corresse a velha ordem latifundiária, e, aos poucos, instaurasse a nova realidade agrícola que o desenvolvimento industrial do país exigiria (LENHARO, 1986, apud SANTANA JUNIOR, J. R. 2008, p. 95).

A região atraiu muitos brasileiros que não tiveram sucesso em outras colônias. A cidade de Dourados teve seu desenvolvimento e transformou-se num centro agrícola. Principalmente com a chegada dos gaúchos que dominavam as técnicas do cultivo aliadas ao programa de desenvolvimento proporcionou o aumento produtivo da região. Baseado na expansão agrícola de Dourados, alvo dos Planos Nacionais de Desenvolvimento, a área recebeu a denominação de região da “Grande Dourados”, que atualmente é um dos principais polos econômico de atração do estado. Composta por 13 municípios: Dourados, Caarapó, Juti, Itaporã, Maracajú, Douradina, Rio Brillhante, Nova Alvorada do Sul, Fátima do Sul, Vicentina, Jateí, Glória de Dourados e Deodápolis.

As principais atividades econômicas de Dourados são a agricultura e a criação animal. Representa o maior produtor de milho do estado e o segundo em produção de soja e feijão, em rebanho suíno e em criação de aves. A cidade produz ainda ovos, mel de abelha, trigo, arroz, leite e possui criações de bicho-da-seda e pecuária bovina. Dessa maneira, Dourados representa uma região bastante propícia e promissora na área rural.

É comum encontrar pessoas, agricultores, por exemplo, que dependem financeiramente da soja, do milho, do trigo, e mais recentemente, da cana e da criação de

animais. Em determinadas épocas, eles ficam meses no campo envolvidos com o plantio ou com a colheita, ou no tratamento de animais, sem contato urbano; às vezes, com a ajuda da família; outras vezes, se tiver condição financeira, o pai fica no campo, e a família na cidade. Comum também é o jovem, filho de fazendeiro, chacareiro, sitiante ou até outro empresário, escolher a formação profissional voltada para a área do campo: Medicina Veterinária, Agronomia. Uma vez que ele enxerga as possibilidades e garantia na sua atuação profissional. Por ser oriundo dessas famílias, o alvo preferido dos vestibulandos é o curso de Agronomia.

Dourados possui quatro Universidades: Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD; Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS; Centro Universitário da Grande Dourados-UNIGRAN e Faculdades Anhanguera de Dourados. Das universidades de Dourados, três delas, UFGD, UNIGRAN e Faculdades Anhanguera de Dourados, oferecem o curso de Agronomia.

A cidade de Dourados, graças às universidades, oferece curso em várias áreas de conhecimento, por isso possui rotatividade de jovens que chegam para os cursos de graduação, Mestrado e Doutorado, e depois não se pode afirmar que permanecem na cidade ou se vão buscar outros lugares para as atividades profissionais. Durante o curso, a maioria reside em Dourados, como poderá ser constatado no quadro 3, da página 73 (cidade de origem/cidade onde moram, durante o curso em Agronomia).

3 O LOCUS DA PESQUISA: UNIVERSIDADES E SEU LINGUAJAR

Para a realização da coleta de dados para este trabalho, foram visitadas as Universidades de Dourados, no estado de Mato Grosso do Sul, que oferecem o curso de Agronomia. O município possui quatro Universidades, já citadas alhures. A UFGD³² antes denominada de Centro Universitário de Dourados (CEUD). Coincidentemente, a Anhanguera também sofreu mudança na denominação, antes era chamada de UNIDERP (Universidade Para o Desenvolvimento do Estado e Região do Pantanal). Dessas Instituições de Ensino Superior, três oferecem o curso de Agronomia, são elas: Universidade Federal da Grande

³² A Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) inaugurou o Câmpus de Dourados em dezembro de 1970, o então Centro Pedagógico de Dourados, que iniciou os cursos de Letras e Ciências Sociais. Depois foram implantados diversos cursos. Em 2006, foi criada a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), com sede própria, que promoveu o desmembramento da UFMS. Os cursos já existentes passaram a fazer parte da nova Instituição.

Dourados (UFGD), curso mais antigo, implantado em 1978; da rede particular, as instituições: Faculdades Anhanguera de Dourados, curso em funcionamento desde 2003 e UNIGRAN-Centro Universitário da Grande Dourados, o mais recente, sem turma até o ano de 2009.

Para melhor credibilidade da pesquisa, optou-se pela escolha de apenas duas IES, uma vez que a terceira Instituição não possuía turma formada, permanecendo, assim, as Universidades: UFGD e Faculdades Anhanguera de Dourados, que, a partir da coleta de dados dos acadêmicos informantes, por meio das respostas orais aos inquéritos, subsidiaram este estudo.

A instituição de ensino da rede particular, Faculdades Anhanguera de Dourados³³, localizada na parte central de Dourados, no Estado de Mato Grosso do Sul, oferece o curso de Agronomia na área de Ciências Exatas, e disponibiliza 110 vagas por ano, em regime semestral, com duração de 9 semestres³⁴, nos períodos matutino e vespertino. Nestes períodos, a Faculdade funciona com dois cursos apenas, o de Agronomia e o de Medicina Veterinária. A infraestrutura do prédio é composta de blocos com salas de aula, laboratórios nas áreas de Comunicação Social, Tecnologia, Ciência e Saúde e Engenharia, e um hospital veterinário, que dão suporte aos acadêmicos. Além disso, conta também com mais de uma fazenda escola, essas localizadas na região de Dourados, onde se realizam as aulas de campo ou práticas.

Circula diariamente na Faculdade um número aproximado de 1000 acadêmicos, considerando cinco turmas de alunos em salas de aulas dos cursos de Agronomia e Medicina Veterinária, nos períodos matutino e vespertino, com início às 7h30min e término das aulas às 17 horas. À noite, a Universidade oferece também cursos nas áreas de Administração de Empresas, Contabilidade, Finanças, Pedagogia, Psicologia, Serviço Social, Estudos das Novas Mídias, Logística, Marketing entre outros.

Apesar do curso de Agronomia pertencer à área de exatas, proporciona a formação de profissionais para atuarem em atividades rurais como agricultura, pecuária, silvicultura e pesca. As especificidades profissionais são nas áreas de agrometeorologia, ecologia, economia, engenharia rural, entomologia - pesquisa e manejo de insetos úteis à plantação - e

³³ A Faculdades Anhanguera de Dourados, instituição privada de ensino superior, fixou-se em Dourados no Estado de Mato grosso do Sul a partir do ano de 2006. Antes, a denominação da instituição era apenas UNIDERP-Universidade para o Desenvolvimento do Estado e Região do Pantanal. Ela originou-se em 1978, denominada de CESUP-Centro de Ensino Superior, na cidade de Campo Grande-MS. Com o desenvolvimento da instituição e expansão de unidades em outras cidades, a partir de 1990, passou a denominar-se de UNIDERP e chegou a Dourados no ano de 1999. Porém no ano de 2007, a Uniderp foi vendida para a Anhanguera Educacional Participações S/A, de São Paulo, do Estado de São Paulo. Assim, Dourados-MS possui a Universidade Anhaguera-Uniderp.

³⁴ A partir do ano de 2010, o curso de Agronomia da Universidade Anhanguera-Uniderp passará a oferecer o curso de Agronomia em 10 semestres, totalizando cinco anos completos.

fitopatologia - combate às pragas e prevenção de doenças na lavoura. Dessa forma, o universo acadêmico refere-se à área do campo rural, e como profissional o campo poderá ser o seu espaço de trabalho, se não será sempre o seu tema dos discursos científicos.

A instituição de ensino público, a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), localizada no quilômetro 12 da rodovia Dourados/Itahum do município de Dourados, oferece o curso de Agronomia desde 1978, na área de Ciências Agrárias e disponibiliza 50 vagas por ano em regime seriado, com duração mínima de cinco anos, nos períodos matutino e vespertino.

A Universidade possui ampla infraestrutura, e em constante crescimento tanto na criação de novos cursos como em processo de construção civil. A área é dividida em diversos blocos de faculdades com suas respectivas áreas. O curso de Agronomia, por exemplo, pertence à Faculdade de Ciência Agrária (FCA). Há ainda os cursos oferecidos pelas Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Engenharia (FACE); Faculdade de Ciências Biológicas e Ambientais (FCBA); Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologias (FACET); Faculdade de Ciências Humanas (FCH); Faculdade de Ciências da Saúde (FCS); Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FACALE); Faculdade de Direito (FADIR) e a Faculdade de Educação (FAED). O espaço onde se situa a UFGD é totalmente acadêmico, já que em frente à Universidade Federal, encontra-se também a Universidade Estadual de Mato grosso do Sul. A FCA possui, além de Agronomia, outros cursos de graduação, como Engenharia Agrícola, Zootecnia e cursos de Pós-graduação em Agronomia, em nível de Mestrado e Doutorado, e Mestrado em Zootecnia.

Segundo o manual do candidato do processo seletivo da UFGD - verão 2009, o curso de Agronomia objetiva a formação de profissionais na modalidade de Engenheiro(a) Agrônomo(a) com as seguintes expectativas:

...formar Engenheiros Agrônomos com capacidade técnico-científica e responsabilidade social, apto a promover, orientar e administrar a utilização e otimização dos diversos fatores que compõem os sistemas de produção, transformação e comercialização, em consonância com os preceitos de proteção ambiental, além de planejar, pesquisar e aplicar técnicas, métodos e processos adequados à solução de problemas e à promoção de desenvolvimento sustentável. (Manual do candidato a acadêmico, Vestibular de verão 2009).

O ambiente universitário mostra-se bastante movimentado logo pela manhã, com a chegada de muitos carros e ônibus. As pessoas começam a circular pelo pátio, um fluxo intenso de alunos, professores, funcionários, visitantes, a partir das 7 horas, já que o início das

aulas realiza-se às 7h30min. No horário para almoço, um número considerável de alunos, não só da área agrária, mas também de outras, permanecem na instituição e almoçam no restaurante universitário (RH), pois retornam às aulas logo às 13h20min, e findam às 16h50m ou às 17h40min. A carga horária corresponde fielmente ao número de aulas presenciais dos acadêmicos do 1º ano do curso de Agronomia da UFGD, do ano letivo de 2009. Apenas os acadêmicos do 5º ano, no segundo semestre, saem da Universidade para estágio e elaboração da monografia, que é o trabalho de conclusão do curso. Situação comum também aos acadêmicos do último semestre do curso em Agronomia da Universidade Anhanguera - Uniderp.

Com relação à permanência na Universidade, se comparado aos acadêmicos da rede pública, esse tempo difere muito dos acadêmicos da rede privada. A permanência deles nesta última é menor por dois fundamentais motivos: a carga horária e a localização urbana da Instituição. Na Anhanguera, os acadêmicos do 1º ano do curso, do ano letivo 2009, frequentam aulas presenciais, no segundo semestre, por exemplo, apenas no período matutino, evidentemente isso deve se intensificar nos semestres subsequentes. Raros são os acadêmicos que utilizam ônibus para se locomover até a Universidade. A maioria se desloca a pé, porque reside perto da Instituição, ou usa carro. Nota-se, em razão disso, um grande volume de carros pequenos e utilitários nos estacionamentos (há mais de um estacionamento) e ao redor da Universidade.

Ao observar, por exemplo, os acadêmicos da Faculdades Anhanguera de Dourados em diferentes períodos de aula - diurno e noturno - percebe-se amplamente como se diferem visualmente dos acadêmicos de outras áreas. Nas salas de aula, nos laboratórios, nas aulas de campo, nos corredores, no pátio, na área de refeição, predomina a imagem de jovens rapazes, trajando calças jean justa, camiseta listrada, bota ou botina e boné. Já as moças são em número menor em relação aos rapazes, mas também a imagem do vestuário é similar à dos rapazes. Elas usam calça jean justa, camiseta polo, modelo baby look, bota ou coturno, semelhante ao modelo de uma bota. Na UFGD, essa imagem não é diferente, é clara no bloco da FCA e nos grupos que se formam no horário de intervalo para o lanche ou no restaurante da Universidade.

Embora nessas duas instituições de ensino se concentrem jovens acadêmicos em situações diferenciadas, como ambiente acadêmico, como condição socioeconômica, como relação familiar, estes podem ser identificados como pertencentes a uma só comunidade, uma vez que é comum ao jovem acadêmico de Agronomia o amor à terra, à valorização de comportamentos como o vestuário e à linguagem habitual relacionada ao campo.

Figura 2 – Visualização do bloco da Faculdade de Ciências Agrárias no Câmpus II da Universidade Federal da Grande Dourados.



Fonte: Ioneide Negromonte de Vasconcelos Rocha
20.10.2009

Figura 3 – Visualização do bloco da Faculdades Anhanguera de Dourados.



Fonte – Ioneide Negromonte de Vasconcelos Rocha
17.11.2009

4 O PERFIL DE ACADÊMICOS DA GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA

A propósito dos acadêmicos envolvidos, além da amostra do comportamento linguístico oral, uma série de outras informações extralinguísticas foi catalogada para revelar o perfil social dessa comunidade, já que nos estudos da língua oral deve levar em consideração o ambiente social do falante. Os dados foram resumidos no quadro 3 da página 73 a seguir. Entretanto para se chegar às informações foram necessárias algumas formalidades. No primeiro contato com os informantes das universidades, cada um deles preencheu uma ficha com o próprio punho, seguida de uma declaração que autoriza a divulgação de trechos de transcrição da entrevista concedida por eles. A partir das informações desta ficha, originou-se o quadro de dados, por meio do qual é possível visualizar o perfil dos acadêmicos de Agronomia das universidades pesquisadas.

São dados que dizem respeito aos aspectos sociais e linguísticos, e sobre o espaço circundante do informante. Para compreensão eficaz do quadro, algumas orientações se fazem importantes, em função da utilização de códigos como os seguintes:

Ordem – refere-se à numeração correspondente ao quantitativo de acadêmicos-informantes.

Informantes – os informantes foram numerados de 01 a 16, informantes da UFGD e de I a XVI para informantes da Anhanguera.

Iniciais – correspondem às iniciais dos nomes dos informantes, salvaguardando-lhes as identificações.

Idade – instituiu o quantitativo de anos de vida de cada informante, revelando a variação entre a idade de entrada e de saída da maioria dos acadêmicos.

Sexo – revela acadêmicos entrevistados do sexo masculino (M) ou do sexo feminino (F¹).

Universidade – a sigla UFGD corresponde ao estudante de Agronomia da Universidade Federal da Grande Dourados e Faculdades Anhanguera, a outra universidade pesquisada; simplificadas em F² (para Federal) e A (para Anhanguera).

Série – corresponde ao ano ou série de graduação do acadêmico.

Cidade de origem – localidades de onde vêm os acadêmicos, local de residência dos pais.

Durante o curso cidade onde mora – a localidade onde residem os acadêmicos durante o curso de graduação. A expressão **durante o curso** encontra-se simplificada em DC.

Código do informante – traz em síntese: informante, numeração correspondente ao nome, em algarismos arábicos para os acadêmicos da Universidade Federal e algarismos romanos para os acadêmicos da universidade privada, sexo, universidade (F² para Federal e A para Anhanguera) e série para o ano de graduação.

A partir das informações sociais obtidas sobre a comunidade, foram confeccionados gráficos que apresentam alguns dados quantitativos que esclarecem a imagem do perfil dos acadêmicos durante o período da graduação em Agronomia cidade de Dourados. As informações referem-se aos aspectos do cotidiano, partindo da ideia da convivência familiar do estudante durante o curso, se mora com sua família, ou com irmãos, ou em repúblicas, ou sozinho, ou casado. Além disso, mostra-se também se o acadêmico reside em Dourados durante esse período de estudos ou se reside em cidades circunvizinhas, nesse caso se ele ou ela vem à universidade e volta diariamente para sua cidade.

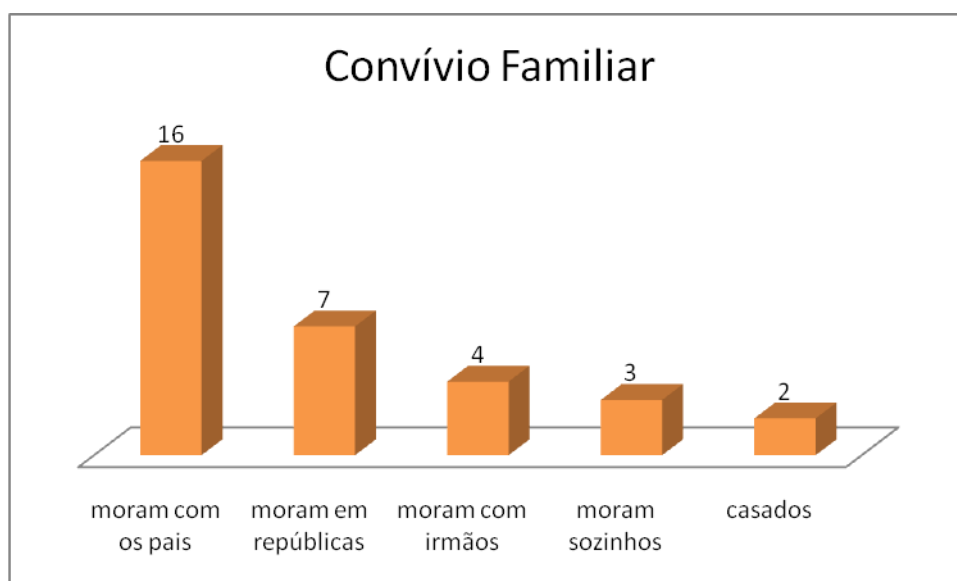
Como se refere aqui à amostra da fala de acadêmicos de Agronomia, verificou-se qual é a relação do estudante com a área rural, se é filho de produtor rural, ou neto, ou sobrinho, ou não há contato, é simplesmente um jovem da área urbana envolvido com a área agrária. A imagem do vestuário de jovens, homens e mulheres, chama a atenção pela particularidade de algumas peças de uso comum entre eles como o cinto de fivela grande, calça justa, botina ou coturno, são peças não usuais entre acadêmicos de outras áreas científicas e da comunidade geral. Somado a isso, mostram-se ainda o gosto musical, que é preferencialmente o gênero sertanejo, e o reconhecimento de estudantes do curso de que utilizam como código de comunicação entre os componentes do grupo a gíria.

Para tanto, gráficos construídos de números 1 a 6 apresentam as principais informações extralinguísticas que revelam o ambiente de social e cultural dos acadêmicos entrevistados, e direciona a compreensão da interferência desses fatores no comportamentos linguístico da comunidade.

Quadro 3 - Dados informativos dos acadêmicos entrevistados:

Ordem	Informantes	Iniciais	Idade	Sexo	Universidade	Série	Cidade de origem	DC, cidade onde mora	DC, com quem mora	Código do Informante
01	INF01	A.C.	21	M	UFGD	1ª	Laguna Caarapã-MS	Dourados	amigos -república	INF01MF1
02	INF02	E.R.S.M.	18	M	UFGD	1ª	Dourados-MS	Dourados	pais	INF02MF1
03	INF03	G.V.M.S.	22	M	UFGD	1ª	Dourados-MS	Dourados	pais	INF03MF1
04	INF04	T.C.K.	17	M	UFGD	1ª	Eldorado-MS	Dourados	amigos- república	INF04MF1
05	INF05	C.O.B.	23	F¹	UFGD	1ª	Campo Grande-MS	Dourados	amigos- república	INF05FF1
06	INF06	L.N.S.	18	F¹	UFGD	1ª	Dourados-MS	Dourados	pais	INF06FF1
07	INF07	V.A.C.	18	F¹	UFGD	1ª	Ponta Porã-MS	Dourados	irmã	INF07FF1
08	INF08	V.S.A.	20	F¹	UFGD	1ª	Dourados-MS	Dourados	pais	INF08FF1
09	INF09	J.R.	24	F¹	UFGD	5ª	Céu-azul-PR	Dourados	sozinha	INF09FF5
10	INF10	A.M.	21	F¹	UFGD	5ª	Dourados-MS	Dourados	esposo	INF10FF5
11	INF11	P.G.F.	23	F¹	UFGD	5ª	Corumbá-MS	Dourados	sozinha	INF11FF5
12	INF12	J.S.	24	F¹	UFGD	5ª	Campo Grande-MS	Dourados	irmã	INF12FF5
13	INF13	M.L.P.J.	25	M	UFGD	5ª	Dourados-MS	Dourados	pais	INF12MF5
14	INF14	M.C.	25	M	UFGD	5ª	Dourados-MS	Dourados	pais	INF14MF5
15	INF15	R.A.	25	M	UFGD	5ª	Maracaju-MS	Dourados	Amigos-república	INF15MF5
16	INF16	R.C.F.	23	M	UFGD	5ª	Fátima do Sul-MS	Dourados	sozinho	INF16MF5
17	INF1	A.M.C.J.	19	M	Anhanguera	1ª	Dourados-MS	Dourados	pais	INF1MA1
18	INF2	A.G.S.	21	M	Anhanguera	1ª	Dourados-MS	Dourados	pais	INF2MA1
19	INF3	A.J.E.	17	M	Anhanguera	1ª	Maracaju-MS	Maracaju	pais	INF3MA1
20	INF4	L.P.M.A.	19	M	Anhanguera	1ª	Ivinhema-MS	Ivinhema	pais	INF4MA1
21	INF5	G.L.M.	19	F¹	Anhanguera	1ª	Santa Maria-RS	Dourados	pais	INF5FA1
22	INF6	R.B.V.	21	F¹	Anhanguera	1ª	Dourados-MS	Dourados	pais	INF6FA1
23	INF7	P.R.S.	21	F¹	Anhanguera	1ª	Nova Andradina-MS	Dourados	amigos-república	INF7FA1
24	INF8	N.C.C.	17	F¹	Anhanguera	1ª	Ivinhema-MS	Dourados	amigos-república	INF8FA1
25	INF9	J.L.M.B.	23	M	Anhanguera	5ª	Amambai-MS	Dourados	irmã	INF9MA5
26	INF10	E.A.B.	28	M	Anhanguera	5ª	Rondonópolis-MT	Dourados	Pais -(casado)	INF10MA5
27	INF11	R.F.C.	23	M	Anhanguera	5ª	Dourados-MS	Dourados	pais	INF11MA5
28	INF12	V.N.C.	25	M	Anhanguera	5º	Dourados-MS	Dourados	pais	INF12MA5
29	INF13	F.G.O.	22	F¹	Anhanguera	5ª	Dourados-MS	Dourados	pais	INF13MA5
30	INF14	E.S.	26	F¹	Anhanguera	5ª	Glória de Dourados-MS	Dourados	Amigos-República	INF14MA5
31	INF15	L.M.	21	F¹	Anhanguera	5ª	Jardim-MS	Dourados	pais	INF15FA5
32	INF16	J.	22	F¹	Anhanguera	5ª	Ponta Porã-MS	Dourados	irmã	INF16FA5

Gráfico 1 – Perfil de acadêmicos da Agronomia, segundo o convívio familiar durante a graduação.



O gráfico 1 evidencia que metade dos acadêmicos entrevistados, ou seja, 50% deles residem com os pais, provavelmente isso acontece em função da idade jovem dos acadêmicos. Como se poderá constatar no gráfico 11 sobre a variável idade.

O curso de graduação em Agronomia acontece com aulas presenciais em período integral, revelando o envolvimento de grande parte do tempo diário do acadêmico com os estudos. Ainda assim, mesmo com os compromissos de docente na universidade, a outra metade dos acadêmicos entrevistados ainda possuem inúmeras outras responsabilidades fora dela, já que moram sozinhos, com irmãos, em repúblicas ou são casados. Isso significa que precisam estudar, cuidar da própria alimentação, do vestuário, da moradia e outros compromissos que vêm em decorrência disso. Vale observar que eles não só estudam, também precisam de momentos de alegria e diversão mesmo longe de casa, como se verifica na fala da informante de número 05, de 23 anos, do 1º ano de graduação da UFGD:

...é qui geralmenti república... normalmenti aqui u pessuau mora mais im república... intâu acaba sendu... hoji a festa ...i a genti brinca u vucu vucu vai sê na república tau... arrasta pé vai sê na república xis (INF05F1F21).

Não se esperava encontrar acadêmicos casados, porque o curso de período integral exige muita disponibilidade, assim como o casamento. Uma grande parte de estudantes, principalmente da UFGD e aqueles que moram sozinhos ou em repúblicas, permanece nas

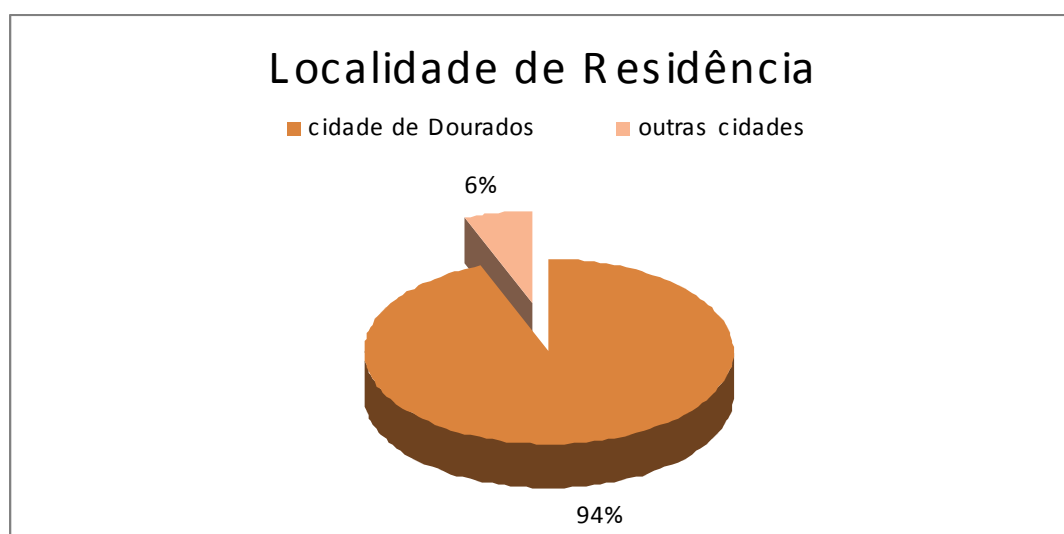
dependências do campus duante o almoço para aproveitar mais o tempo em atividades fora da sala de aula e economizar, já que o câmpus II da UFGD localiza-se a 12 km da cidade. Comportamente que não acontece na Faculdades Anhanguera porque o prédio situa-se nas proximidades do centro da cidade.

O mais disponível e privilegiado talvez seja o acadêmico que goza do conforto de morar na casa dos pais, o que lhe permite mais tempo para se dedicar à formação acadêmica. Enquanto isso, aqueles que moram em repúblicas ou sozinhos sempre procuram se reunir, ou fazer o *junta* como eles dizem, na casa de um deles, ou numa república para os momentos de encontros, que vão desde a reunião de grupos de estudos a festas bem agitadas que duram a noite inteira e vai até o amanhecer. A referência de reunirem em casa ou república do colega é uma constante na vida cotidiana dos estudantes, como se observa da fala da informante de número XIII, de 22 anos, do 5º ano da Anhanguera:

...vamu assá uma carni na casa do fulanu... essas coisa assim... tomá uma cerveja... porqui é assim... (INFXIIIF¹A5)

Provavelmente ocorra essa necessidade de ficaram juntos, porque encontram o aconchego, o carinho e a amizade, tão necessários no cotidiano das pessoas. A ausência e a distância de suas famílias e de suas casas contribuem para maior aproximação entre os acadêmicos.

Gráfico 2 - Perfil de acadêmicos da Agronomia, segundo a localidade de residência durante a graduação.



O gráfico 2 revela que durante o período da graduação, a concentração dos acadêmicos de Agronomia é na cidade de Dourados. A residência de 94% deles é na cidade, a esse percentual incluem-se aqueles que vivem no município, com seus familiares, e também aqueles oriundos de lugares vizinhos. Dos acadêmicos entrevistados, metade deles vem de cidades próximas como: Amambaí, Fátima do Sul, glória de Dourados, Ivinhema, Jardim, Laguna Caarapã, Maracaju, Nova Andradina, e Ponta Porã. Nesse montante, há também acadêmicos da capital Campo Grande e de cidades mais distante como Corumbá e Eldorado; dois acadêmicos são da região Sul do país, entretanto residem em Dourados desde a infância.

O curso com a duração de cinco anos permite a interação dos acadêmicos, já que a maioria se encontra diariamente e permanece na mesma cidade. O percentual de 6% corresponde a dois acadêmicos da Anhanguera que fazem o percurso de ir e vir todos os dias, retornando à cidade de origem (Ivinhema e Maracaju) ao término das aulas.

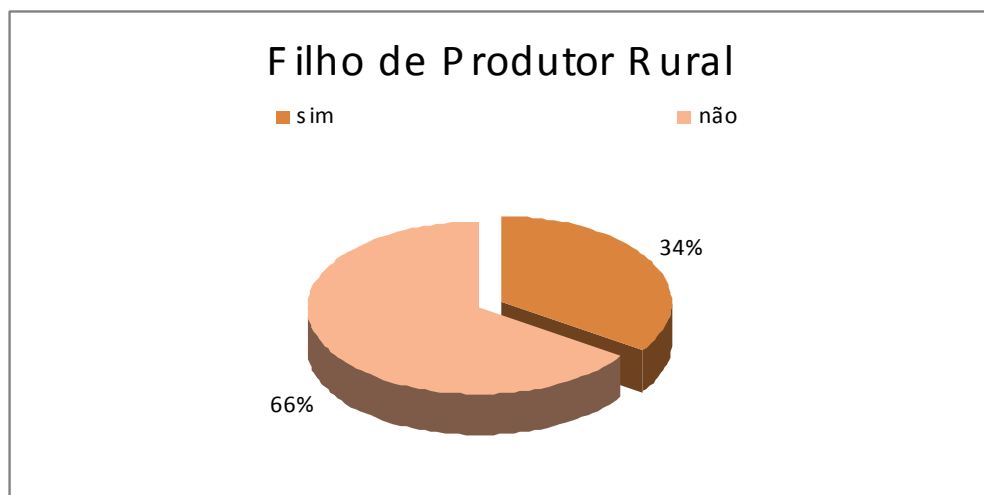
Os estudantes do curso, que residem em Dourados, cujas famílias encontram-se em cidades vizinhas, correspondem a 43,75%. Pode-se refletir sobre a união do grupo em função do contato diariamente e também da ausência familiar. Essa harmonização e união do grupo é revelada no depoimento da informante de número XV, de 21 anos, do 5º ano da Anhanguera:

“...eu gostu di tá juntu cum meus amigus né... u pessoau da faculdadi... nossu pessuau aí... intão essas festas di final di semestri qui a genti faiz é beim legau... geralmenti junta toda turma i a genti começa umas oitu da mainhã i termina umas novi da noiti, u pessuau todú mundu juntú... todú mundu bebu... comentanu da vida du otu... é beim divertidu... tadas as festa de final de semestri... desdi quandu a genti começou... foi beim marcanti... a genti si uni mais” (INFXVF¹A5).

As declarações são de uma estudante, que mesmo sendo moradora de Dourados e com seus pais, revela a relação de afetividade dos acadêmicos, somada ao prazer de estar junto como se nota em: “...gostu de tá juntú [...] nossu pessuau...” não se refere apenas às festas, mas a amizade, a cumplicidade do grupo no cotidiano.

Independente do ano de graduação e se é da cidade ou não, eles procuram ficar juntos. Naturalmente, aqueles que iniciam o curso se aproximam e assimilam os comportamentos linguístico e sociais. Mesmo com a rotatividade dos componentes da comunidade, os calouros que chegam, os veteranos que saem, o comportamento dos calouros quanto à adesão ao grupo revela a manutenção e permanência das mesmas atitudes grupo universitário.

Gráfico 3 - Perfil de acadêmicos da Agronomia, quanto a filiação.



O gráfico 3 apresenta que a menor parte dos acadêmicos tem origem no campo. Os dados de 34% significam que a relação com o campo é de filhos de pais produtores rurais, da área da agricultura ou pecuária. Entretanto, não são jovens que moram em fazendas, normalmente residem nos centros urbanos e frequentam o campo nas férias, às vezes, nos finais de semana ou feriados. Isso não significa que o número de 66% não apresente acadêmico que possua alguma relação com a área rural mesmo que em menor frequência. Há alguns que possuem na família um avô ou um tio proprietário de áreas rurais, cujo neto ou sobrinho de alguma forma possui contato com o campo.

O grupo do curso de Agronomia faz questão de se identificar como pessoas voltadas para a área da terra, que gostam e valorizam-na, costumam ficar sempre juntos nos intervalos na universidade, em festas ou rodas de tereré. Entretanto, é evidente que a maior parte reside na cidade, não possui relação com o campo, em outras palavras, não é filho de produtor rural ou a família não possui fazenda, chácara ou sítio. Já o cotidiano, no universo acadêmico, é voltado para o campo, influenciando no seu comportamento, como se observa na fala do informante de número II, de 21 anos, do 1º ano de graduação da Anhanguera:

“...adota... i purque teim certas pessoa qui Elis vêm da cultura mesmu... qui é tradicional... é u tal chucru, essi aí é chucru mesmu... é caubói mesmu... agora tem galera qui mora na cidadi... u pai num tem nada a vê cum fazenda i usaum tambeim” (INFIIMA1).

A história mostra que no processo de urbanização ocorre a migração da população rural para os centros urbanos. Pode acontecer com essa minoria, como profissionais de Engenharia Agrônômica, de percorrer o caminho inverso. Aquele que faz parte da população

urbana, vive numa sociedade acadêmica, com o seu olhar é voltado para o campo, especificamente para os cuidados com produções de agricultura. Provavelmente essa seja uma das razões desta busca e uso da língua considerada do campo, como se evidencia na fala da informante de número 06, com idade de 18 anos, do 1º ano da UFGD:

“...é um dialetu mais voltadu pru mundu du campu... mei caipira mesmu, acaba criandu ” (INF06F¹F²1).

Na visão do acadêmico, a área rural encontra-se muito próxima da área urbana, e o contexto rural influencia o urbano, como se verifica na fala do informante de número III, com 17 anos, do 1º ano da Anhanguera:

“é qui geralmenti qui é usadu nu campu você acaba acostumandu i usa na cidadi também né (...) é qui geralmenti... us professoris já são mais istilu caipira... assim vãu mais istilu caipira... assim vãu sabê falá assim fala também di forma daqui uns anus né. (...) elis está invouvidu cum us alunus, us alunus acaba passanu algumas gírias qui eli alguma coisa assim acha legau e começa a usá nu mesmu tempu ” (INFIIIIMA1).

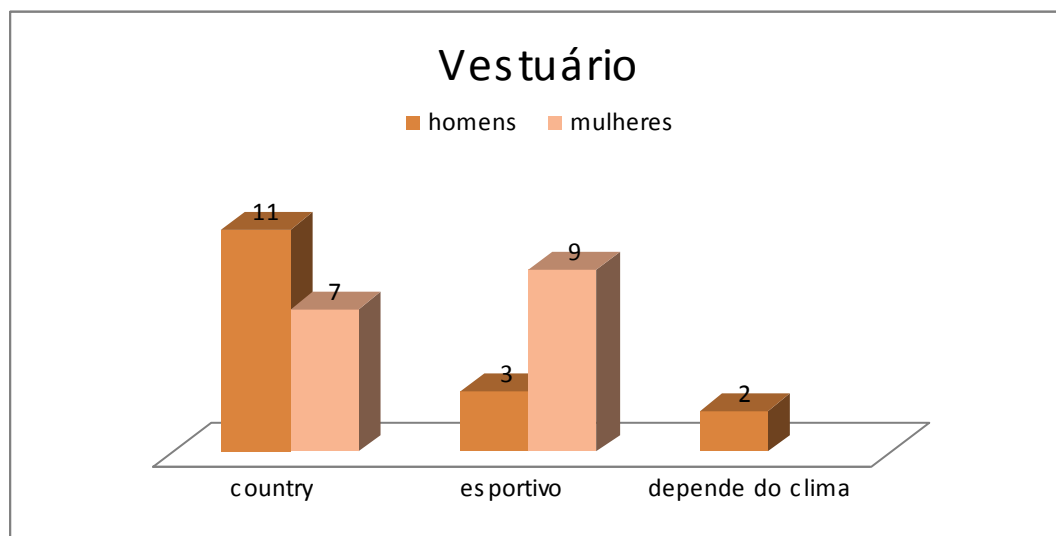
O trecho comprova que o meio social influencia na fala do indivíduo. Nesse contexto, o espaço corresponde ao universo acadêmico do curso de Agronomia, que, independente do grau intelectual, da idade, aquele que se inserir no grupo, por alguns anos, logo passará a adequar seu jeito de falar e de ser.

Vale ressaltar que existe o esteriótipo para aquele que é filho de produtor rural. Ele possui a vestimenta comum a do homem trabalhador rural e possui como meio de transporte o carro utilitário com carroceria – caminhonete - que lhe configura vantagens em relação às garotas. Estas são atraídas por este perfil de garoto por acreditar que por trás dessa imagem há um herdeiro de propriedades rurais, que configura o bom partido para namorar. Como se confirma na fala da informante de 21 anos, do 5º ano de graduação da Anhanguera:

...quando tem camionete pensa que é filhu de produto..., qui teim dinheiru né... chama a tenção pur issu... camioneti é vantagem para u homem (INFXVF¹A5).

Entretanto, observa-se um grande número de carros utilitários circulando na região da grande Dourados, independente da relação com a área rural.

Gráfico 4 - Perfil de acadêmicos da Agronomia, quanto ao vestuário.



As turmas do curso de Agronomia das duas IES pesquisadas, tanto da Instituição pública quanto da privada, apresentam um número maior de jovens do sexo masculino, por exemplo, numa turma de 35 alunos, havia apenas 06 jovens do sexo feminino. O predomínio do sexo masculino é um fato aceito, entretanto, o quantitativo de informantes para o desenvolvimento desta pesquisa correspondeu igualmente tanto para o sexo masculino como para o feminino.

Conforme o gráfico 4, os jovens imperam num estilo de roupa característico de quem vive na lida do campo rural. Diariamente, costumam usar o que chamam de roupa de estilo country ou de caubói: boné ou chapéu, camiseta polo listrada, calça justa, cinto com fivela no formato oval, bota ou botina; para a noite é de praxe a camisa manga longa e a bota. O estilo é o estereótipo daquele que vive e trabalha na área rural, porque são peças, como o chapéu ou boné, a bota ou a botina, que servem como forma de proteção para quem passa o dia na labuta sob o sol e sobre a terra, como os próprios acadêmicos consideram, evidenciado na fala dos informantes de número IV, de 19 anos, e de número III, de 17 anos, ambos do 1º ano da Anhanguera:

“...achu qui u traji... bota du campu... boné já é um traji du campu né... a genti usa na cidadi pur usá... na verdadi a função da bota aqui é pra nãu machucá a canela... nãu arranhá” (INFIVMA1).

“...butina... bota... boné i calça i camiseta... geralmenti pocus vêm di short e camiseta... é beim difíci”l (INFIIIIMA1).

São poucos os jovens do sexo masculino que usam um estilo mais esportivo como camiseta, short ou bermuda e tênis ou sandália, como se pode verificar nos números desse gráfico. Algumas falas revelam que o estilo “coubói” é a roupa mais adequada ou mais bonita, numa espécie de padronização do vestuário do grupo acadêmico, como se observa nas falas dos informantes: o de número 02, de 19 anos, do 1º ano da UFGD e, na sequência, a de número 11, de 23 anos, do 5º ano da UFGD:

“...só fica piô di u cara si vesti di shorti... só di calça i botin... eli vai vim di calça... butina... fivelona... chapéu i camiseta listrada... xadrez... mais caubói ainda” (INF02MF²¹).

“... bota pra homi principalmenti... calça djins... cintu... boné... boné é uma coisa qui us cauboizinhos usa né...” (INF11F¹F²⁵).

As mulheres, em número menor, também usam estilo semelhante: camiseta polo modelo baby look, calça justa, bota ou coturno. Elas diversificam mais os modelos das peças de roupas, costumam também usar outros tipos de blusas, às vezes, calçam sandálias, chinelo rasteira. Entretanto, aquelas que aderiram ao estilo caubói ou country, como eles denominam, defendem a ideia como forma de marcar o território, de identificação do grupo mesmo, como revela a fala da informante de número V, de 19 anos, do 1º ano da Anhanguera:

“... é u istilu diferentu... assim essi istilu eu todú mundu fala câuntri... é um istilu normal, qui gosta realmenti... qui faiz agronomia... num é qui si fala... realmenti é frenti a turma di agronomia da é... veterinária... agronomia e veterinária são bem paricidu intendi das turma... tem personalidadi diferenti... gosta di sertaneju... gosta di farra... gosta di tudu isso aí mesmu... é essa a diferença” (INFVF¹A1).

Apesar do número de mulheres do curso ser menor, elas não só defendem, como também usam o estilo de roupa, com riqueza de detalhes, predominante nos no sexo masculino, como se verifica na fala da informante de número XV, de 21 anos, do 5º ano da Anhanguera:

“...eu gostu di usá bota câuntri mesmu... essa bota di canu longu... i saltinhu baixu... colocu sintu cum fivela ou uma blusa mais arrumadinha e vou” (INFXF¹A5).

As marcas de identificação da área de Agronomia, como o símbolo do profissional de Engenharia Agrônômica, também são usadas no cotidiano dos universitários. Quando o grupo se reúne fora do espaço acadêmico procura se identificar por meio do uso de adesivos nos carros e de roupas características ou mesmo da camiseta com a denominação do curso. Existe uma combinação antes de sair para os encontros em festas, bares, lanchonetes, trazendo à tona uma imagem uniforme dos componentes grupo para a sociedade, como se revela na fala do informante de número X, de 28 anos, do 5º ano da Anhanguera:

“...a genti faiz u sequinti... geralmenti adesivu du cursu... chapéu du cursu... jaqueta du cursu i vamus organizá... vamus cum a jaqueta, vamus cum num se quê” (INFXMA5).

Fica clara a homogeneização do grupo e a afirmação de uma comunidade estabelecida, uma vez que visivelmente no cotidiano revela o desejo de diferenciação, por meio do uso de palavras peculiares, e por meio de uma imagem que a identifica, permitindo demarcá-la em relação a outros.

Gráfico 5 - Perfil de acadêmicos da Agronomia, segundo o gênero musical.



Como se confirma no gráfico 5, a homogeneidade do grupo acadêmico no gosto pela música do gênero sertanejo é predominante. São 91% dos informantes entrevistados aqueles que preferem esse gênero a outros. Além disso, as letras de música sertaneja oferecem fortes influências na vida do acadêmico, seja no seu modo de ser, de falar, de agir. Na comunicação diária usam inúmeras palavras e expressões oriundas de letra de música, como “beijo, me liga”, “bruto, rústico e sistemático”, “trem que pula”, “bandida”, “traia de patrão”, “o creme do verão”, “paga pau”, entre outras. Como dizem as letras das músicas, declaram, os meninos, que são caubóis apaixonados e vivem apaixonados. Reconhecem a influência da música, como se verifica na fala do informante de 18 anos, do 1º ano de graduação da UFGD:

...expressões existiu há muito tempo... us cara pegarão i fizerão músicas cum ela... valorizou mais ainda... u brutu... rústicu e sistemáticu quasi ninguem falava... depois dessa música todú mundu tá falandu (INF02MF²¹).

Apesar dessa uniformidade, o que chama a atenção e que se mostra latente, ainda que num número pequeno de jovens, é a parcela de 9% que afirma gostar de todo gênero musical, principalmente samba e pagode; todavia essa preferência é pouco difundida entre os acadêmicos, em função do predomínio do gosto pelo gênero musical sertanejo. O comportamento e a atitude desses 9% de acadêmicos de não discursar sobre outros gêneros musicais revelam implicitamente o medo da rejeição da grande maioria que segue o mesmo gosto, quiçá o medo de sofrer o preconceito social e a exclusão do grupo. Tal comportamento se confirma na fala da informante de número 09, de 24 anos, do 5º ano da UFGD:

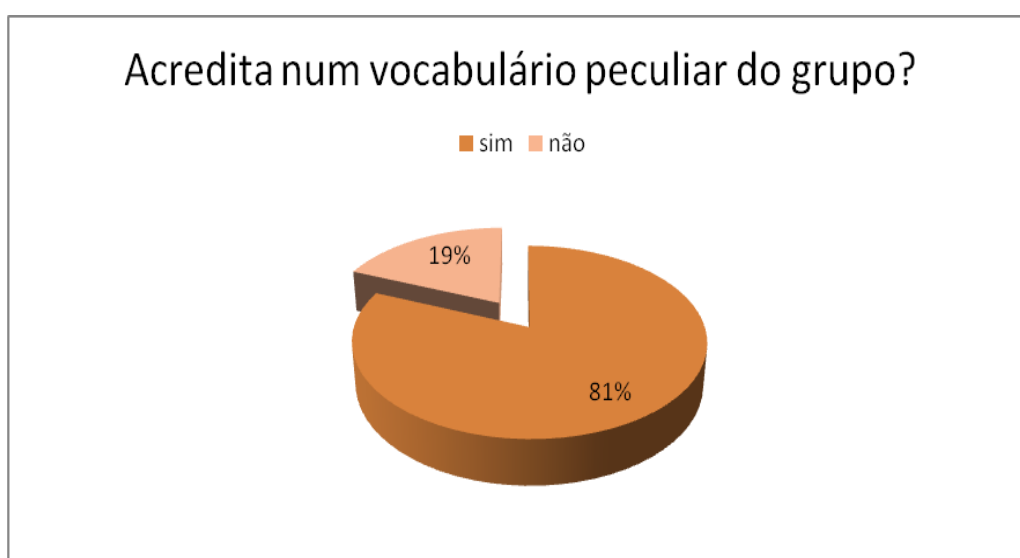
“...aqui nu cursu di Agronomia comenta dificilmente alguém comenta... reiver... pagodi... samba... sãu poucus us qui gostam dessi ritmu... si perguntá quasi qui 90% da sala é sertaneju...” (INF09F¹F²⁵).

Na fala dos acadêmicos ficam evidente fragmentos de letras de música sertaneja. Isso mostra que elas passaram a fazer parte do vocabulário acadêmico, porque falam sobre o amor, em suas diversas manifestações. Foi a partir desse gênero musical que se incorporou a expressão sertanejo universitário ou a partir do envolvimento do meio universitário na área sertaneja, uma vez que os acadêmicos mostram que preferem mesmo o ritmo sertanejo, como já revelado anteriormente e confirmado pela informante de número 11, de 23 anos, do 5º ano da UFGD:

“...quando tem festa qui vai tocá dji djei nãu é muito frequentada... agora quando é violada... onde vai dupla sertaneja, ai vai (...) acontece assim... a quartaneja... qui é a quarta-feira sertaneja ou a quintaneja... intãu aí é frequentada bastanti pur essi tipu di genti né... da agronomia” (INF11F¹F²5).

A fala da informante também mostra índices de que a sociedade percebeu a preferência de jovens pela música sertaneja e, por isso, oferece eventos festivos com a temática que envolve o universo sertanejo como festas denominadas de “quartaneja” e de “quintaneja”, como forma de atrair esse público.

Gráfico 6 - Perfil de acadêmicos da Agronomia, segundo a peculiaridade na fala do grupo.



O gráfico 6 evidencia que 81% dos acadêmicos concordam que o grupo possui peculiaridade na linguagem. Pode-se até afirmar que existe um conjunto lexical produzido pela comunidade acadêmica do curso de Agronomia. Eles costumam brincar tanto com a criação de palavras como na alteração do significado denotativo de expressões utilizadas por eles, por ironia.

Existe o hábito de pronunciar a palavra, a frase com sentido invertido ao denotativo, por meio do uso de ironia, por exemplo, se alguém chegar muito atrasado para a aula, afirmam em coro: *‘chegô na hora’, ‘chegô cedo’*; quando se comete imprudência, por

exemplo, ao dirigir um veículo, falam para a pessoa: “*dirigi bem*”, ou seja, recorrem frequentemente à ironia. A parcela de 19% de acadêmicos que não acreditam na existência de gíria na fala do grupo revela também que a criação de léxico na comunidade é tão comum, tão natural, que já não percebem esse fenômeno na fala, como se observa na explicação da informante de número V, com 19 anos, do 1º ano da Anhanguera:

“...ah::: *nu jeitu di falá quandu a genti vai brincá... assim qui nem conversá... vai tipu assim é malícia essas coisa... é topi... é assim nãu tem tanta diferença... mais algumas coisinhas sabi*” (INFVF¹A1).

A fala da informante não mostra clareza na defesa de sua opinião, concorda que existe o fenômeno linguístico, quando afirma que é “*nu jeitu di falá*”, como “*é topi*” e “*é malícia*”, em seguida declara que “*nãu tem tanta diferença*”, quer dizer que não há diferença em relação a outros jovens, entretanto não é natural o uso da gíria “*é malícia*”, em relação ao uso de “cara” na sociedade geral, por exemplo.

Outros acadêmicos, que reconhecem a modificação da língua falada no cotidiano, procuram esclarecer o porquê desse fenômeno no comportamento linguístico, como se verifica nas falas dos informantes: o de número IX, de 23 anos e o de número XII, com idade de 25 anos, ambos do 5º ano da Anhanguera:

“...achu qui é u palavriadu simples... purqui num teim você querê colocá muita coisa... explicá uma coisa pru pessuau simples... colocá muito nhém nhém nhém muita palavra ali...eli num vai intendê” (INFIIXMA5).

“...conversandu assim na faculdadi cum as pessoas nãu só daqui da Anhanguera, mas di otrus lugares... achu algumas palavras teim a vê com u cursu di agronomia” (INFXIIMA5).

Numa sociedade como a nossa, em que a língua padrão é visivelmente associada à classe social de prestígio, à distribuição de renda e de bens culturais, o senso comum é considerar que uma pessoa pobre tenha poucas oportunidades, dificuldades para estudar, e consequentemente, sua fala seja menos prestigiada. O universo da comunidade acadêmica

pesquisada tem raízes no campo, porém demonstra renda satisfatória³⁵, oportunidade de estudo. A linguagem, embora segundo o conhecimento empírico, pouco prestigiada, não é o que acontece com a fala dos acadêmicos, nem reflete negativamente o cotidiano do grupo. A preferência pelo perfil do acadêmico de Agronomia é revelada pela informante de número XV, de 21 anos, do 5º ano da Anhanguera:

“...pra mim, na minha situaçãu é por causa du contextu e por causa qui eu achu qui elis si distacam bastanti... usandu aquelas calça apertada... mostra mais u corpu da pessoa... sei lá... fica bonitu... achu mais bonitu... nãu qui eu nãu achu um cara di ternu bonitu... todú arrumadinhu” (INFXVF¹A5).

Não só para os acadêmicos, mas também pessoas de fora do curso ou da universidade acreditam que aqueles que optam pelo curso de Agronomia precisam de conhecimento técnico da área, em função das propriedades rurais que o pai ou a família possui, por isso o curso confere-lhes a um valor de prestígio social, tanto acadêmico quanto pessoal, talvez agregado ou correlacionado ao valor pecuniar que se dá ao curso e, conseqüentemente, a tudo que se relaciona a ele, revelando sinal de prestígio e poder.

³⁵ Considerou-se como renda satisfatória, o fato de o acadêmico estudar em universidade privada.

CAPÍTULO III – A GÍRIA DE ACADÊMICOS DOS CURSOS DA GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA DA GRANDE DOURADOS – MS

1 APRESENTAÇÃO DO CORPUS E A DESCRIÇÃO DOS DADOS

A descrição dos fatos do ponto de vista lexical e sociolinguístico do uso das gírias encontram-se no decorrer deste capítulo. Inicialmente, registra-se a amostra do conjunto lexical da fala dos acadêmicos, com as acepções em uso na visão dos informantes, coletado nas entrevistas e distribuído segundo a recorrência de uso na UFGD e na Faculdades Anhanguera. Apesar de parecer uma tarefa fácil à construção de um miniglossário como a amostra representativa da variante linguística da comunidade acadêmica, o estabelecimento dos critérios deve ser considerado o mesmo independente de o produto ser um miniglossário ou um dicionário. Por isso, antes da apresentação por amostragem apresentam-se os critérios utilizados para a sua elaboração. Na sequência, no quadro 5, registram-se as gírias e a frequência de uso pelos acadêmicos

Em seguida, apresenta-se a descrição dos corpus sob a luz da sociolinguística, considerando os fatores linguísticos, cuja variável dependente foi se a palavra pertence ao padrão da língua ou se pertencem à norma da língua falada pelos acadêmicos, nesse caso a gíria; já os extralinguísticos, igualmente importantes para a descrição do corpus mais recorrentes no grupo acadêmico, uma vez que, acaba revelando as influências que promovem na língua e os valores da comunidade linguística em questão.

1.1 Critérios para a elaboração das acepções da amostra de gírias de acadêmicos dos cursos da graduação em Agronomia da Grande Dourados - MS

Antes de constituir a dicionarização dos verbetes do vocabulário acadêmico fez-se necessária uma pesquisa relacionada à dicionarização de cada uma das palavras apresentadas. O objetivo principal é mostrar a realidade de uso dos itens lexicais e as evidências que originaram os verbetes³⁶. Utilizaram-se para consulta duas obras lexicográficas da língua

³⁶ Termo *vebete* é a palavra que serve de entrada a um artigo de dicionário (*Sin. entrada, item, vebete*). Do mesmo modo, a manchete de um jornal é um enunciado *vebete* (DUBOIS, 2006, p. 610).

portuguesa: um dicionário de língua geral da língua portuguesa - Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, de Houaiss e Villar (2001) - e outro dicionário de uso da língua - Dicionário de Gíria, de Serra e Gurgel (2005).

A motivação para a escolha dessas obras como parâmetro para dicionarização dos verbetes deve-se ao grau de relevância para a língua portuguesa, considerando principalmente macro e microestruturas, bem como as contribuições na divulgação de neologias da língua em questão. O Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa corresponde à edição integral de 2001, cujo número de entradas corresponde a 228.500³⁷ unidades léxicas. Dessa forma, mostra que a obra consegue abarcar uma considerável representação da língua contemporânea, levando a entender que haverá, conseqüentemente, um grande número de palavras gírias.

O Dicionário de Gíria, de Serra e Gurgel (2005) também se faz presente para contribuir na organização da apresentação dos verbetes do glossário dos acadêmicos de Agronomia de Dourados no estado de Mato Grosso do Sul. Foi utilizada a sétima edição da obra, que apresenta 27.500 verbetes. Segundo o autor, essa edição apresenta inovações informativas ao consulente, como a data das gírias, a identidade regional, a distinção entre Brasil e Portugal. A primeira edição do autor datou de 1999, com 6.023 verbetes e a penúltima (sexta edição) composta de 16.000 verbetes. O número da edição aqui utilizada mostra a inserção de um volume considerado de gíria. Atualmente, já se encontra na oitava edição. Isso mostra a expansão da gíria e as transformações da língua portuguesa no Brasil. Para Serra e Gurgel (ibidem), “O patrimônio gírio, entre gírias vivas e mortas – o modismo é em princípio regenerativo – está entre 40/50 mil verbetes”.

O vocabulário coletado aqui reúne as palavras em uso mais recorrentes na linguagem de jovens acadêmicos do curso de Agronomia de Dourados, no estado de Mato grosso do Sul. A coleta foi realizada por meio de entrevistas com os acadêmicos selecionados de cada universidade da pesquisa. Como o princípio de toda obra lexicográfica é a ordem alfabética, foram organizados 74 verbetes, em ordem alfabética, com o vocabulário que constituiu as entradas das palavras dos quadros das gírias mais recorrentes. Para se chegar à construção do conteúdo das acepções, as entrevistas foram de caráter semasiológico e onomasiológico, já explicado alhures, para que se privilegiasse a fidelidade de uso das palavras na visão do informante. Apesar de não apresentar as gírias de menor frequência, o número aqui presente é bastante representativo, já que se trata do universo linguístico de um grupo social, como se

³⁷ A informação do número de entradas foi dada por Villar na página eletrônica de apresentação do Dicionário.

verifica no quadro 5 de percentual de uso da língua especial exposta na página 91 desta pesquisa. Algumas palavras fazem parte do vocabulário de uso comum da juventude e se mantiveram presentes no vocabulário dos acadêmicos, uma vez que a comunidade representa a idade de jovens entre 16 e 28 anos, conforme o gráfico 11 apresentado nesta pesquisa, na página 127.

A apresentação dos verbetes em ordem alfabética acompanha a seguinte estruturação³⁸: 1) ordem; 2) entrada; 3) referência gramatical; 4) definição; 5) abonação; 6) local de ocorrência; 7) sinônimo; 8) variante; 9) nota; 10) remissiva. Os cinco últimos itens podem ou não ocorrer, em função da delimitação do vocabulário em apresentar apenas os verbetes mais frequentes, ocasionando a não manutenção da fidelidade dessa estrutura; mas a intenção é tornar todos os elementos igualmente obrigatórios na redação das microestruturas, não apenas os cinco primeiros itens como são de fato. Esse conjunto de informações corresponde ao que constitui a redação da entrada ou lema, “que pode variar de acordo com o propósito do dicionário e com o público a que se destina” (MURAKAWA, 2007, p. 238). Cada um desses elementos que compõe redação explicativa é esclarecido a seguir.

1) Ordem: representa o número crescente da sequência das palavras mais recorrentes selecionadas para compor miniglossário.

2) Entrada: apresentada com a numeração de ordem alfabética e sob a forma lematizada³⁹: substantivos e adjetivos no masculino singular e verbos no infinitivo. Apresentada em negrito e com a primeira letra em minúscula. Algumas implicações podem ocorrer quando se referir ao uso no plural ou as palavras utilizadas no gênero feminino, ou às fraseologias. Nesse caso, será privilegiada a forma como a gíria é falada pelo acadêmico, porém o predomínio foi o uso pela forma lematizada.

3) Referência gramatical: os substantivos foram classificados quanto ao gênero e ao número; os verbos, quanto à transitividade; os adjetivos não apresentam apontamento gramatical; fraseologias⁴⁰.

4) Definição: para a redação optou-se pela hiperonímia - designação genérica-seguida da sinonímia – individualização do lema, num texto curto e objetivo, que foram baseados abonados por discursos orais do grupo estudado. Para os verbos recorreu-se ao

³⁸ Os itens de estruturação dos verbetes foram baseados em Alves (2001).

³⁹ “Consiste no registro sintético da unidade, a partir de uma forma de realização tomada como referência, normalmente indicada na forma singular e no masculino, quando temos nomes, ou no infinitivo, quando se trata de verbos”. (BEVILACQUI e FINATTO, 2006, p.43)

⁴⁰ Chama-se, geralmente de *fraseologia* a uma construção próprio de um indivíduo, de um grupo ou de uma língua. Contudo, como o termo *idioleto* serve frequentemente para designar o fenômeno linguístico próprio de um indivíduo, reserva-se seguidamente, o termo de fraseologia para a evocação de uma construção própria de uma língua (DUBOIS, 2006, p. 293)

verbo na forma infinitiva. Quanto aos adjetivos, a referência foi por sinonímia. A necessidade de mais de uma acepção gerou a numeração em ordem crescente, identificada por números arábicos em negrito.

5) Abonação: foram extraídos contextos do corpus coletado, transcritos de acordo com a transcrição grafemática, respeitou-se a estrutura sintática da norma do informante, como também algumas marcas da oralidade. O texto de abonação foi indicado em itálico. O verbete, em negrito, identificado foi colado entre < >, seguido da fonte do texto marcada pelo código do informante nos parênteses. No caso de mais de uma acepção, cada uma delas recebeu abonação específica.

6) Local de ocorrência: a universidade onde foi coletada a unidade lexical, identificada entre colchetes pelos códigos: **F** que indicará a Universidade Federal da Grande Dourados e **A** a Universidade Anhanguera

7) Sinônimo: identificado pela abreviação **Sin.** e aparece em negrito, que também configura entrada, com a mesma definição, porém com abonação diferente. Considerou-se apenas o universo vocabular aqui estudado.

8) Variante: indicada pela abreviação **Var.** e aparece em negrito. Foram consideradas algumas variações do tipo fonética e morfossintática, encontradas no corpus.

9) Remissiva: marcada pelo código **Cf.** e aparece em negrito. Relaciona-se ao verbete complementar ou antônimo e mantém uma relação hiponímia ou hiperonímica.

10) Nota: incluiu-se, neste campo, informações de caráter linguístico como a dicionarização do verbete, para isso foram consultadas duas obras: o Dicionário de Gíria, de Serra e Gurgel (2005), identificado pelo código **DG**; e o Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, de Houaiss e Villar (2001), identificado pelo código **DE** e ainda algumas explicações complementares ao termo. Além de esclarecimentos a cerca o uso da gíria na concepção do acadêmico.

Em resumo, a ficha do consulente corresponde a seguinte estrutura:

- 1) ordem (obrigatório);
- 2) entrada (obrigatório);
- 3) referência gramatical (obrigatório);
- 4) definição (obrigatório);
- 5) abonação (obrigatório);
- 6) local de ocorrência (obrigatório);
- 7) sinônimo (pode não ocorrer);

- 8) variante (pode não ocorrer);
- 9) remissiva (pode não ocorrer);
- 10) nota (pode não ocorrer).

Exemplo:

01 **aberta** adj. Pessoa alegre, simpática, que conversa facilmente com outrem. ...*cê fala muito <aberta>... assim qui cunversa... genti boa... qui cunversa... nãu tem vergonha* (INFIXMA5) [A, F²] Cf. gente boa, pra frente.

Nota: Há registro nas obras consultadas, DE e DG, com acepção diferente da apresentada. Registra na obra DE com acepção de “espaço”, “abertura”; e no DG com acepção de “atualizado, moderno” (p. 92).

Dessa forma, utilizou-se das seguintes abreviaturas na construção da apresentação da língua especial dos Acadêmicos de Agronomia da Região de Dourados no estado de Mato Grosso do Sul.

Quadro 4 - Lista de abreviações utilizadas na apresentação das gírias de acadêmicos da graduação em Agronomia da Grande de Dourados – MS.

A	Universidade Anhanguera	i.	intransitivo
adj.	adjetivo	INF	informante e o número do código
adv.	advérbio	loc. adj.	locução adjetiva
Cf.	remissiva	loc. adv.	locução adverbial
DE	Houaiss e Villar (2001)	Sin.	sinônimo(s)
DG	Serra e Gurgel (2000)	s.f.	substantivo feminino
F¹	feminino	s.m.	substantivo masculino
F²	UFGD	v.	verbo
fraseol.	fraseologia	Var.	variante(s)

Vale esclarecer que as palavras que apresentaram mais de uma acepção foram descritas as acepções separadamente como 1 e 2 na mesma entrada, como forma de fazer compreender o uso dessas palavras entre os acadêmicos.

1.2 Apresentação da amostra de gírias recorrentes entre acadêmicos dos cursos de graduação em Agronomia da Grande Dourados – MS

Quadro 5 – Descrição das gírias e o percentual de uso nas universidades.

Ordem	gíria	acepção	UFGD	1º ano	5º ano	Anhanguera	1º ano	5º ano
01	aberta	adj. Diz da pessoa alegre, simpática, que conversa facilmente com outrem. <i>...cê fala muito <aberta>... assim qui conversa... genti boa... qui conversa... nãu teim vergonha</i> (INFIXMA5) [A, F ²] Cf. gente boa, pra frente. Nota: Não há registro nas obras consultadas, DE e DG, com a mesma acepção apresentada. No DE há no sentido de “espaço”, “abertura”, e no DG como designação para “atualizado, moderno” (p.92).	31,25%	37,5%	25%	12,5%	0%	12,5%
02	agrobói	s.m. 1 Designação genérica usada para nomear pessoa do sexo masculino que usa traje típico do homem da área rural, como chapéu, camisa listrada, calça jean justa, cinto de couro com fivela de formato oval, bota ou botina; porém não possui vínculo afetivo com a área rural nem com a lida no campo. <i>...si eli é caubói é purqui é filhu di produtô... i si eli é <agrobói> é purqui eli só gosta du istilu mesmu</i> (INF06F ¹ F ² 1) [A, F ²]. Cf. rústico, caubói, sertanejo. 2 Designação genérica usada de modo específico para nomear aquele que é acadêmico de Agronomia. <i>...vai tê festa di <agrobói>... intâu significa qui vai tê muito homei... porque considera u homei di agronomia bom né pra ficá</i> (INF11F ¹ F ² 5) [A, F ²] Sin. caubói, sertanejo. Nota: A gíria agrobói não se encontra registrada nas obras consultadas - DE e DG.	31,52%	37,5%	25%	18,75%	37,5%	0%
03	amarelão	s.m. Designação empregada para nomear o veículo de transporte coletivo urbano da cidade de Dourados-MS. <i>...vamu pegá a sardinha né...u <amarelão></i> (INF01MF ² 1) [F ²] Sin. sardinha. Nota: A gíria é recorrente no 1º ano de graduação em Agronomia da UFGD, em virtude da unidade II encontrar-se a 12 Km da cidade de Dourados, sendo esse coletivo utilizado pelos acadêmicos que fazem os cursos nessa	12,5%	25%	0%	0%	0%	0%

Ordem	gíria	acepção	UFGD	1ºano	5º ano	Anhanguera	1ºano	5ºano
		universidade. Há registros nas obras – DE e DG, com acepções diferentes da apresentada. No DE como designação de “nódoa em roupa” e “infectologia”; o amarelão utilizado por esses acadêmicos refere-se à metáfora concernente à cor do coletivo, e o DG como designação para “medroso” (p.109).						
04	amarrado	adj. Diz-se de pessoa que está envolvida pela paixão, em estado de êxtase, apaixonado. ... <i>tá <amarradu></i> (INFXVF¹A5) [A, F²] Var. amarrô Cf. coitado, xonado. Nota: há registro na obra DE, como designação ao relacionamento com compromisso, aqui a acepção é de sentimento. No DG há registro com a mesma acepção (p.109). Já a gíria xonado, conforme a remissiva, aplica-se àquele indivíduo que sofre pela paixão, daí a acepção também de coitado, aquele que sofre pelo coito (amor).	12,5%	25%	0%	12,5%	12,5%	12,5%
05	armar o boteco	fraseol. Ato de tomar providências, fazer acontecer de maneira ágil os encontros de roda de tereré, de churrasco, de barzinho. ... <i>vamu mexê u doci... vam u <armá u butecu> pra organizá uma festinha</i> (INF05F¹F²1) [A, F²] Sin. mexer o doce Var. vam armá. Nota: Não há registro da gíria nas obras consultadas - DE e DG. No DG há registro da entrada “armar o barraco” com a mesma acepção (p.122).	31,5%	62,5%	0%	18,75%	25%	12,5%
06	arroz de festa	s.m. Designação atribuída a pessoa que se encontra presente com frequência em festas, encontros em bares, reuniões festivas. ... <i><arroiz di festa>... tá im todas... num perdi uma</i> (INF03MF²1) [A, F²] Sin. baladeiro(a), tá em todas Var. vai im todas, arroz branco. Nota: há registros nas obras, DE e DG, com a mesma acepção apresentada aqui, indicando o uso informal nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro.	50%	62,5%	37,5%	37,5%	12,5%	62,5%
07	baileiro	s.m. e s.f. Designação genérica atribuída a pessoa que dança muito bem. ... <i>aí dança... é <baleru></i> (INF05F¹F²1) [A, F²] Sin. pé-de-valsa Var. balera. Nota: Não há registros nas obras consultadas, DE e DG.	6,25%	12,5%	0%	31,25%	12,5%	50%

Ordem	gíria	acepção	UFGD	1º ano	5º ano	Anhanguera	1º ano	5º ano
08	balador	s.m. Designação genérica atribuída a pessoa que se encontra presente com frequência em festas, encontros em bares, reuniões festivas. ... <i>moça</i> < baladera >... <i>festeria</i> (INFIIIIMA1) [A, F²] Sin. arroz de festa, tá em todas Var. baladeru Nota: A gíria aparece uma vez e de forma isolada, por isso a abonação foi dada no gênero feminino, cuja recorrência é maior, visto que os rapazes é que ao associarem festas já pensam primeiramente nas moças, na companhia durante a festa. Há registro na obra DE com acepção diferente da apresentada, como designação de “árvore”, e baladeira com acepção regional diferente, como designação de brinquedo infantil, “pipa, pandorga”. Não há registro na obra DG com essa entrada, entretanto há registro de baladeira com a mesma acepção (p. 145).	31,55%	37,5%	25%	6,25%	12,5%	0%
09	bandida	s.f. Designação atribuída para nomear mulher namoradeira. ... <i>quando fala</i> < bandida > <i>i pistolera nãu fala nu sentidu tãu maldoso... fala qui a minina pega todos com certa moderação</i> (INF06F¹F²¹) [F²]. Nota: Há registros nas obras consultadas – DE e DG (p.149) - com acepção diferente da apresentada, como designação a “prostituição”.	12,5%	25%	0%	0%	0%	0%
10	boia	s.f Designação genérica usada para nomear comida. ... <i>lugá bom di comê né... cum</i> < boia > <i>boa</i> (INFXMA5) [A, F²] Sin. rango Var. filá uma boia, batê um rangu. Nota: Há registros nas obras consultadas - DE e DG (p.176) - com a mesma designação apresentada aqui.	43,75%	62,5%	25%	75%	75%	75%
11	boteco	s.m. Designação usada para nomear um pequeno bar, onde vende cerveja e tem mesa para jogo de sinuca. ...< buteçu >... <i>sai pra bebê... vamu nu</i> < buteçu >... <i>vamu sai pra jogá sinuca é u</i> < boteçu > (INF02M¹F1) [A, F²]. Nota: Há registros nas obras – DE e DG - com a mesma acepção apresentada. O boteco é lugar de preferência dos acadêmicos onde costumam se reunir para tomar cerveja e jogar sinuca. Na obra DG registra o	25%	50%	0%	81,25%	87,5%	75%

Ordem	gíria	acepção	UFGD	1º ano	5º ano	Anhanguera	1º ano	5º ano
		ano de 1922 como início de uso da gíria (p.187).						
12	bruta	adj. Diz-se de uma festa bastante animada, com muitas pessoas bonitas e cerveja em abundância. ... <i>tipu <bruta>... topi é quasi sinônimu qui elis usãu muito :::mai topi::: nu lugá di dimais</i> (INF02MF ²¹) [A e F ²] Sin. top Cf. malícia. Nota: A gíria é mais frequente pelos acadêmicos do gênero masculino para destacar algo positivo, bom e atraente. Não há registro na obra – DE. Nele há o verbete no masculino, “bruto”, como designação de “intocado”. O DG registra com acepção diferente da apresentada aqui, como designação de “grande”, “estúpida” (p. 192).	18,75%	37,5%	0%	25%	37,5%	12,5%
13	bruto	s.m. Designação atribuída a pessoa que possui comportamento rude, sem modos, considerado não refinado, pessoa da área rural sem civilidade. ... <i>a genti põi u chucru aquelu homi mais <bruto>... mais barba pur fazê</i> (INF05F ¹ F ²¹) [F ²] Sin. rústico 2 Cf. chucro. Nota: Não há registros nos dicionários consultados com a acepção apresentada aqui. O registro encontrado na obra DE é com designação de “intocado”, e o registro no DG como designação de “estúpido” (p. 192).	18,75%	25%	12,5%	0%	0%	0%
14	cabaço	s.m. Designação atribuída a pessoa, cujo conhecimento sobre determinados assuntos é limitado, principalmente em relação a mulher, pessoa que pouco ou nunca namorou alguém; pessoa virgem. ... <i>é cabaçu... bobu... lentu... num pega as coisa muito rápidu... acaba fazendu alguma bobera... fala ah::: essi é <cabaçu></i> (INF05F ¹ F ²¹) [A e F ²] Var. cabaçu. Nota: A gíria é mais frequente pelos acadêmicos do gênero masculino, o que justifica a referência em relação à mulher. Há registros nas obras consultadas- DE e DG- como designação a “virgidade”, também citado pelos acadêmicos. A obra DG registra o ano 1903 como início de uso da gíria (p.199).	18,75%	12,5%	25%	18,75	25%	12,5%

Ordem	gíria	acepção	UFGD	1º ano	5º ano	Anhanguera	1º ano	5º ano
15	cabeceira	adj. Diz-se da pessoa bonita e inteligente; refere-se também a uma festa considerada bastante animada com muitas pessoas. ...< cabecera > <i>dá pru cê conversá qualquê hora sobri qualquê assuntu</i> (INF04MF ²¹) [A, F ²]. Cf. bruta, malícia, top. Nota: A gíria é designada por associação de cabeça com o uso do cérebro. Sendo cabeça parte superior do corpo humano, as pessoas cabeceiras são consideradas aquelas que têm as melhores qualidades de beleza (bonita) e de capacidade cerebral, inteligência (inteligente). Com referência a festas associar-se-ia também a essa capacidade de excelência, uma festa muito boa, ou seja, com bastantes pessoas e, portanto, animada. Há registro na obra consultada, DE, com acepção diferente da apresentada aqui, como designação a “parte da cama”, “extremidade de mesa”, “parte mais alta”. Não há registro na obra DG.	18,75%	12,5%	25%	18,75	25%	12,5%
16	cachaceiro	s.m. e s.f. Designação genérica atribuída para nomear a pessoa que ingere em excesso e com frequência a bebida alcoólica. ... <i>você paga u ingressu... i u bar é abertu... daí pra quem é</i> < cachacero > <i>daí vali a pena</i> (INFIIIMA1) [A, F ²] Cf. derramado. Nota: Há registros nas obras consultadas DE e DG com a mesma acepção. No DG registra cachaceiro como “bebedor de cachaça” e registra também cachacero como “bebedor habitual de cachaça” (p.204).	18,75%	37,5%	0%	31,25%	25%	37,5%
17	carregar porco	fraseol. Conduzir ou guiar veículo urbano coletivo com imprudência. O uso aparece por meio de gritos dirigidos ao condutor imprudente do veículo. ... <i>tá achandu qui tá</i> < carregandu vaca ou porcu > (INF05F ¹ F ²¹) [A e F ²]. Nota: Na gíria predomina o animal porco, porém apareceu vaca uma vez. Não há registro nas obras consultadas, DE e DG.	18,75%	37,5%	0%	43,75%	37,5%	50%
18	caubói	s.m. 1 Designação atribuída para nomear a pessoa do sexo masculino que cuida e valoriza a área rural e também usa trajes típicos de pessoas trabalhadoras da zona rural, que utilizam-nos como forma de proteção	43,75%	62,50%	25%	62,5%	62,5%	62,5%

Ordem	gíria	acepção	UFGD	1º ano	5º ano	Anhanguera	1º ano	5º ano
		contra o sol ou lesões no corpo, são peças como: chapéu, camiseta ou camisa, calça justa jean, bota ou botina. ... <i>pelu istilu di sê todú <caubói>... usá bota... essa coisa assim</i> (INFVF ¹ A1) [A, F ²]. 2 Designação genérica usada de modo específico para nomear aquele que é acadêmico de Agronomia. ... <i>u cara tipu si vesti comu <caubói></i> (INF02MF ² 1) [A, F ²] Sin. 2 agrobói, sertanejo Cf. rústico. Nota: Há registro na obra consultada DE, com outras acepções das apresentadas, como “figura de vaqueiro” e “tocador de boiada”. Não há registro na obra DG.						
19	chegar cedo	fraseol. Atrasar ou chegar atrasado aos compromissos, principalmente ao início das aulas. ...< chegô cedu > <i>né</i> . (INFXVFA5) [A e F] Cf. derramado. Nota: fraseologia irônica usada pelos acadêmicos, em alto som, em tempo simultâneo para o colega que chega atrasado. Não há registros nas obras consultadas, DE e DG.	31,25%	62,5%	0%	6,25%	0%	12,5%
20	choco parado	loc. adj. Diz de quem é muito bravo, rude, que se irrita facilmente, tempestuoso, nervoso. ... <i>bravium ... inquentadu...<chocu parado></i> (INFXIMA5) [A] Var. chocu Cf. chucro, bruto. Nota: Não há registros nas obras consultadas, DE e DG.	0%	0%	0%	18,75	12,5%	25%
21	chucra	s.f. Designação genérica usada de modo específico para nomear aquela garota que é acadêmica do curso de Agronomia, com característica pouco feminina e que usa peças de roupas como camiseta polo, calça jean justa, usa também ou bota, ou botina, ou coturno. ...< chucra >... <i>qui é mais masculinizada... nãu é qui ela seja</i> (INFXIVF ¹ A5) [A, F ²] Sin. machorra, muié macho Cf. rústica. Nota: Não há registros nos dicionários consultados, DE e DG.	31,25%	25%	37,5%	12,5%	0%	25,5%
22	chucro	s.m. Designação atribuída a pessoa pertencente a área rural que possui comportamento rude, sem modos, considerado não refinado, pessoa esquiva	93,75%	100%	87,5%	75%	75%	75%

Ordem	gíria	acepção	UFGD	1º ano	5º ano	Anhanguera	1º ano	5º ano
		e de poucas palavras. ... <i>geralmente u povu usa é pur exemplu uma pessoa <chucra> siria até ignorantu ou qui nãu tem modus</i> (INF04MF ²¹) [A e F ²] Cf. choco parado, bruto. Nota: Apesar da pouca frequência, também afirmam que o chucro usa chapéu, camisa, cinto, calça jean justa e bota. Há registro nos dicionários consultados como regionalismo do Sul. No DG registra também a datação de 1888 e 1920 (p. 249).						
23	churras	s. m. Designação atribuída para nomear a festa de churrasco. ... <i>cê quê montá alguma coisa... vamu armá um <churras>... vamu armá um tera</i> (INF07F ¹ F ²¹) [A e F ²] Sin. queimar uma carne Var. churrasquim. Nota: Não há registro nos dicionários consultados, DE e DG.	31,25%	50%	12,5%	43,75%	28%	62,5%
24	churrasco sem carne	fraseol. Designação para nomear festa, reunião, encontro dos acadêmicos onde é servida somente bebida alcoólica, especialmente a cerveja. ... <i>a genti fala hoji é cum <churrascu sem carni>... é só bebida</i> (INF08F ¹ F ²¹) [A e F ²]. Var. churrascu di cerveja. Nota: A gíria é frequente para os encontros na casa dos acadêmicos que normalmente moram sozinhos ou em repúblicas. Não há registro nos dicionários consultados, DE e DG.	31,25%	50%	12,5%	25%	25%	25%
25	coitado	adj. Diz da pessoa que está ou vive muito apaixonada e sofre por amor. ... <i><coitadu>... cê é um <coitadu>... na fossa tambei</i> (INF03MF ²¹) [A e F ²] Sin. xonado Var. tadinhu Cf. amarrado. Nota: Não há registro nos dicionários consultados com essa acepção. Há registro no DE, com indicação de uso informal com acepção de “homem traído pela mulher”, e no DG registra também essa acepção com designação de “marido ou amante enganado” (p. 257).	12,5%	25%	0%	18,75%	12,5%	25%
26	companheiro	s.m. e s.f. Designação atribuída a pessoa muito amiga, que participa das atividades de diversão e também dos momentos de tristeza; pessoa em quem	50%	50%	50%	43,75%	25%	62,5%

Ordem	gíria	acepção	UFGD	1º ano	5º ano	Anhanguera	1º ano	5º ano
		se pode confiar. ... <i>amiga é <companhera> né... parceira</i> (INFXMA5) [A, F ²] Sin. parceiro Cf. falso. Nota: Na obra DE há registro com a mesma acepção da apresentada aqui, e na obra DG não há registro.						
27	corno	adj. Diz da pessoa que se encontra chateada, triste; sofre por amor, em razão de ter sido dispensado(a) pelo namorado(a). ...< <i>cornu</i> >... <i>descorniadu</i> (INFXIMA5) [A, F ²] Var. corniadu, descorniadu, cornu mansu Cf. coitado, xonado. Nota: A gíria apresenta a conotação de quem foi trocado ou dispensado por outro(a) namorado(a), e não de traição. Nas obras consultadas há registros com acepções diferentes. No DG, por exemplo, a gíria é registrada como acepção de “marido traído” (p. 267).	12,5%	25%	0%	43,75%	25%	62,5%
28	country	s.m. 1 Designação atribuída para nomear a pessoa do sexo masculino que usa o traje: chapéu ou boné, camiseta listrada polo ou camisa, calças justas jeans, bota ou botina. ... <i>é u istilu differenti... assim... essi é istilu qui todú mundu fala <cãuntri></i> (INFVF ¹ A1) [A, F ²] Sin. agrobói Var. cautrinu Cf. caubói. 2 Designação genérica para nomear festa do universo sertanejo com música, como moda de viola, e uso trajes típicos. <i>Festa <country></i> (INF16MF ² 5) [A e F ²] Sin. violada Cf. laçada. Nota: A gíria também aparece com a variante cautrino como forma de aportuguesamento gírio do verbete de origem norte americana, há também a variante no feminino, cautrina, para nomear a mulher que usa o mesmo tipo de traje dos acadêmicos. Como pertence ao léxico dos Estados Unidos da América, porém já aportuguesada, o DE registra com designação “ligada vida rural norte-americana”. Não há registro na obra DG.	43,75%	50%	37,5%	56,25%	62,5%	50%
29	de boa	loc. adv. Condição ou estado de tranquilidade da pessoa tanto psicológica como físico, ou seja, goza de boa saúde, é feliz e bem humorada. ... <i>tá filiz... tá <di boa>... tá di beim cum a vida</i> (INFXVIF ¹ A5) [A, F ²] Var. di boa. Nota: Não há registro na obra DE, e na obra DG há registro com a mesma	25%	50%	0%	37,5%	25%	50%

Ordem	gíria	acepção	UFGD	1º ano	5º ano	Anhanguera	1º ano	5º ano
		Acepção apresentada aqui como estado de “tudo bem, numa boa” (p. 298).						
30	derramado	adj. Diz-se daquele que descuida de regras sociais, de seus deveres e até com ele mesmo; desleixado; não se preocupa com a própria imagem ou seus comportamentos; ingere em excesso bebida alcoólica e, por isso, não domina o equilíbrio do corpo. ... < derramadu > <i>mesmu... porque só vivi inrolandu...nãu faiz as coisa</i> (INFXIIIF ¹ A5) [A, F ²] Cf. largado. Nota: Há registro na obra DE com acepção diferente da apresentada. Na obra DG não há registro da gíria.	37,5%	37,5%	12,5%	43,75%	50%	37,5%
31	falso	adj. Diz-se de quem é pouco amigo; pessoa pouco confiável. ... <i>pessoa</i> < falsa >... <i>farsa</i> (INFXVF ¹ A5) [A, F ²] Var. farsu Cf. companheiro, parceiro. Nota: Há registro da gíria na obra DE com acepção diferente da apresentada, e no DG não há registro.	18,75%	37,5%	0%	18,75%	0%	37,5%
32	fi	s.m. Designação atribuída a qualquer pessoa com que fala do sexo masculino; o interlocutor durante o diálogo. Funciona também como vocativo. ::: <i>ah:::</i> < fi >... <i>sei lá... fala comu piãu</i> (INF02MF1) [A, F]. Nota: Não há registro nas obras consultadas, DE e DG com a mesma acepção apresentada aqui. No DE registra a nota grega, e o DG como redução da palavra “filho” (p. 378).	12,5%	0%	25%	18,75%	12,5%	25%
33	fresca	adj. Diz da pessoa do sexo feminino que é muito sensível, delicada e melindrosa. ... <i>elis fala qui a genti é</i> < fresca >... <i>comparadu a otras minina i convivendu cum elis achu qui a genti nei é fresca</i> (INF08F ¹ F ² 1) [A, F ²] Var. frescurentu Cf. bruta, castrina, machorra, muié macho, rústica. Nota: a gíria é atribuída à mulher muito feminina, assim como ao homem efeminado. Apresenta ainda a conotação de pessoa que não apresenta o perfil para a área profissional de Agronomia, não por falta de competência, mas por não conseguir adequar-se ao trabalho da área rural. Não há registro	18,75%	18,75%	0%	56,25%	62,5%	50%

Ordem	gíria	acepção	UFGD	1º ano	5º ano	Anhanguera	1º ano	5º ano
		nas obras consultadas com a acepção apresentada.						
34	garapé	s.m. Designação atribuída pelos acadêmicos para nomear as festas de baile que acontecem embaixo de um barracão em época de rodeio ou laçada. ...vamu nu rodeiu... na laçada... festa assim teim baili di <garapé>... teim baili (INFXIIIF ¹ A5) [A, F ²] Cf. laçada, rodeio. Nota: A gíria denomina baile de garapé em função do local onde acontece, como explica o acadêmico do 1º ano de graduação da Anhanguera: ...antigamenti u garapé era feito di palha qui elis faziâu, hoji nâu hoji é barracáu (INFIVMA1). Não há registro nas obras consultadas, DE e DG.	6,25%	12,5%	0%	18,75%	12,5%	25%
35	gente boa	loc.adj. Diz da pessoa alegre, falante e simpática; pessoa que consegue manter um ambiente ou um diálogo mais agradável. ...garota legul assim... sempri teim assim uma garota <gente boa>... entra na roda assim... qui nâu é mitidinha tambeim.. sabi conversá i tau (INF04MF ² 1) [A, F ²] Var. genti fina Cf. aberta, pra frente. Nota: Não há registro na obra consultada DE, e na obra DG há registro com acepção diferente como acepção de “pessoa educada” (p.407).	50%	50%	50%	50%	25%	50%
36	junta	s.m. Designação atribuída pelos acadêmicos para nomear o ato de reunir-se para realização de festa de churrasco, ou encontro em boteco, ou encontro em roda de tereré. ...assim vai mais é <junta> pra bebê num cantu... numa casa... fala vamú bebê... fazê um churrascu (INFVFA1) [A, F] Var. vamú juntá. Nota: Não há registro na obra DG, e na obra DE apresenta a mesma acepção com sentido de reunião festiva.	25%	25%	25%	18,75%	25%	12,5%
37	laçada	s.f. Designação genérica para nomear festa de rodeio, com laçada, com música do gênero sertanejo e aberta para o público dançar. ...qui é mais voltada pra ária du campu... tem <laçada>... qui todú mundu vai (INF08F ¹ F ² 1) [A, F ²] Sin. rodeio Cf. garapé.	43,75%	50%	37,5%	31,25%	12,5%	50%

Ordem	gíria	acepção	UFGD	1º ano	5º ano	Anhanguera	1º ano	5º ano
		Nota: Não há registro na obra DG, e há registro no DE com acepção diferente da apresentada.						
38	largado	adj. Diz da pessoa que não dá importância a aparência convencional predominante entre os acadêmicos de Agronomia; usa peças de roupas mais esportivas como bermuda e calça tênis. ... <i>eu prefiru ir di i mais <largada> chinelão shorti</i> (INF03MF21) [A, F2] Cf. derramado, agrobói, caubói, conyntry, sertanejo. Nota: A gíria é usada com a conotação de falta de cuidado da pessoa com a aparência por usar uma roupa mais esportiva; traz também a ideia de abandono ou abandonada. Há registro nas obras consultadas com noção de descuido em trajes de roupas, como o DG, registra “desalinhado, despreocupado” (p. 440), e no DE registra a mesma ideia em umas das acepções.	12,5%	25%	0%	18,75%	0%	37,5%
39	machorra	s.f. Designação genérica atribuída, pelo grupo acadêmico, para nomear a pessoa do sexo feminino, acadêmica de Agronomia ou não, que usa o traje: chapéu, camiseta ou camisa, calça justa jeans, bota ou botina no cotidiano. ...< <i>machorra</i> > a moça cum mais istilu di homi (INFIIMA1) [A, F2] Sin. chucra, muié macho Var. machu, machona Cf. rústica. Nota: A gíria machorra em sua acepção apresenta uma conotação de mulher pouco feminina. Há registro no DE com acepção diferente com designação de “fêmea estéril, incapaz de procriar”. Não há no DG, porém registra como entrada a variante machona, com designação de “mulher com aparência de homem, pouco feminina” (p. 454).	25%	37,5%	12,5%	25%	25%	25%
40	malícia	adj. Diz-se de uma festa bastante animada, com muitas pessoas bonitas e cerveja em abundância ou uma pessoa com astúcia e aparência bonita, bem vestida. ... <i>us guri fala é tava <malícia>... tava bom barbaridadi... tava bom di mai da conta</i> (INFIIMA1) [A, F2] Cf. bruta, top. Nota: A gíria apresenta a conotação de algo bom, positivo, atraente, seja	43,75%	87,5%	0%	25%	25%	25%

Ordem	gíria	acepção	UFGD	1º ano	5º ano	Anhanguera	1º ano	5º ano
		uma pessoa ou uma festa. Não há registro nas obras consultadas, DE e DG, com a mesma acepção apresentada aqui. No DG, registra como acepção de “intuição, preparo” (p. 466).						
41	mexer o doce	fraseol. Ato de tomar providências, fazer acontecer de maneira ágil encontro de roda de tereré, de churrasco, de ir ao bar ou outras diversões. ... <i>fazê um churrascu... vâu <mexê u doci> ou vamu mexê... ou vamu armá</i> (INFIIMA1) [A, F ²] Sin. armar o buteco Var. mexê alguma coisa. Nota: Não há registro nas obras DE e DG consultadas.	43,75%	75%	12,5%	37,5%	62,5%	12,5%
42	muié macho	fraseol. Designação genérica atribuída, pelo grupo acadêmico, para nomear a pessoa do sexo feminino, acadêmica de Agronomia ou não, que usa o traje: chapéu, camiseta ou camisa, calça justa jean, bota ou botina no cotidiano. ... <i>campera... <muié machu></i> (INFXIMA5) [A, F ²] Sin. chucra, machorra Var. machu, machona Cf. rústica. Nota: A gíria muié macho apresenta acepção com conotação de mulher pouco feminina, não há registro nas obras consultadas, DE e DG.	25%	37,5%	12,5%	25%	12,5%	37,5%
43	na broca	loc. adj. Diz-se da pessoa que tem a sensação de fome e desejo de alimentação. ... <i>aqui é mais tô <na broca>... queru rangá, queru comê</i> (INFIIMA1) [A, F ²] Var. com a broca, brocadu. Nota: Há registro na obra consultada DG como “broca” de 1992, com acepção de “fome” (p.191). No DG há registro com acepção diferente da apresentada aqui.	50%	87,5%	12,5%	56,25%	75%	37,5%
44	na faixa	loc. adv. Diz-se de algo que se pode usufruir, como festas, que não requer pagamento, gratuito. ... <i><na faxa> quer dizê num é u nomi né... mais elis fala <na faixa>... vai tá tudu di graça... vamu comê i bebê</i> (INF08F ¹ F ² 1) [A, F ²] Cf. vaquinha. Nota: Não há registro nas obras consultadas, DE e DG.	81,25%	87,5%	75%	68,75%	62,5%	75%

Ordem	gíria	acepção	UFGD	1º ano	5º ano	Anhanguera	1º ano	5º ano
45	naquear	v.i. Mastigar um pedaço de fumo sem engolir; mascar. ... <i>igual us meninu fala assim... vamu <naquiá> um fuminhu</i> (INF05FF1) [A, F]. Nota: a gíria corresponde a um hábito comum da maioria dos estudantes do curso de Agronomia, predominante no sexo masculino. Não há registro nas obras consultadas, DE e DG.	12,5%	25%	0%	25%	37,5%	12,5%
46	nem bero	fraseol. Espécie de repulsão em relação a alguém ou alguma coisa; não se aproximar ou não desejar que algo considerado negativo se aproxime, pode ser uma pessoa, um lugar, uma festa, uma doença. ... <i>é aversäu né... nãu teim condiçäu dissu acontecê... <nem bero> dissu acontecê</i> (INF06F1A1) [A, F²]. Nota: Não há registro nas obras consultadas, DE e DG. Na obra DE registra bera que se resume ao indivíduo ou ao objeto de pouco ou nenhum valor. Alguns acadêmicos relacionaram à expressão nem bero a beira do rio. Um rio que não se deve aproximar nem das margens, beira do rio.	12,5%	25%	0%	31,25%	62,5%	0%
47	paia	adj. Diz-se do objeto de baixa qualidade, ou de pouco ou nenhum valor, ou de um ambiente que por algum motivo não é atraente ou desagrade para quem o visita. ... <i>já tá <paia>... vamu imbora... tá <paia></i> (INF06FF1) [A, F]. Nota: A gíria é usada nas situações de festa mal organizada ou que acaba a bebida, ou que as pessoas convidadas não sejam agradáveis. Há registro na obra DG com a mesma acepção apresentada, com as acepções de “1 ruim, 2 palha, coisa sem valor” (p. 537). Não há registro na obra DE consultada.	31,5%	37,5%	25%	18,75%	37,5%	0%
48	parceiro	s.m. e s.f. Designação atribuída a pessoa muito amiga, que participa junto das atividades de diversão e também dos momentos de tristeza; pessoa em quem se pode confiar. ... <i>amigu mesmu... <parceru> qui cê podi confiá qui pra qualqué hora precisá, nãu colega di classi... < parceru> mesmu</i> (INF04MF²¹) [A, F²] Sin. companheiro Cf. falso.	37,5%	50%	25%	43,75%	50%	37,5%

Ordem	gíria	acepção	UFGD	1º ano	5º ano	Anhanguera	1º ano	5º ano
		Nota: Há registro com a mesma acepção na obra DG, com designação de “amigo” (p. 545). Já na obra DE o registro apresenta acepção diferente da apresentada aqui.						
49	pau-mandado	s.m. Designação atribuída a pessoa apaixonada pelo namorado(a) ou esposo(a), que é obediente aos comandos do companheiro(a) sem questionar. ... <i>xonadãu::: <pau-mandadu></i> (INFXIMA5) [A, F ²] Cf. xonado, coitado. Nota: Há registros nas obras consultadas, DE e DG, com a mesma acepção apresentada.	12,5%	25%	0%	18,75%	12,5%	25%
50	pé-de-valsa	s.m. Designação genérica atribuída a pessoa que dança muito bem. ...< <i>pé-di-valsã</i> >... <i>fandangueru... baleru</i> (INFXMA5) [A, F ²] Sin. baileiro Var. balero, baladeiro. Nota: Há registro da gíria nas duas obras consultadas. No DG registra a acepção de “dançarino”. (p. 555).	6,25%	12,5%	0%	37,5%	37,5%	37,5%
51	personalidade	s.m. Designação atribuída pelos acadêmicos ao conjunto de imagem e valores que constitui o acadêmico de agronomia: os modos, o estilo de vestir e os valores a terra típicos do homem da área rural. ... <i>peessoa di <personalidadi> differenti... si vesti differenti... é u rústico</i> (INFVIF ¹ A1) [A, F ²]. Nota: Ao fazer referência à personalidade acadêmica, observa-se, no contexto da fala, o orgulho em se diferenciar em relação a outros grupos sociais. Não há registro na obra DG consultada, e na obra DE há registro como modo de ser, considerada como a mesma acepção apresentada aqui.	37,5%	50%	25%	50%	50%	50%
52	potranca	s.f. Designação atribuída pelos acadêmicos para nomear a mulher bonita, atraente e de corpo bem desenhado pela forma física. ... <i>cheia di muiê bunita...; tava chea di <potranca>... tava regada a festa... regada de muiê</i> (INFIMA1) [A, F ²]. Cf. tchuca, top, trem que pula. Nota: Não há registro na obra DG, e a obra DE registra a mesma acepção	18,75%	25%	12,5%	50%	75%	25%

Ordem	gíria	acepção	UFGD	1º ano	5º ano	Anhanguera	1º ano	5º ano
		apresentada aqui.						
53	pra frente	loc. adj. Diz-se da pessoa do sexo masculino ou feminino que possui facilidade em se relacionar com outrem; pessoa alegre, simpática, que já teve muitos namoros em momentos diferentes. ... <i>rodadu mesmu... homi rodadu... muié rodada..</i> < pra frente > (INFXVF ¹ A5) [A, F ²] Sin. rodada Cf. aberta. Nota: gíria usada especificamente pelos acadêmicos, com uma conotação pejorativa à mulher. Para se referir ao acadêmico que já namorou muitas garotas designam como garanhão, com conotação de elogio. Há registro na obra DG, como “moderno” (p, 586), acepção diferente da apresenta. Não há registro na obra DE.	43,75%	75%	12,5%	50%	50%	50%
54	queimar uma carne	fraseol. Designação atribuída para nomear a festa de churrasco. ... <i>vamu <quimá uma carni>... armá uma bagunça</i> (INF06F ¹ F ² 1) [F ²] Sin. churras. Nota: Não há registro nos dicionários consultados, DE e DG.	31,25%	62,5%	0%	0%	0%	0%
55	rango	s.m. Designação genérica usada para nomear comida. ... <i>queru <rangá>... queru comê</i> (INF02MA1) [A, F ²] Sin. boia. Nota: Há registro nas obras consultadas, DE e DG, com a mesma acepção apresentada.	37,5%	62,5%	12,5%	56,25%	62,5%	50%
56	rodada	adj. Diz-se da pessoa do sexo masculino ou feminino que possui facilidade em se relacionar com outrem; pessoa alegre, simpática, que já teve muitos namoros em momentos diferentes. ... <i>essa daí é <rodada>... essa daí piscô levô</i> (INF16MF ² 5) [A, F ²] Sin. pra frente Cf. aberta. Nota: gíria usada especificamente pelos acadêmicos, com uma conotação pejorativa à mulher. Para se referir ao acadêmico que já namorou muitas garotas designam como garanhão, com conotação de elogio. Há registro na obra DG como segunda acepção “mulher de muitos amores” (p.618), não há designação para o homem. Na obra DE não há registro.	25%	25%	12,5%	31,25%	25%	37,5%

Ordem	gíria	acepção	UFGD	1º ano	5º ano	Anhanguera	1º ano	5º ano
57	rodeio	s.m. Designação genérica para nomear festa de rodeio, com laçada, com música do gênero sertanejo e aberta para o público dançar. ... <i>festa di <rodeiu>... vamu lá pru fandangu hoji quando teim alguma coisa assim tipu baili</i> (INFIVMA1) [A, F ²] Sin. laçada. Nota: Não há registro na obra consultada DG, e há registro com acepção diferente da apresenta no DE.	50%	62,5%	37,5%	37,5%	62,5%	12,5%
58	rufião	s.m. Designação atribuída para nomear a pessoa do sexo masculino que faz constantes tentativas para conquistar o sexo oposto, mas não consegue. Ele procura se manter com a imagem de conquistador. ... <i>derãu u nomi <rufiãu> aquela qui faiz qui pega muito... mais num pega.</i> (INF09F ¹ F ² 5) [A, F ²] Var. rufiadô. Nota: O uso da gíria, segundo acadêmicos, deu-se em função de aulas sobre bovinocultura cujo termo aparece referindo-se ao boi que tem um desvio peniano e apenas prepara ou indica as vacas prontas para inseminação artificial ou para o boi reprodutor. Há registro de acepções semelhantes nas duas obras consultadas. Há registros da gíria no DE em uso na Região Sul do país e no DG com a mesma acepção (p.621).	31,25%	37,5%	25%	31,25%	25%	37,5%
59	rústico	s.m. 1 Designação atribuída para nomear a pessoa do sexo masculino que usa o traje: chapéu ou boné, camiseta listrada polo ou camisa, calça justa jean, bota ou botina, o traje rústico. ... <i>a genti coloca <rústicu> é u modu di si visti qui é uma calça mais batida visualmente, bota, uma polu...</i> (INF05F ¹ F ² 1) [A, F ²] Sin. country. Cf. sertanejo, caubói. 2 Designação atribuída a pessoa que possui comportamento rude, sem modos, considerado não refinado, pessoa da área rural sem civilidade. ... <i>u cara mais <rústicu>... eli é beim fazenda mesmu né... é mais pelu jeitu deli pronuncia as coisa mesmu né...u cara fala mais brabu</i> (INFXMA5) [A, F ²] Sin. bruto Cf. caubói, sertanejo. Nota: Os acadêmicos, em seus discursos, deixam transparecer uma associação das gírias bruto e rústico ao acadêmico; já as gírias agrobói, caubói, sertanejo são explicitadas como sinônimos do acadêmico de Agronomia. Há registro no DE conforme a acepção 2, e não há com	87,5%	87,5%	87,5%	62,5%	62,5%	62,5%

Ordem	gíria	acepção	UFGD	1º ano	5º ano	Anhanguera	1º ano	5º ano
		acepção 1. Não há registro na obra DG.						
60	sardinha	s.f. Designação empregada para nomear o veículo de transporte coletivo urbano da cidade de Dourados-MS. ... <i>mais apertadu qui <sardinha></i> (INFIIMA1) [A, F ²] Sin. amarelão. Nota: A gíria sardinha utilizada por esses acadêmicos refere-se ao excesso de lotação do coletivo. Há registro na obra DE com acepção diferente da apresentada, e na obra DG não há registro.	25%	50%	0%	18,75%	12,5%	25%
61	se boiando	loc. adj. Diz-se da pessoa ingênua que não percebe situação favorável a ela ou as intenções de outrem. ... <i>tá <se bobianu>... que neim vamu supô a situaçu...u cara tá numa festa... a minina tá a fim du cara e u cara tá lá cunversanu.</i> (INFXMA5) [A, F ²]. Nota: Não há registro nas obras consultadas, DE e DG.	50%	62,5%	37,5%	56,25%	62,5%	50%
62	sem sal	loc. adj. Diz-se da uma pessoa ou de uma festa sem atrativos, que não provoca a atenção ou admiração. ... <i><sem sal>... paradu... nãu teim pegada... nãu é rústicu neim chucru</i> (INF11F ² 5) [A, F ²]. Nota: Não há registro na obra DG consultada, e há registro na obra DE consultada com acepção diferente da apresentada.	50%	50%	50%	37,5%	25%	50%
63	sertanejo	s.m. 1 Designação atribuída para nomear a pessoa do sexo masculino que cuida e valoriza a área rural e também usa trajes típicos de pessoas trabalhadoras da zona rural, que utilizam-nos como forma de proteção contra o sol ou lesões no corpo provocadas pelo ambiente, são peças como: chapéu, camiseta ou camisa, calça justa jean, bota ou botina. ... <i>é u cara da fazenda... é u verdaderu chucru... eli sim é u verdaderu <sertaneju> né...</i> (INFIVMA1) [A, F ²] Sin. caubói Cf. country, rústico. 2 Designação genérica usada de modo específico para nomear aquele que é acadêmico	18,75%	37,5%	0%	37,5%	50%	25%

Ordem	gíria	acepção	UFGD	1º ano	5º ano	Anhanguera	1º ano	5º ano
		em Agronomia. ...nu Armazeim a maiuria é <sertaneju>... é caubói, us agrobói... pra mulhê nun dá muito porque é otru istilu... (INF06F1A1) [A, F²] Sin. caubói Cf. country, agrobói. Nota: Há registro no DE com a mesma acepção 1. Na obra DG a acepção é diferente das apresentadas.						
64	sistemático	adj. Diz-se da pessoa do sexo masculino que conserva os valores do homem da área rural: como os modos de comportamento, a lida no campo e os trajes típicos usados por pessoas trabalhadoras da zona rural como: chapéu, camiseta ou camisa, calça justa jeans, bota ou botina. ...é rústico é <sistemático>... é câutri na fazenda... é piauzãu (INFXVIF1A5) [A, F²] Cf. sertanejo, caubói, country. Nota: Há registro na obra consultada DE com acepção diferente da apresentada. Na obra DG não há registro.	12,5%	12,5%	12,5%	6,25%	12,5%	0%
65	tá em todas	fraseol. Designação atribuída à pessoa que se encontra presente com frequência em festas, encontros em bares, reuniões festivas. ...cê num perdi uma... arroiz di festa... <tá im todas> (INF01MF²1) [A, F²] Sin. arroz de festa, balador. Nota: Há registro na obra consultada DG com a mesma acepção apresentada como “está sempre presente” (p. 652), e na obra DE não há registro.	25%	50%	0%	18,75%	12,5%	25%
66	tchuco	adj. Diz-se da pessoa muito bonita, atraente, que chama a atenção do sexo oposto. ...tchuca... tchula... nãu nu sintidu di cachaça... é di bunita... simpática (INFIXMA5) [A, F²] Sin. trem que pula Var. tchuca, tchula. Nota: A gíria pode ser uma redução de tchutchuca registrado na obra DG, com datação de uso desde o ano 2000, a acepção é “entre funks, tratamento carinhoso para moças menos atiradas” (p. 661). Não há registro na obra DE consultada.	12,5%	0%	25%	37,5%	50%	25%
67	tera	s.m. Designação atribuída para nomear o tereré, bebida gelada composta de água e erva mate, que se toma por uma bombilha, como uma espécie de chimarrão, porém gelado. ...bati papu... cunversá... tomá um <tera> (INFXIIF1A5) [A, F²] Var. téri, téris.	37,5%	62,5%	12,5%	50%	62,5%	37,5%

Ordem	gíria	acepção	UFGD	1º ano	5º ano	Anhanguera	1º ano	5º ano
		Nota: a gíria é uma redução de tereré. Não há registro nas obras consultadas, DE e DG.						
68	tomar uma	fraseol. Ato de se reunir geralmente em buteco ou bar ou outro ambiente para ingerir bebida alcoólica, especificamente cerveja. ... <i>juntá a turma nu butecu... pra <tomá uma> nós fala</i> (INFXVF ¹ A5) [A, F ²]. Nota: Não há registro nas obras consultadas, DE e DG.	68,75%	62,5%	75%	62,5%	50%	75%
69	top	adj. Diz-se de uma festa bastante animada, com muitas pessoas bonitas e cerveja em abundância ou uma pessoa bonita e cheia de atrativos. ... <i>sim mulhê bunita... homi bunitu... festa <topi></i> (INF05F ¹ F ² 1) [A, F ²] Sin. bruta Cf. malícia. Nota: A gíria refere-se a algo positivo, bom e atraente. Não há registro na obra DG consultada, e na obra DE há registro com acepção diferente da apresentada. A gíria pode representar a redução da fraseologia <i>top de linha</i> , registrada no DG como acepção de “especial, o melhor, o ótimo” (p. 678), já que a acepção dos acadêmicos relaciona-se ao que há de melhor em termos de festa e pessoas.	50%	87,5%	12,5%	68,75%	75%	62,5%
70	traia de patrão	fraseol. Designação atribuída para nomear algo bonito, sofisticado e de boa qualidade como uma festa, uma roupa, um carro ... <i><traia di patrão>... festa topi</i> (INFXMA5) [A, F ²]. Nota: Não há registro nas obras consultadas, DE e DG.	6,25%	0%	12,5%	25%	25%	25%
71	trem que pula	fraseol. Diz-se da pessoa muito bonita, atraente, que chama a atenção do sexo oposto. ... <i><trem qui pula> é ô muié... agora trem siria uma coisa</i> (INFIVMA1) [A, F ²] Sin. tchuco Var. trem. Nota: Não há registro nas obras consultadas, DE e DG	6,25%	12,5%	0%	43,75%	62,5%	25%

Ordem	gíria	acepção	UFGD	1º ano	5º ano	Anhanguera	1º ano	5º ano
72	vaquinha	s.f. Designação ao ato de arrecadar dinheiro de um grupo, que se encontra reunido, para comprar bebida alcóolica, especialmente a cerveja. <i>...quando... numa festa acaba a bibida ... elis vão pra outra festa... fazei uma <vaquinha> i comprá bibida... porque a graça da festa é a bibida</i> (INF11F ¹ F ² 5) [A, F ²] Var. vaca Cf. na faixa. Nota: Não há registro nas obras consultas com a acepção apresentada. Na obra DG, a acepção do registro relaciona-se a solidariedade, “ajuda” (p. 700).	12,5%	12,5%	12,5%	25%	50%	0%
73	violada	s.f. Designação genérica para nomear festa do universo sertanejo como música de moda de viola, e uso de trajes típicos. <i>...agora quando é <violada> ondi vai tê dupla sertaneja... aí vai</i> (INF11F ¹ F ² 5)[A, F ²] Sin. country Cf. rodeio, laçada. Nota: Não há registro na obra consultada DG, e há registro na obra DE com acepção diferente da apresentada aqui.	31,25%	50%	12,5%	25%	37,5%	12,5%
74	xonado	adj. Diz da pessoa que está ou vive muito apaixonada e sofre por amor. <i>...aí:: tá sofrendu pur amô... tá <xonadu>... tá di coração partidu</i> (INF05F ¹ F ² 1) [A e F ²] Sin. coitado, Var. apaxonado, Cf. amarrado. Nota: Não há registro no DE, entretanto o DG registra a mesma acepção com designação de “apaixonado” (p. 716).	25%	50%	0%	18,75%	12,5%	25%

1.2 Descrição dos fatos linguísticos: uma proposta sociolinguística

A hipótese inicial é a constatação de que os estudantes do curso de graduação em Agronomia da cidade de Dourados no estado de Mato Grosso do Sul possuem uma variedade linguística, pertencente às línguas especiais, configurada pela gíria, que se distancia dos padrões da língua comum falada pela sociedade geral. Não se refere aqui à língua falada pelos profissionais, isto é, a língua especial do engenheiro agrônomo, a língua tecnoleto, da área científica, e sim o comportamento linguístico dos acadêmicos em situações informais, em outras palavras, a língua falada espontaneamente.

Depois de coletados os dados nas universidades em situações reais de comunicação, por meio de entrevistas, seguidas das tarefas de transcrições de acordo com as orientações e adaptações das Normas do Projeto NURC/SP⁴¹, foram extraídas do corpus das entrevistas as palavras e fraseologias mais recorrentes na fala dos acadêmicos, como forma de amostragem da variante utilizada, para estudos de caráter sociolinguístico e lexical.

Para a constatação de que as palavras usadas pelos acadêmicos pertenciam à variante especial ou à modalidade padrão da língua, a consultou-se a obra lexicográfica dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, de Houaiss e Villar (2001) que evidencia um considerável universo representativo da língua contemporânea. A palavra, depois de consultada no dicionário de língua, foi classificada como padrão da língua aquela cuja aceção trazia a informação de uso formal e que não trazia o registro de uso informal, ou brasileirismo, ou regionalismo, ou mesmo identificação de uso com nomes de Estados brasileiros, ou explicitamente gíria. A palavra considerada gíria, destinava-se àquela que não era registrada no dicionário de língua ou já era registrada como gíria.

Além disso, as palavras extraídas foram identificadas num mesmo contexto relacionados ao local das entrevistas e à situação de comunicação. Essa atitude contribuiu para a manutenção dos significados das variantes e para que pudessem ser aplicadas à mesma variável. Não é um trabalho tão simples, já que os estudos relacionados à semântica, principalmente os ligados à sintaxe, são mais complexos, como declara Silva (2003):

⁴¹ Conforme orientações explícitas no Capítulo II a respeito do roteiro metodológico desta pesquisa.

a começar pela dificuldade na obtenção de um número significativo de dados para a análise: é consenso que há menos variação na sintaxe do que na fonologia, no sentido não só de menos ocorrências de um mesmo fenômeno, mas também de menos variedades de fenômenos. Além disso, nesse campo, a questão das diferenças de estilo se torna mais difícil de controlar (SILVA, 2003, p.68).

A Teoria Variacionista inicialmente referia-se a estudos do fenômeno morfofonológico, cujos dados obtidos apresentavam um grande número de ocorrência, que configuravam confiabilidade. Por isso, conforme Silva-Corvalán (1986), o pensamento voltava-se para a necessidade de estender os estudos a outros campos da língua. “Se se encontra variação sistemática e quantificável no campo da fonologia, por que não estender sua procura à sintaxe, à semântica e até ao discurso?” (SILVA-CORVALÁN, apud SILVA, 2003, p. 68). Essa atitude aconteceu devido às realizações bem sucedidas dos estudos da variação fonológica de orientação laboviana que motivou os sociolinguistas a aplicar os mesmos métodos e técnicas à análise de casos de variação na sintaxe.

A análise aqui se refere à outra questão da teoria, que não fonológica, originaria provavelmente em função da ampliação do objeto de estudo, a variação lexical, que também é questão considerada central nos estudos sociolinguísticos. De um corpus de 32 entrevistas, foram coletadas 74 palavras recorrentes na fala dos estudantes universitários como amostragem das gírias utilizadas pelo grupo. Dessas 74 palavras, registraram-se 1205 ocorrências das entrevistas para compor a descrição sociolinguística com base em grupos de fatores linguísticos e sociais.

Tabela 1 - Amostra de ocorrência das palavras segundo a variável dependente: gíria e padrão.

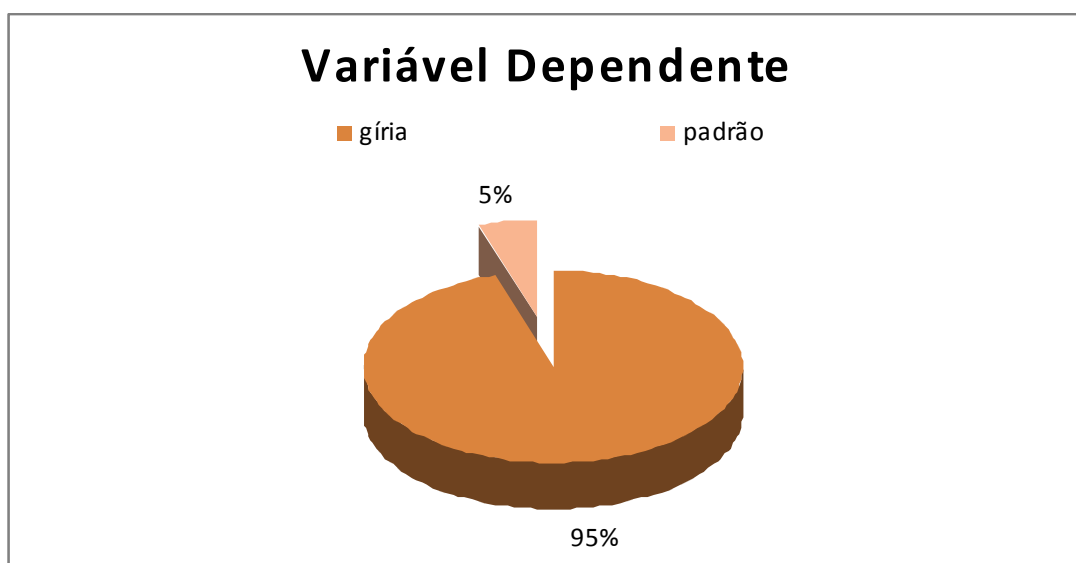
	ocorrência	%	
gíria	1146	95	
padrão	59	5	Input .99
n/ total	1205		

A tabela 1 mostra a preferência do grupo acadêmico pelo uso da gíria na fala. A princípio causa estranhamento por se tratar de estudantes universitários, entretanto isso logo se esclarece. De acordo com Mollica (2003), o linguísta Labov (1972) investigou o efeito de diversos fatores de natureza social sobre o traço do inglês padrão e não padrão, dedicando-se

a demonstrar que Black English vernacular sofre preconceito em razão de pressões étnicas, escolarização e classe social. É o que se verifica aqui, no entanto não se trata de uma classe menos prestigiada, nem considerada estigmatizada pelo universo acadêmico de estudantes de Agronomia da cidade de Dourados-MS.

No input .99, comprova o uso da variedade linguística lexical dos acadêmicos, na escolha pela gíria, já que das 1205 amostras de palavras coletada nas entrevistas, 1146 correspondem ao uso da língua especial, confirmando a hipótese do uso da variedade na fala desse meio acadêmico. Diante da consulta ao dicionário de língua, constatou-se, portanto, 59 das palavras pertencentes à modalidade padrão da língua, ou seja, de uso comum da língua, como se verifica na tabela a seguir.

Gráfico 7 – Distribuição das ocorrências segundo a *variável dependente*: gíria e padrão.



Para a confirmação da preferência pelo uso da gíria, o gráfico 7 apresenta 95% de recorrência das palavras coletadas pertencem a variante. A constatação da palavra como gíria ou não exigiu um trabalho de comparação entre um dicionário de língua e o conceito atribuído pelos acadêmicos. Nesse sentido, verificou-se a acepção da palavra como padrão da língua portuguesa vigente no Brasil ou como gíria dos acadêmicos. Durante essas consultas, se ocorresse o registro da palavra no dicionário com acepção, indicando o uso formal ou padrão da língua, e essa igual acepção também constava nos contextos de fala dos acadêmicos, estabelecia-se, dessa forma, que a palavra usada pelo acadêmico pertence à modalidade

padrão da língua portuguesa. Como se verificou, por exemplo, na consulta da palavra cachaceiro, que Houaiss (2001) registra como acepção de “diz-se de ou quem costuma beber cachaça ou outra bebida alcoólica em grandes quantidades ou imoderadamente”. Para os acadêmicos pesquisados (cf. quadro 5), a entrada para cachaceiro corresponde à “Designação genérica atribuída para nomear a pessoa que ingere em excesso a bebida alcoólica”, revelando a mesma acepção do dicionário de língua, e, portanto, identificado como modalidade padrão da língua, e usado na linguagem dos acadêmicos.

Em outras situações, durante as consultas ao dicionário de língua, deparava-se com a ausência do registro ou havia o registro, no entanto com acepção diferente da apresentada pelo acadêmico, ficava claro que se tratava de uso de gíria, pertencendo, portanto, ao uso padrão da língua. Assim, quando computada, chegou-se ao índice significativo de 95% de uso de gírias, e 5% são pertencentes à modalidade padrão da língua.

Mollica (2003) orienta quanto ao comportamento linguístico não padrão, como a gíria, torna-se preferência ou mesmo de prestígio para alguns grupos, como se apresenta aqui os universitários:

Nem sempre variedades de prestígios, com alta cotação de mercado, são necessariamente assimilada pelos falantes. Há casos que, por razões outras, constituem mudança em curso e, por isso, os padrões linguísticos devem ser compreendidos também pela natureza dinâmica. Esse é um dos motivos pelos quais não necessariamente os movimentos dos indivíduos na direção de ascensão social redundam na apropriação de recursos linguístico-discursivos monitorados (MOLLICA, 2003, p. 30).

Para os acadêmicos, a opção pela variante peculiar significa uma fala de prestígio e importante não só para comunicação interna do grupo como para a futura profissão, já que a linguagem cotidiana circunda o universo da área de atuação do profissional de Agronomia. Essa razão leva os acadêmicos a considerá-la como linguagem de prestígio na comunidade. As palavras e expressões apresentam relação com a área rural, como agrobói, caubói, chucro, machorra, sertanejo, rufião, traia de patrão, entre outras. Por isso, nesse montante de 1205 palavras foram registradas 1.146 ocorrências de gírias. A preocupação em torno desse número é verificar se as gírias são faladas aleatoriamente sem a preocupação com o significado atribuído na comunicação ou se há consenso em relação aos conceitos das gírias utilizadas, confirmando a como norma e se eles possuem a consciência da variante utilizada no cotidiano. É o que se constatará na tabela a seguir.

Tabela 2 - Distribuição segundo o grau de variação semântica das palavras entre os acadêmicos.

Conceito/significado entre os acadêmicos	gíria		padrão		somas	PR
	oc	%	oc	%		
norma	1003	95	45	5	1048	.96
variação	143	91	14	8	157	.91
n/total	1146	95	59	4	1205	

Como se observa na tabela 2, as 1.146 ocorrências registradas da fala entre os acadêmicos correspondem à gíria. Para confirmar se as palavras utilizadas possuem a mesma significação entre os acadêmicos, configurando o uso como norma, foi aplicado um questionário de caráter semasiológico a todos os informantes, que oportuniza ao estudante a refletir e apresentar o significado da gíria usada no seu grupo social. Essa atitude também mostra maior credibilidade da pesquisa e mantém a fidelidade da significação da variante lexical atribuída por esse universo estudantil. É o que se observa na seguinte fala da acadêmica quando inquirida sobre a questão de número 34 - do significado da palavra garapé - do campo semântico lexical festa; a informante de número XIII, do 5º ano de graduação da Anhanguera, apresenta a seguinte explicação:

...festa assim teim baili di garapé... teim baili... seria di dia... di tardi... assim é baili di tardi... assim depois da laçada vai pru baili assim di tardizinha i segui até a noiti... mais nãu muito tardi (INFXIIIF¹A5).

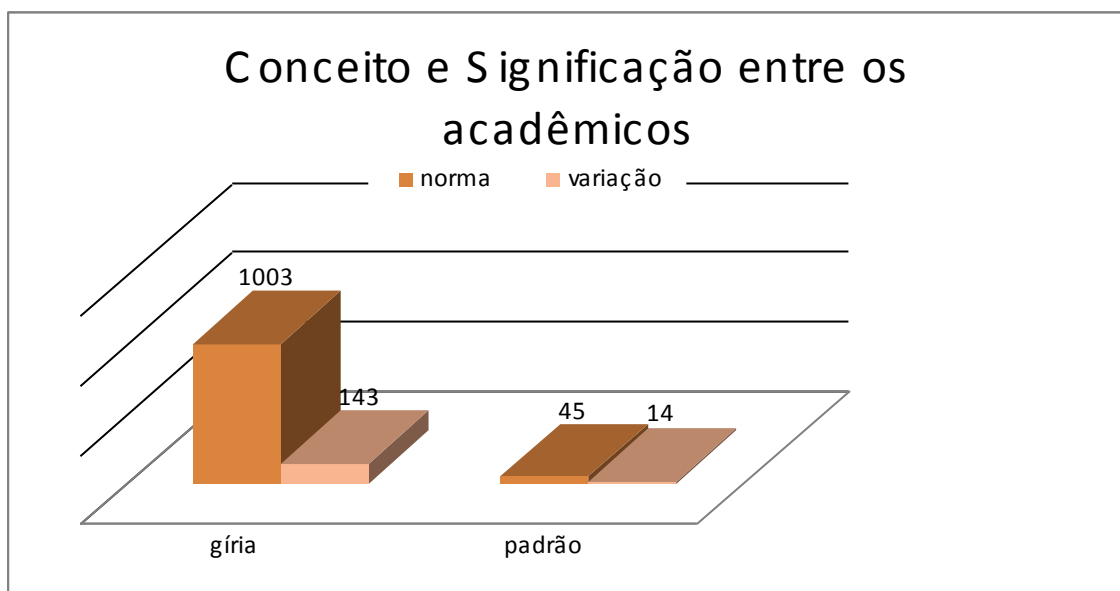
A mesma relação semântica desta palavra garapé é compatilhada pelo informante de 19 anos, do 1º ano de graduação da Anhanguera:

...festa di laçu cumpridu... é um laçu sozinho qui laça di equipi... aí issu é gíria i quem laça laçu cumpridu... aí garapé seria um monti di genti dançandu aquelas música beim rasquiadu... mais puxadu pru rasquiadu du Paraguai i todú mundu dançandu... i churrascu imbaxu du garapé... qui antigamenti u garapé era feito di palha qui elis faziãu... hoji nãu hoji é barracão (INFIVMA1).

E assim os conceitos das palavras mais recorrentes apresentadas pelos acadêmicos foram quantificadas em dois grupos, aqueles que apresentam o mesmo significado, revelando

norma para os acadêmicos e aquelas que sofriam variação semântica nos discursos destes. Do montante de 1.146 ocorrências registradas como gírias, 1003 delas mantêm com a mesma significação na linguagem dos acadêmicos. Em número menor, 143 ocorrências foram computadas como aquelas que sofriam variação semântica ou apresentava dois significados, variando de acordo com os contextos durante as falas. O que se verifica nas primeiras colunas do gráfico seguinte.

Gráfico 8 – Distribuição das ocorrências segundo o grau de *variação semântica das palavras entre os acadêmicos*.



De acordo com o gráfico 8, representativo da variante linguística coletadas para amostragem. Na modalidade gíria 95% das palavras mantêm a mesma significação na comunicação entre os acadêmicos. Como se observa, as maiores colunas pertencem à norma que se refere à unanimidade semântica das palavras, tanto para as palavras catalogadas como gírias como às pertencentes ao padrão da língua.

Como se verificam na tabela e no gráfico, a fala dos acadêmicos mostra-se específica e peculiar do grupo, revelando que eles atuam de acordo com o comportamento linguístico não padrão comum à comunidade em que vivem, e que para estabelecer a comunicação entre eles elegeram uma variedade linguística, por meio de escolhas de variantes lexicais.

Em outras palavras, pode-se afirmar que os universitários mantêm a fidelidade semântica das escolhas lexicais na comunicação do grupo, como se pôde verificar nas duas

falas acima com relação à gíria garapé atribuída por acadêmicos da mesma instituição, e séries diferentes.

A preferência pelo uso variante especial é notória. Ainda assim, foi computada a relação dessas palavras, tanto as gírias como as consideradas padrão, com o dicionário de língua, como se verá a seguir, com o intuito verificar o uso da norma como uma criação lexical dos acadêmicos para o uso da comunidade.

Tabela 3 – Distribuição das palavras segundo a variável *relação semântica com o dicionário de língua portuguesa*, tendo como regra de aplicação a variante gíria.

Acepção em relação ao dicionário	gíria		padrão		somas	PR
	oc	%	oc	%		
corresponde	156	73	55	26	211	.74
não corresponde	990	99	4	1	994	1.00
n/ total	1146	95	59	4	1205	

As hipóteses de que os acadêmicos de Agronomia da cidade de Dourados–MS podem configurar uma comunidade linguística e que a comunicação se estabelece por meio de uma língua especial vão se confirmando na medida em que se analisam os números em relação ao uso das palavras utilizadas nas fala do cotidiano desse universo acadêmico, conforme a tabela 3.

Os números, peso relativo de 1.00, registram que das 1.146 ocorrências do total de gírias, 990 delas apresentam acepção diferente a do dicionário de língua em uso, ou seja, do dicionário eletrônico que serviu de parâmetro para esta pesquisa, Houaiss (2001). Isso quer dizer que a comunicação da comunidade constitui uma linguagem própria, uma vez que, além de se distanciarem da língua comum, diferem das acepções registradas no dicionário (HOUAISS, 2001), configurando desse modo à criação de palavras pelos estudantes universitários de Agronomia.

Um exemplo de palavra e acepção própria pode ser constatado nas falas das informantes de números 06 e 07, ambas de 18 anos e do primeiro ano de Agronomia da UFGD. Ao explicarem o significado da palavra *agrobói* em negrito e itálico no texto, e acepção destacada por sublinhado, a primeira informante:

...si eli é caubói é purqui é filhu di produtô... si eli é **agrobói** é purqui eli só gosta du istilu mesmu” (INF06F¹F²1); a segunda informante: “podì sê filinho di papai ou di produtô rural tambeim o agrobói... u caubói... u mesmu vestuáriu mais nãu fica cantanu pineu” (INF07F¹F²1).

Em suma, **agrobói** para a comunidade acadêmica é a pessoa do sexo masculino que usa traje típico do homem da área rural, como chapéu, camisa listrada, calça jean justa, cinto de couro com fivela de formato oval, bota ou botina; porém não possui vínculo afetivo com a área rural nem com a lida no campo. Essa corresponde a uma das acepções apresentada no miniglossário usada pelos acadêmicos.

Tabela 4 – Taxas de distribuição segundo a variável classes de palavra, tendo como valor de aplicação a variante gíria.

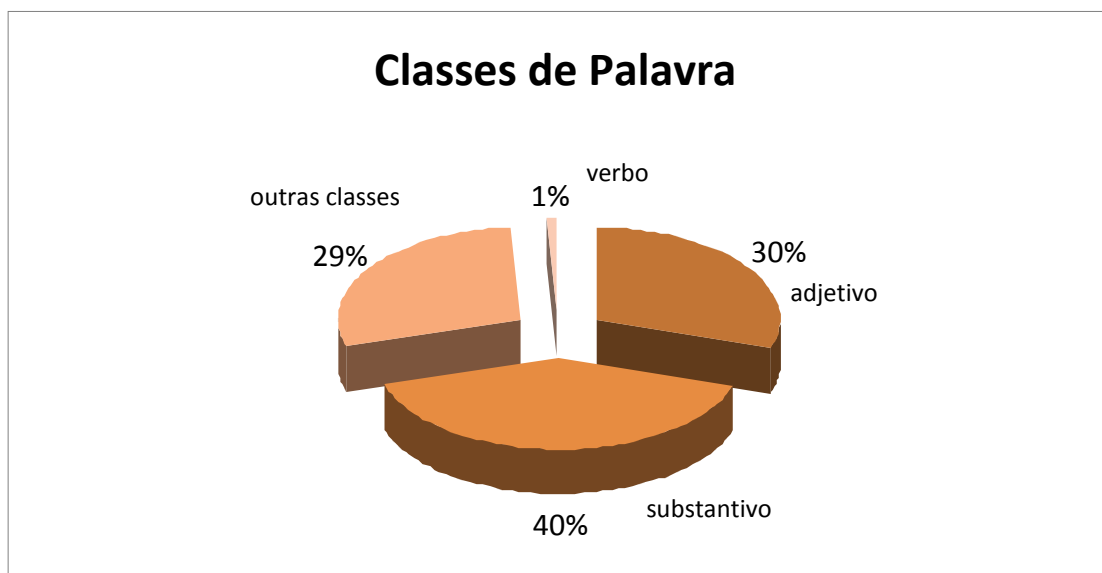
Classes de palavra	gíria		padrão		somas	PR
	oc	%	oc	%		
substantivo	461	89	55	10	516	.89
adjetivo	344	99	2	1	346	.99
verbo	11	91	1	8	12	.92
outras classes	330	99	1	1	331	1.00
n/total	1146	95	59	4	1205	

Conforme a tabela 4, das 1.146 gírias identificadas pelo programa GoldVarb 2001, 461 ocorrências pertencem à classe dos substantivos, que significa a denominação que os acadêmicos atribuem a pessoas, comportamentos, sentimentos, objetos e outros elementos nomeados para comunicação peculiar da comunidade. As gírias, identificadas como substantivos, são, por exemplo, *agrobói*, *amarelão*, *bruta*, *caubói*, *chucra*, *garapé* não foram localizadas no dicionário de língua consultado, confirmando a criação lexical na comunicação interna específica do grupo. Os substantivos também imperam na modalidade padrão da língua usada pelos acadêmicos. Foram registradas 55 ocorrências de um número total de 59, evidenciando o predomínio dessa classe na variante linguística.

O mesmo não acontece com os adjetivos, verbos e outras classes gramaticais, já que predominam apenas na modalidade gíria, sendo mínima a ocorrência na modalidade padrão. Entretanto, essas classes apresentam números também significativos na categoria gíria, pois

foram registradas 344 ocorrências de adjetivos e 330 de outras classes gramaticais, apenas os verbos se mostram pouco usados, como se verifica no gráfico seguinte.

Gráfico 9 – Distribuição das ocorrências segundo a variável *classes de palavra*.



De acordo com o gráfico 9, na distribuição do vocabulário segundo a variável classes de palavra, aparece com maior índice o grupo de substantivos que registraram um percentual de 40% das ocorrências da amostra coletada nas entrevistas com os acadêmicos. Vale observar que ainda deve-se somar 5% das ocorrências padrão da língua, totalizando nesse caso 45% da classe dos substantivos. Em seguida aparecem os adjetivos com percentual de 30% das gírias, e bem próximo a esse número se encontra o percentual de 29% de outras classes. Já os verbos se confirmam como pouco comum na fala do grupo acadêmico em questão.

Tabela 5 – Taxas de distribuição segundo a variável *extensão da palavra*, tendo como valor de aplicação a variante *gíria*.

Extensão da palavra	gíria		padrão		somas	PR
	oc	%	oc	%		
polissílabo	281	85	49	14	330	.85
trissílabo	482	98	7	1	389	.99
dissílabo	326	99	2	1	328	.99
monossílabo	57	98	1	1	58	.98
n/total	1146	94	59	4	1205	

De acordo com a tabela 5, a extensão da palavra parece não interferir na preferência pelas variantes. O maior índice de ocorrências se encontra nos registros trissílabos com 482 ocorrências, da modalidade gíria, como *rústico*, *sardinha*, *potranca*, *vaquinha*, *xonado* entre várias outras compostas de três sílabas. Há também 7 ocorrências da modalidade padrão para essa categoria.

Em seguida, com um número considerável de 326 ocorrências estão os dissílabos, na modalidade gíria. São elas: *bruta*, *bruto*, *churras*, *fresco*, *junta*, *paia*, e tantas outras pertencentes à fala de uso comum do grupo acadêmico.

As palavras de extensão possilissílabo aparecem com um número não menos significativo, já que se somada as ocorrências padrão e as gírias, são 281 ocorrências de palavras mais 49 ocorrências padrão, totalizando 330. Isso se deve às fraseologias bastante recorrentes na fala dos acadêmicos, como: *armar o buteco*, *churrasco sem carne*, *mexer o doce*, *pau-mandado*, *queimar uma carne*, que foram consideradas como uma expressão. Das polissílabas, nas ocorrências padrão encontram-se *companheiro*, *cachaceiro*, *sertanejo*, com maior ocorrência em relação às outras extensões de palavras.

Com um número menor estão os monossílabos com 57 ocorrências que podem ser identificados em *fi*, *top*, como exemplos.

Tabela 6 – Distribuição das palavras segundo a variável sexo, tendo como valor de aplicação a variante gíria.

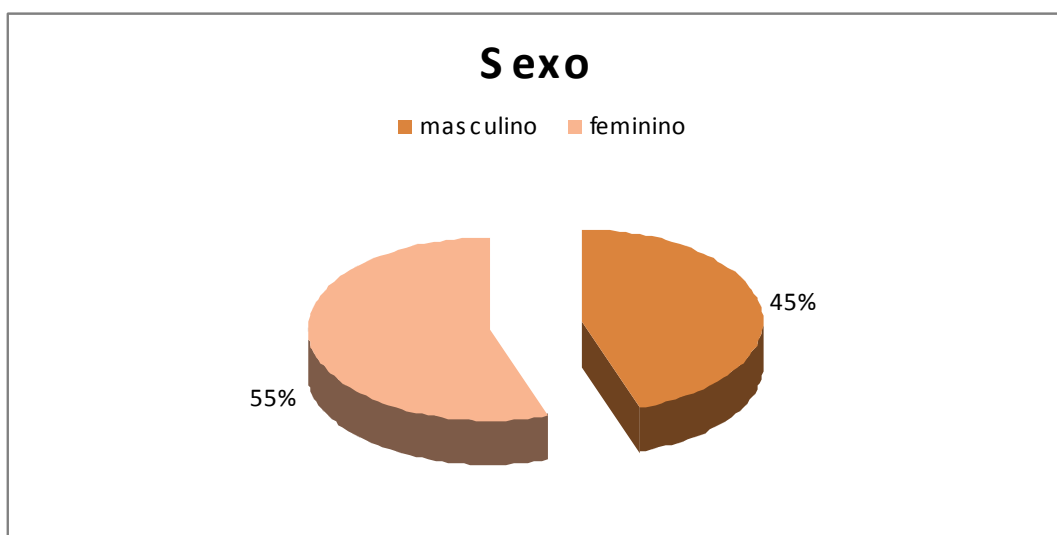
Sexo	gíria		padrão		somas	PR
	oc	%	oc	%		
masculino	512	94	32	5	544	.94
feminino	634	95	27	4	661	.96
n/total	1146	95	59	4	1205	

O que se observa inicialmente é o número considerável de frequência das escolhas lexicais na fala do grupo feminino em relação ao masculino. Das palavras computadas como gíria, 634 ocorrências aparecem na fala feminina, enquanto na fala masculina registraram-se 512 ocorrências. A diferença mostra que 11% das gírias dos acadêmicos são representadas pelo sexo feminino. Esse comportamento é comum nos estudos com relação à variação linguística. Segundo Paiva (2003, p.33) “As diferenças básicas mais evidentes entre a fala de homens e mulheres se situam no plano lexical. Parece natural admitir que determinadas palavras se situam melhor na boca de um homem do que na boca de uma mulher”.

Os primeiros estudos sobre a variação linguística e o fator gênero/sexo se encontram em Fischer (1958)⁴² a cerca da pronúncia do sufixo inglês *-ing*, ele observou que a pronúncia velar, e não dental, era mais frequente entre mulheres, cuja escolha relacionava-se a valorização social. “O que Fischer constata, portanto, é que a forma de prestígio tende a predominar na fala feminina” (PAIVA, 2003, p. 33-34). Em outras palavras, o falante do sexo feminino apresenta a tendência de escolhas linguísticas de maior prestígio do que a forma considerada de menor prestígio social.

No Brasil, estudos revelaram que esse comportamento linguístico da classe feminina se mostra comum. Paiva (2003) apresenta um trabalho de Mollica, Paiva & Pinto (1989) também no nível fonológico sobre a supressão da variável vibrante nos grupos consonantais (problema/poblema, proprietário/proprietário) na fala do carioca. Os resultados mostraram que as mulheres utilizam mais a forma padrão, isto é, sem a supressão da vibrante, revelando também a escolha pela forma prestigiada.

Gráfico 10 – Distribuição das ocorrências segundo a variável sexo.



Não só em estudos de caráter fonológico, o comportamento linguístico do sexo feminino busca a forma prestigiada socialmente. Paiva (2003) apresenta também estudos no nível do sintagma nominal, no nível do discurso, e outros diversos estudos a respeito de

⁴² Em Fischer (1958), o estudo corresponde a análise da variação na pronúncia do sufixo inglês *-ing*, formador de gerúndio (Walking, talking) intitulado *Influências sociais na escolha de variantes linguísticas*.

variáveis da língua portuguesa demonstram “que poderíamos denominar uma maior consciência feminina do status social nas formas linguísticas” (PAIVA, 2003, p. 35).

A variante linguística usada pela comunidade acadêmica do curso de graduação em Agronomia da cidade de Dourados-MS representa valor de *status* social na comunicação para o universo acadêmico de Agronomia. Alguns estudantes observam que professores também pertencem ao mesmo universo, como se lê na fala do informante de número III, de 17 anos, do 1º ano de graduação da Anhanguera:

...é qui geralmenti us professoris já são mais istilu caipira (INFIII1A1).

Outro exemplo é da informante de número 10, de 21 anos, do 5º ano da UFGD:

...eu achu qui teim até entri us professoris... entri us próprios alunus... pelu fatu di a genti trabalhá mais a zona rural... elis incorporâu um poucu u piãu na hora de falá” (INF10F1F25).

Diante disso, observa-se ainda que os comportamentos dos acadêmicos vão além do linguístico, não se restringe apenas aos alunos, mas se estendem aos professores, confirmando o valor de prestígio na comunidade acadêmica. Isso revela o porquê da classe feminina dar preferência à fala da comunidade. A classe feminina costuma fazer opção pela de prestígio social, como a gíria é considerada a forma de prestígio e poder na comunidade, fica clara a opção pela norma comum do grupo. Por isso, os números deixam claro que 55% das mulheres apresentam a preferência pelo uso da variedade lexical em relação a 45% do sexo masculino.

Tabela 7 – Distribuição das palavras segundo a variável *cidade de origem*, tendo como valor de aplicação a variante gíria.

Cidade de origem	gíria		padrão		somas	PR
	oc	%	oc	%		
outras cidades	556	94	35	5	591	.94
Dourados	590	96	24	3	614	.96
n/total	1146	95	59	4	1205	

Embora os acadêmicos declarem pertencer a cidades vizinhas à cidade de Dourados, estes residem em Dourados pelo período de, no mínimo, cinco anos para concluírem o curso

de Agronomia, como se verifica no gráfico 2. Dos 32 acadêmicos entrevistados, dois deles moram em cidades vizinhas e voltam todos os dias para sua cidade de origem, após as aulas. Isso significa que a maioria deles, ou 96%, moram na mesma cidade, Dourados - MS. É relevante também declarar que os estudantes, que moram fora de Dourados, não retornam frequentemente nos finais de semana ou feriados para suas cidades por causa dos compromissos envolvendo atividades estudantis.

Pode-se considerar que o meio social em que os acadêmicos convivem diariamente é a cidade de Dourados, já que o contato com as cidades de origem minimiza durante o tempo de graduação.

Tabela 8 – Distribuição das palavras segundo a variável *classificação da Instituição de Ensino Superior*, tendo como valor de aplicação a variante gíria.

Classificação da Instituição de Ensino Superior	gíria		padrão		somas	PR
	oc	%	oc	%		
UFGD	510	95	5	4	535	.95
Anhanguera	636	94	34	5	670	.95
n/total	1146	95	59	4	1205	

Os números mostram a identificação da comunidade linguística acadêmica do curso de Agronomia da cidade de Dourados-MS. Independente da instituição de Ensino Superior, a língua falada dos estudantes corresponde à modalidade não padrão da língua, cujas ocorrências apresentam uma diferença de 5% a mais de uso da gíria na comunicação entre uma instituição e outra. O maior número, com 636 ocorrência, foi registrado na fala dos acadêmicos da Anhanguera, enquanto na UFGD, o registro foi de 510 ocorrências. Os números não representam disparidade nas escolhas lexicais dos acadêmicos, ao contrário, fortalece a ideia de identificação linguística da comunidade dos cursos de graduação em Agronomia.

Na UFGD, ocorreu a menor frequência provavelmente porque os formandos quiseram defender a ideia de que não usam a gíria. Num determinado momento de entrevista um acadêmico afirmou isso e saiu questionando os demais colegas e ao mesmo tempo reprovando a gíria. Como a palavra possui o poder de influenciar, isso pode ter contribuído para que alguns acadêmicos do 5º ano da UFGD tenham relutado em algumas respostas, declarando apenas “não sei”, “não me lembro”.

Os fatores sociais são de relevante importância para as explicações de escolhas linguísticas de comunidades. Conforme Mollica (2003), Sankoff, Kem & Cedergren (1978) demonstraram que os fatores sociais como escolarização, valor de mercado de formas discursivas e *status* profissional dos falantes são relevantes para determinar o grau negativo ou positivo de marcação social das alternativas linguísticas: falantes com maior cotação no mercado linguístico tendem a lançar mão de estruturas de maior cotação no mercado linguístico.

O curso de graduação em Agronomia na região de Dourados – MS apresenta perspectiva de atuação profissional em função das extensas áreas de agricultura e pecuária. Além disso, a UFGD oferece nessa área de conhecimento estudos em nível de Mestrado e Doutorado, que possibilitam o aperfeiçoamento e oferece profissional de qualidade ao mercado de trabalho.

Tabela 9 – Distribuição das palavras segundo a variável *ano de graduação*, tendo como valor de aplicação a variante gíria.

Ano de graduação	gíria		padrão		Somas	PR
	oc	%	oc	%		
1. ano	696	95	32	4	728	.96
2. ano	450	94	27	5	477	.94
n/total	1146	95	59	4	1205	

Por duas razões, já era esperada que a recorrência fosse maior no primeiro ano, e não no último ano de graduação: o quinto ano afirma que não há variação linguística na comunidade acadêmica. Entretanto revelam particularidades da língua falada nas conversas informais, como se verifica nas falas de acadêmicos do 5º ano, a informante de número 11, de 23 anos e do informante de número 14, de 25 anos, ambos da UFGD.

...falá erradu é uma característica né... i aí fala::: Ah::: porque é du cursu... cê vivi nu campu, geralmenti as palavra muié é... qui mais... (INF11F¹F²5).

...vai tê muié... elis fala né... vai tê muito agrobói... as menina quandu fala vai tê festa di agrobói... (idem).

...issu aí a genti custuma frisá muito qui teim qui usá a languageim du campu mesmu... porque a genti é acostumadu... tá acostumadu a vê esses dois ladus... (INF14MF²5).

As declarações de que não havia variante linguística imperou no 5º ano da UFGRD, razão que esclarecem as citações anteriores, cujo conteúdo evidencia a língua especial, contrariando o que eles pretendiam mostrar. Comportamento oposto se nota nas turmas de primeiro ano, é um grupo mais empolgado e com necessidade de se inserir na comunidade. De fato, a recorrência das gírias é maior no primeiro ano de graduação, são 696 ocorrências no primeiro ano e 450 ocorrências no quinto ano de graduação.

Como no último ano de graduação, não só do curso de Agronomia, mas em outros também, os acadêmicos possuem compromissos que os deixam muito preocupados e focados nas atividades, como os trabalhos de produção de monografia, apresentação dessa monografia, que corresponde ao trabalho de conclusão de curso; o cumprimento de estágio também se faz presente no final de curso. Nesse período não é tarefa fácil fazê-lo desviar o foco de seus compromissos, por isso afirmam de imediato que não usam gírias e que isso é do pessoal que está chegando (referem-se ao primeiro ano). Os números mostram que, apesar de eles afirmarem o não uso da língua especial, a diferença de ocorrências em relação ao primeiro ano é pouco significativa diante do comportamento que apresentam. O que se verifica é que os veteranos deixam um legado de escolhas lexicais, por isso sempre apontam para o primeiro ano.

Já o primeiro ano, como os veteranos afirmam, empolgado chega a uma comunidade já instituída e precisa partilhar os valores do interior do grupo para garantir a sua inserção e aceitação. Os jovens recentes no grupo se mostram mais em comportamentos linguísticos e sociais promovidos pela comunidade. Eles querem a anuência dos componentes do grupo, por isso ficam em evidência para provar que já são iguais a eles.

Os estudantes encontram-se em situação social de prestígio por serem universitários, por terem condições financeiras para realizar o curso⁴³, além de alguns acadêmicos desfrutarem do benefício de pertencer a famílias bem estruturadas financeiramente. A escolaridade tem sido alvo de estudos constantemente para se verificar o grau de influência sobre os falantes quanto à apropriação da norma linguística. Segundo Mollica (2003, p. 28), “As contribuições de Laberge (1977), Clermont & Cedergren (1979) e os trabalhos de Kemp (1979 e 1981) consolidam resultados a favor da tese de que empregos linguísticos prestigiados acham-se preferencialmente em indivíduos com prestígio social alto”.

⁴³ Considera-se o fato de os estudantes da Faculdade Anhanguera pagarem mensalidade no curso de formação em Agronomia.

Tabela 10 - Distribuição das palavras segundo a variável *idade*, tendo como valor de aplicação a variante *gíria*.

Idade	gíria		padrão		somas	PR
	oc	%	oc	%		
menos de 25 anos	1058	95	55	5	1113	.95
mais de 25 anos	88	95	4	4	92	.96
n/total	1146	95	59	5	1205	

A tabela demonstra que a idade dos acadêmicos do curso em Agronomia, referente ao ano de 2009, ficava entre 17 e 28 anos. Observa-se ainda que os acadêmicos de, 21, 22 e 23 anos encontram-se principalmente nas últimas séries. Na UFGD, a idade predominante do ingresso do acadêmico é de 18 anos, e para a conclusão do curso fica entre os 25 anos.

Na Faculdade Anhanguera, a idade predominante de ingresso do acadêmico é de 19 anos, e para a conclusão do curso, menos de 25 anos, já que de 8 (oito) acadêmicos entrevistados do último ano, um informou a idade de 21 anos; dois informaram a idade de 22 anos; outros dois, a idade de 23; e os demais a idade acima de 23 anos. As informações relativas aos acadêmicos, como a idade e outros dados, também podem ser verificadas no quadro 3, da página 73. Na tabela 10, 1.058 ocorrências das gírias são de acadêmicos com menos de 25 anos, enquanto 88 ocorrências são de acadêmicos com mais de 25 anos, números que não significam mudança de comportamento linguístico na comunicação interna do grupo, considerando que os estudantes acima de 25 anos representam apenas 8% o universo entrevistado, como se verá no gráfico seguinte.

A faixa etária da convivência do grupo acadêmico, no cotidiano universitário, revela que há uma diferença de 11 anos, no curso de Agronomia da Anhanguera. Entretanto não se notam mudanças na fala do grupo, como se observa nos três informantes seguintes: o primeiro é o informante de número X, com idade de 28 anos, do 5º ano de graduação, casado, da Anhanguera; o segundo, a informante de número VIII, com idade de 17 anos, do 1º ano de graduação, da Anhanguera, e o terceiro é o informante de número III, com idade de 17 anos, do 1º ano de graduação, da Anhanguera:

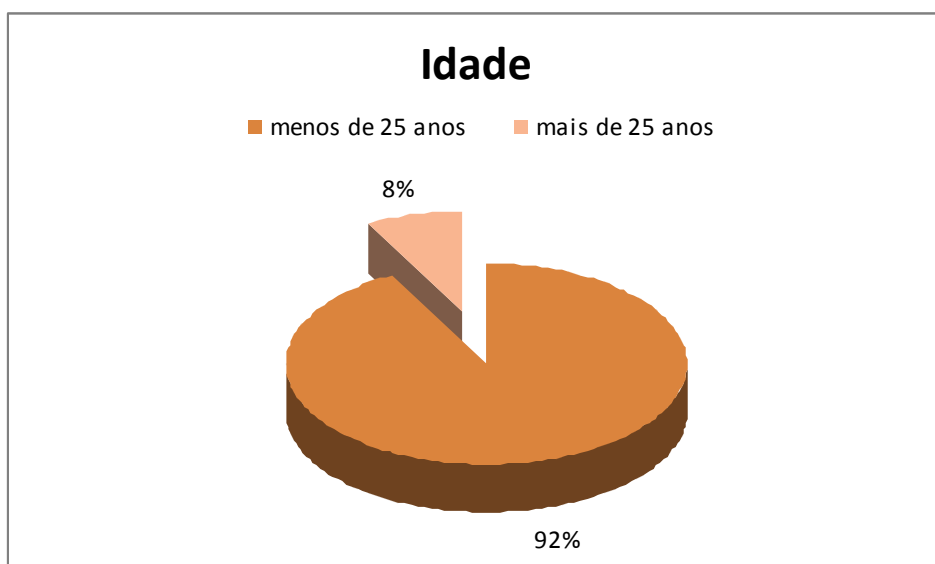
“nois é nóis, u restu é bosta... nois semo assim, bem unidu... assim im questãu di uma festa... a genti si reúni entri elis i forma u grupu... nãu tem essi negóciu di a gente é mei nóis... nem Veterinária... pra lá Biologia”.. (INFXMA5).

“ eu procuru sempri i na minha aria... eu gostu mais di sertaneju, nãu sô muito fã, eu gostu sim... mas qui tenha várius istilus di música... nãu só aquela música” (INFVIII^{F1}A1).

“é qui na verdadi nóis sai poco, vamo se encontrá na casa di colega... qui geralmenti é feitu im casa... muma casa... elis fala geralmenti qui vãu si incontrá na casa da pessoa... elis assim di tal pessoa... aí quem nãu tem carr... aí eu buscu você i assim vai” (INFIIIA1).

Os depoimentos são de estudantes da mesma universidade, que revelam o sentimento de que os acadêmicos do curso procuram formar um grupo independente e partilharem dos mesmos ideais como a não inserção de outras pessoas em seu grupo, nem se envolverem com outros grupos também. Como forma de marcar e individualizar o grupo, nota-se a participação em festas comuns ao grupo; o mesmo gosto musical, evidenciando o gênero sertanejo como preferência. Em síntese, as falas dos informantes mostram a união dos acadêmicos de Agronomia na formação do grupo desde o início do curso, construindo uma imagem identitária.

Gráfico 11 - Distribuição das ocorrências segundo a variável *idade*



Como se trata de estudantes universitários, já era esperado o perfil da idade de adolescentes e jovens. Os números mostram que 92% dos acadêmicos de Agronomia, independente do ano de graduação, fazem uso da variante lexical, a gíria. As diferenças de

idade dos acadêmicos, 8% acima de 25 anos, não chegam a comprometer as escolhas lexicais na comunicação interna do grupo.

A identificação do grupo acadêmico de Agronomia é fácil de ser localizada nas IES pesquisadas, em função de outras regras de comportamento, a da linguística. Encontra-se sempre em forma de grupo nos momentos de descanso das atividades em sala de aula, e as vestimentas já citadas alhures permitem a identificação do grupo, antes mesmo de se aproximar para manter um contato.

Quando um grupo social assume o comportamento de uma variante linguística, por meio, nesse caso específico, de escolhas lexicais, a comunicação possui normalmente a função de garantir a identidade do indivíduo com um determinado grupo específico, um sistema de valor definido. De certa maneira, são formas partilhadas no interior de um grupo e marcadoras de sua individualidade com relação a outros grupos sociais. Se o elemento deseja integrar o grupo, deve compartilhar também, além de suas atitudes e valores, principalmente a linguagem característica desse grupo.

1.3.1 Registro de dicionarização das gírias de Acadêmicos dos cursos de graduação em Agronomia da Grande Dourados – MS

Quadro 6 - Dicionarização das gírias de acadêmicos da graduação em Agronomia da Grande Dourados – MS

Legenda:

ND - Não dicionarizado;

DMA- Dicionarizado com a mesma acepção;

DAD – Dicionarização com acepção diferente.

Ordem	gíria	HOUAISS E VILLAR			SERRA E GURGEL		
		ND	DMA	DAD	ND	DMD	DAD
01	aberta			X			X
02	Agrobói	X			X		
03	Amarelão			X			X
04	amarrado			X		X	
05	armar o boteco	X			X		
06	arroz de festa		X			X	
07	baileiro	X				X	
08	balador			X	X		
09	bandida			X			X
10	boia		X			X	
11	boteco		X			X	
12	bruta			X			X
13	bruto			X			X
14	cabaço			X			X
15	cabeceira			X	X		
16	cachaceiro		X			X	
17	carregar porco	X			X		
18	caibói			X	X		

Ordem	gíria	HOUAISS E VILLAR			SERRA E GURGEL		
		ND	DMA	DAD	ND	DMD	DAD
19	chegar cedo	X			X		
20	choco parado	X			X		
21	chucra	X			X		
22	chucro		X			X	
23	churras	X			X		
24	churrasco sem carne	X			X		
25	coitado			X			X
26	companheiro		X		X		
27	corno			X			X
28	country			X	X		
29	de boa	X					X
30	derramado			X	X		
31	falso			X	X		
32	fi			X			X
33	fresco			X			X
34	garapé	X			X		
35	gente boa	X					X
36	junta		X		X		
37	laçada			X	X		
38	largado			X		X	
39	machorra			X	X		
40	malícia			X			X
41	mexer o doce	X			X		
42	muié macho	X			X		
43	na broca	X				X	
44	na faixa	X				X	
45	naquear	X			X		
46	nem bero	X			X		
47	paia	X				X	
48	parceiro			X		X	
49	pau-mandado			X		X	
50	pé-de-valsas		X			X	
51	personalidade			X	X		
52	potranca		X			X	
53	pra frente	X				X	
54	queimar uma carne	X			X		
55	rango		X			X	
56	rodada			X		X	
57	rodeio			X	X		
58	rufião		X			X	
59	rústico			X			X
60	sardinha			X	X		
61	se bobiando	X			X		
62	sem sal	X			X		
63	sertanejo		X				X
64	sistemático		X		X		
65	ta em todas	X				X	
66	tchuco	X			X		
67	tera	X			X		
68	tomar uma	X			X		
69	top			X	X		
70	traia de patrão	X			X		
71	trem que pula	X			X		
72	vaquinha			X			X
73	violada			X	X		
74	xonado	X				X	

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob a luz dos estudos do léxico e da Teoria da Variação, este trabalho teve como finalidade a descrição por amostragem da língua falada, em nível lexical, da comunidade acadêmica do curso de graduação em Agronomia da cidade de Dourados no estado de Mato Grosso do Sul, uma vez que configura um grupo social peculiar em função do uso de língua especial, em nível lexical, e um conjunto de regras intuídas pela comunidade de universitários, diferenciando-a da comunidade geral.

Não só o uso das escolhas lexicais é comum entre os acadêmicos, outros comportamentos são comuns a eles, como o tipo de vestuário, considerado por eles como estilo caubói ou sertanejo, são peças como: boné ou chapéu, camiseta polo listrada de preferência, calças jeans justas, cinto com fivela grande e de formato oval, botina bota e a adoção de determinadas regras que seguem os componentes do grupo para confirmação de que se trata de uma comunidade que se individualiza, se identifica e se diferencia da sociedade, por meio de mecanismos linguísticos e sociais.

A língua falada contribui significativamente para a construção identitária do ser humano. Já se sabe também que a variação é característica de qualquer língua natural e funcional na comunicação individual ou coletiva. Dos níveis de variação da língua, esse estudo focalizou a lexical, entretanto, além das escolhas lexicais, que são internas à língua, a variação extralinguística revela-se importante nos esclarecimentos e explicações da língua especial usada por grupos de falantes de uma mesma comunidade. Nesse sentido, as variações linguísticas e extralinguísticas constituem para o enfeixe da imagem identitária de componentes de uma comunidade. Como afirma Mollica (2003, p. 27), “aparentemente caótica e aleatória, a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível, porque os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais”.

Observou-se, por meio de informações extralinguísticas, que o perfil dos acadêmicos revela elementos do meio em que vivem como fatores de influência nos comportamentos linguísticos e sociais. A comunidade em questão reside na região da grande Dourados, porém, a maioria mora em Dourados por no mínimo cinco anos, período mínimo de término do curso de graduação em Agronomia. Isso significa que parte desses acadêmicos possui maiores

responsabilidade, que moram sozinhos, em repúblicas ou com parentes, somando aos estudos de período integral. Não representa a maioria ser filho de produtor rural e por isso cursam na área de interesse da família. Entretanto, a comunidade acadêmica do curso de Agronomia demonstra sentimento forte de amor a terra e respeito por aqueles que trabalham na área rural. Para lidar com pessoas que trabalham no campo, agricultores, pecuaristas, defende que é preciso manter a imagem em que o receptor se veja retratado, por isso agregam valores característicos do meio em que vivem essas pessoas como o vestuário e a língua para que possam ser aceitos. Assim, são conscientes de que de um lado representam aqueles que possuem o conhecimento científico; de outro, aqueles que vivem no campo e lidam com a terra e que devem ser respeitados, porque possuem o conhecimento prático adquirido de gerações anteriores, passado de pai para filho. Os acadêmicos já se revelam como verdadeiros profissionais a partir do momento em que respeitam o conhecimento do outro, principalmente por ser de caráter empírico.

Desse universo de estudantes entrevistados, acima de 80% deles acreditam que possui um vocabulário particular, que difere da comunidade geral. A respeito do comportamento linguístico, eles insistem como fundamental usar a mesma linguagem do receptor para que, além de estabelecer a comunicação, possa também conquistar mais um cliente. É uma atitude coerente de o falante adequar a linguagem ao interlocutor ou às situações de comunicação. Os futuros Engenheiros Agrônômicos declaram que saberão adaptar a linguagem ao cliente produtor rural ou àquele funcionário que administra uma propriedade rural, o capataz; e ao empresariado dos grandes centros urbanos, uma vez que eles possuem o conhecimento prático por causa do contato rural e o conhecimento científico por causa da graduação. A língua constantemente vem associada ao campo rural, à indumentária, à música do gênero sertanejo, utilizada nas diversas situações em que o acadêmico se encontra, seja nos estágios ou como meio de comunicação ou futuramente nas consultorias, como profissionais.

O uso de valores sociais atribuídos à variação linguística é característico de grupos de falantes que usam uma variante particular. É o que ocorre com o universo acadêmico de Agronomia, o cotidiano se reflete na fala. Os universitários residem na segunda maior cidade do estado de Mato Grosso do Sul, com uma população próxima de 200 mil habitantes, porém o dia a dia gira em todo da área rural e em seu vocabulário usam palavras como caubói, machorra, roça, rufião, potranca, peão, sertanejo entre outras que apresentam marcas semânticas do mundo rural, que representa a realidade dos acadêmicos.

Por meio de um estudo sincrônico quantitativo, constata-se aqui a variação lexical sob forma de gíria, na modalidade falada, e por essa razão podem ser chamados de

comunidade linguística. Nesse contexto, o grupo de fator de aplicação foi a gíria e a modalidade padrão; já os fatores de maiores relevância foram: o conceito/significado entre os acadêmicos; a acepção das gírias em relação ao dicionário de língua; as classes e a extensão das palavras, que promoveram a compreensão da variante usada pelos acadêmicos. Igualmente necessários, porém de pouca relevância foram os grupos de fatores: sexo; a cidade de origem (Dourados ou região); a classificação da IES (pública ou particular); o ano de graduação; a faixa etária; a relação do acadêmico com a área rural, comprovando a cumplicidade dos acadêmicos enquanto grupo, já que não interfere a idade ou o ano de graduação, ou a universidade em que estuda, o importante é pertencer ao curso de Agronomia para consequentemente interagir como elemento da comunidade acadêmica.

Para amostragem da variante lexical, de acordo com o cômputo de 74 palavras mais frequentes, os índices mostraram que 95% delas pertenciam à modalidade não padrão da língua, evidenciando a peculiaridade na fala do grupo acadêmico. Além disso, os conceitos que os estudantes atribuem às palavras catalogadas revelam-se unânime na comunicação. As acepções apresentadas pelos acadêmicos são inovadoras, uma vez que não se encontrou registro de muitas delas no dicionário de língua portuguesa. Isso confirma o uso da norma e a manutenção da fidelidade semântica das escolhas lexicais na comunicação do grupo, que além de se constituírem numa linguagem própria, também revelam a preocupação em mostrar e valorizar o grupo a que pertence. Essa característica de valorização é comum em diversas comunidades, em grupos herméticos, como se identificou na comunidade investigada nesse trabalho. O uso de palavras de “pouco prestígio social”, como a gíria, carregado de desvios gramaticais, pode tornar-se de prestígio em determinados grupos sociais.

. Diante disso, constata-se a variação linguística somada a outros elementos que se agregam como indumentária, hábitos sociais, preferência por gêneros musicais, tipos de comida ou alimentação, escolhas de lazer e locais de lazer que constituem como uma maneira de se diferenciar como grupo da comunidade geral em que vive, formando os grupos sociais.

A comunidade acadêmica em Agronomia da grande Dourados não é privilégio do sexo masculino, as mulheres, acadêmicas denominadas de chucras, mesmo que em minoria, utilizam as mesmas peças do vestuário masculino, porém no modelo feminino, só não usam o boné e/ou chapéu. Essa imagem de acadêmica de Agronomia, a chucra, apresenta um referencial de valor positivo perante os colegas de curso. Eles acreditam que elas serão futuras profissionais competentes e de sucesso na área escolhida, no caso a área da Agronomia, ou o tipo de mulher que se identifica com homens definidos como rurais. Perfil contrário é o das mulheres *frescas*, como eles dizem, delicadas, mais femininas, não são adequadas para a

profissão agrária. Isso deixa claro o quanto os acadêmicos de um modo geral acreditam que precisam se apresentar já na graduação com a imagem típica de pessoas trabalhadoras da área rural, porque essa imagem proporciona credibilidade aos futuros clientes, uma vez que o cliente enxergaria no agrônomo a sua imagem e, conseqüentemente, haverá confiança.

Entretanto, ainda existem implicações relacionadas à mulher na lida rural como profissional de Engenharia Agrônômica, preocupação revelada no grupo feminino. Um produtor rural poderia não contratar a consultoria da profissional para não gerar atrito com a sua esposa, já que profissional ficaria horas no campo de lavoura, por exemplo, na companhia do proprietário, o produtor rural. Apesar de declararem que esse comportamento dos clientes foi mais intenso em décadas anteriores; hoje, já há uma maior aceitação. Deve-se considerar também que há mulheres no comando de grandes propriedades rurais nas áreas de agricultura e de pecuária.

. Assim como apresentam a preocupação em se mostrar igual ao do homem, aquele que lida na área rural, o acadêmico de agronomia, ou seja como profissional, Engenheiro Agrônomo, se vê como um homem do campo, que, além do conhecimento, sabe lidar com a terra. As mulheres do curso, mesmo em menor número, acompanham esse estilo masculino, concretizado pela linguagem e pela vestimenta similar ao dos homens. Elas mostram, dessa forma, uma maneira de se igualar com a mesma força, garra e capacidade do homem em trabalhar com a área rural.

Para aqueles que acabaram de ingressar no curso de agronomia, as relações de amizade são rápidas, os primeiros contatos em sala de aula aconteceram de modo tranquilo e receptivo, como se pôde observar durante o ano letivo de 2009. Os estudantes do curso, de modo geral, são simpáticos, extrovertidos e principalmente receptivos com aqueles que acabaram de chegar. Assim, promovendo em poucos meses a inserção dos calouros ao grande grupo, e os calouros na ânsia de aceitação logo estão adaptados aos comportamentos da comunidade.

Fica clara também a transformação de comportamento dos calouros do curso, tanto linguístico como social. Muitos estudantes iniciaram a graduação usando um traje de estilo mais esportivo como camisetas, calças jeans mais largas, tênis, sandália, chinelo, e, com o passar dos anos, algumas dessas peças são substituídas por camiseta polo ou camisa, calças jeans justas, cinta com fivela do formato oval bota ou botina. São jovens que não apresentam relação ou contato com o meio rural, e mudaram o comportamento, numa busca de uniformização do grupo, tornando-se homogêneos nos estilos de vestir e falar.

A explicação para a variante da língua é esclarecida pelos fatores sociais que envolvem o meio acadêmico, desde o primeiro momento na universidade: a inserção do candidato no curso de graduação em Agronomia propicia um clima de amor e valorização a terra em função das temáticas da área; a busca de identidade do grupo acadêmico, agregando elementos da área do curso, como a criação de gíria como forma de comunicação no grupo.

A amostra do glossário acadêmico revela halo linguista que revestem campos semânticos referentes ao mundo universitário dos acadêmicos de agronomia nos diferentes níveis de graduação, padronizando um traje social cotidiano formal ou não. O uso da língua constitui mesmo a identidade semiótica do acadêmico na construção lematizada das gírias, cujos campos semânticos relacionam-se com a vida rural como as palavras de uso comum entre os estudantes como: rufião, machorra, traia de patrão.

Da constituição do corpús registra-se, além da interação pessoal com os acadêmicos, a observação e o flagrante do uso da linguagem na realidade do grupo. Dessa maneira, as acepções apresentadas no glossário significam o universo conceitual e também referencial das gírias usadas internamente na comunidade acadêmica. Também é relevante considerar que a gíria levada à forma de glossário tem a função não só de apresentar o vocabulário, mas de servir como forma de conhecimento dessa comunidade em questão.

A diversidade linguística abrange alguns aspectos como o relacionado à identidade social do falante, e a sociolinguística investiga a identidade de grupos sociais, as atitudes sociais em relação às formas consideradas da modalidade padrão e da modalidade não padrão à língua, não para apresentar a variedade estigmatizada, mas como uma maneira diferente de se expressar. A variante dos falantes da comunidade em questão é uma realidade e existe em função das situações de produção em que são usadas, associadas às crenças e aos valores do grupo.

As análises sociolinguísticas confirmam que na cidade de Dourados-MS, os estudantes do curso de Agronomia possuem uma variável linguística lexical na comunicação, somada a outros comportamentos comuns entre eles, que consistem em norma de interação no grupo e o uso da gíria na comunicação interna do grupo. As atitudes dos acadêmicos evidenciam que as motivações para o surgimento do comportamento linguístico gírio se deve às variações internas e externas à língua, e à preservação da identificação do grupo. E a cada ano letivo, o grupo é renovado com a saída dos formandos e com o ingresso de novos integrantes que reafirmam a identidade peculiar desse grupo.

REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. et al. *Glossário de termos neológicos da economia*. São Paulo: Humanistas/FFLCH/USP, 2001.

_____, Neologia e tecnoleitos. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES I. M. (orgs) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS: São Paulo: Humanistas, 2001. p. 25-31.

_____, A unidade lexical neológica: do histórico-social ao morfológico. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (orgs) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. V. II. Campo Grande, MS: Ed. UFMS: São Paulo: Humanistas, 2004. p. 77-87.

_____, Neologia e níveis de análise linguística. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES I. M. (orgs) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, vol. III Campo Grande, MS: Ed. UFMS: São Paulo: Humanistas, 2007. p. 77-91.

ANDRADE, M. M. de. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES I. M. (orgs) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. V.II. Campo Grande, MS: Ed. UFMS: São Paulo: Humanistas, 2001. p. 25-31.

AMARAL, A. *O dialeto caipira: gramática – vocabulário*. 4ª ed. São Paulo: Heitec, 1982.

AMUSATEGI, K. R. *Sociolinguística*. Madrid: Editorial SINTESIS, S. A. 1990.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

_____, *Preconceito linguístico*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

_____, *A norma oculta - língua & poder na sociedade brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____, Nada na língua é por acaso: ciência e senso comum na educação em língua materna. *Presença Pedagógica*, Minas Gerais: UFMG, setembro de 2006.

BARROS, L. A. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: editora da USP, 2004 – (acadêmica; 54).

BEVILACQUA, C. R e FINATTO, M. J. B. Lexicografia e terminologia: alguns contrapontos fundamentais. In: *Alfa*, São Paulo. 50 (2): p. 43-54. 2006.

BIDERMAN, M.T.C. A estrutura mental do léxico. In: *Estudos da filologia e linguística*. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP. 1981, p. 131-145.

_____, A definição Lexicográfica. In: *Terminologia*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras. Cadernos do I. L. n. 10, Termisul. 1993.

_____, Dimensões da palavra. In: *Filologia e linguística portuguesa*, nº. 2, 1998. p. 81-118.

_____, Conceito linguístico da palavra. In: *A Delimitação de unidades lexicais* (org.) BASÍLIO, M. nº 1. Rio de Janeiro: Palavra/Departamento de Letras da PUC-RJ . 1999. p. 81-97.

_____, Aspectos teóricos do fenômeno linguístico. In: BIDERMAN, M.T.C. *Teoria linguística (teoria lexical e linguística computacional)* / 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes.- 2001. p. 13-42.

_____, Fundamentos da lexicologia. In: BIDERMAN, M.T.C. *Teorias linguísticas (teoria lexical e linguística computacional)* 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 100-213.

_____, Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES I. M. (orgs) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS: São Paulo: Humanistas, 2001. p. 131-144.

_____, Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, volume II, ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. de G (orgs). Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004. p. 185-200.

BORTONI-RICARDO, S. M. Revisitando os contínuos de urbanização, letramento e monitorização estilística na análise do português do Brasil. In: DIETRIC, W.; NOLL V. (orgs). *O português do Brasil: perspectivas da pesquisa atual*. Madrid: Iberoamericana/Vervurt: Frankfurt am Main, 2004.

BOUQUET, S. *Introdução à Leitura de Saussure*. Trad. SALUM, C. A. L.; FRANCO, A. L. São Paulo: Editora Cultrix. 1997.

BUENO, E. S. da S. *Nós, a gente e o boia-fria: uma abordagem sociolinguística*. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

BRIGHT, W. As dimensões sociolinguísticas. In: FONSECA, M. S. V.; EVES, M. F. (orgs) *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorados, 1974.

CABELLO, A. R. G. Processo de formação da gíria brasileira. In. Revista *ALFA*; nº 35. UNESP. São Paulo, 1991, p. 19-53.

CALVET, L. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. MARCIONILO, M. – São Paulo: Parábola, 2002. 176 p.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. 8ª ed. Petrópolis: 1978.

_____, *Contribuições à estilística portuguesa*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

CARDOSO, S. A.M. et al. *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. CARDOSO, S. A. M.; OTA, J. A.; SILVA, R. V. M., organizadoras. – Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO, ALiB (Brasil). *Atlas linguísticos do Brasil: questionário 2001/ Comitê Nacional do Brasil ALiB*. – Londrina: Ed. UEL, 2001.

COSERIU, E. *Teoria da linguagem e linguística geral* (cinco estudos). Trad. CARNEIRO, A. D. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COUTINHO, I de L. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. Ver. Rio de Janeiro. Ao livro técnico, 1976.

DOURADOS. Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD *Manual do candidato Processo Seletivo da UFGD-Verão 2009*. Dourados, 2009. p.24-25. www.ufgd.edu.br.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de linguística*. Trad. Izidoro Blikstein – 10ª reimpr. Da 1ª ed. De 1978. São Paulo: Cultrix, 2006.

FARACO, C. A. Estudos Pré-Saussurianos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs) *Introdução à Linguística*. V.3. 2 ed, São Paulo: Cortez, 2005, p. 27-42.

_____, A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERNANDÉZ, D. A. La lexicografía como disciplina linguística. In: GUERRA, A. M. M. (coord.) *Lexicografía española*. Barcelona: Editorial Ariel S.A., 2003, p. 53-78.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. *A dialetologia no Brasil* – São Paulo: Contexto, 1994. – (Repensando a língua portuguesa).

FERREIRA, M. B. et al. Variação linguística: perspectiva dialetológica. In: *Introdução à linguística geral e portuguesa*. FARIA, I. H. et al. Caminho coleção universitária série linguística, 1996.

FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo; Ática, 1997.

GIRALDO, J. J. M. Lengua, dialecto y norma. In: *Thesaurus, Boletín del Instituto Caro y Cuervo*. Bogotá, XXXV, 1980.

GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GRYNER, H. OMENA, N. P. A interferência das variáveis semânticas. In: *Introdução à sociolinguística* / MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs). – São Paulo; Contexto. 2003.

GUY, G. R. *Sociolinguística quantitativa – instrumento de análise* / GUY, G. R.; ZILLES, A. – São Paulo; Parábola Editorial, 2007.

HEAD, B. F. O “dialetto brasileiro” segundo Leite de Vasconcellos. In: *Variação linguística no espaço, no tempo e na sociedade*. Associação Portuguesa de Linguística. Edições Colibri, setembro de 1994. p. 295-315.

HAENSCH, G.. Tipología de las obras lexicográficas. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982, p. 93-187.

HOUAISS, A; VILLAR, M. S. *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HORA, D. da. Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade. CNPq/ILAPEC/VALPB. João Pessoa: 2004.

KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

_____, et al. *Glossário de gestão ambiental*. São Paulo: Disal, 2006.

ISQUERDO. A. N. Léxico em Tempo e Espaço: a questão dos regionalismos. In: *História, região e identidade*. MARIN. J. R.; VASCONCELOS, C. A. de (orgs) – Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2003.

LABOV, W. *Modelos sociolinguísticos*. Traducción José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Cátedra, 1983.

_____, *Padrões sociolinguísticos*. Trad. BAGNO, M.; SCHERRE, M. M. P.; CARDOSO, C. R. – São Paulo, Parábola Editoria, 2008.

LARA, L. F. O dicionário e suas disciplinas. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M da G. (orgs) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, vol. II Campo Grande, MS: Ed. UFMS: São Paulo: Humanistas, 2004. p. 133-152.

LUCCHESI, D. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MACEDO, A. V. T. de. Linguagem e contexto. In: *Introdução à sociolinguística* / MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs). – São Paulo; Contexto. 2003.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: *Introdução à sociolinguística* / MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. (orgs). – São Paulo; Contexto. 2003.

_____, Relevância das variáveis não linguísticas. In: *Introdução à sociolinguística* / MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. (orgs). – São Paulo; Contexto. 2003.

MURAKAWA, C. de A. A. Modelos dos verbetes em dicionários clássicos da língua portuguesa. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES I. M. (orgs) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. V.III Campo Grande, MS: Ed. UFMS: São Paulo: Humanistas, 2007. p. 235-245.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: *Introdução à sociolinguística* / MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs). – São Paulo; Contexto. 2003.

_____, O dinamismo das línguas. In: *Introdução à sociolinguística* / MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs). – São Paulo; Contexto. 2003.

PAIVA, M. da C. A variável gênero e sexo. In: *Introdução à sociolinguística* / MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs). – São Paulo; Contexto. 2003.

_____, M. da C. Transcrição de dados linguísticos. In: *Introdução à sociolinguística* / MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs). – São Paulo; Contexto. 2003.

PAIVA, M. da C. e DUATER, M. E. L. Mudanças linguísticas: observações no tempo real. In: *Introdução à sociolinguística* / MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs). – São Paulo; Contexto. 2003.

_____, Transcrição de dados linguísticos. In: *Introdução à sociolinguística* / MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs). – São Paulo; Contexto. 2003.

PRETI, D. *Sociolinguística: Os níveis da fala*. Ed. 9. Editora EDUSP, 2003.

_____, A gíria na língua falada e escrita: uma longa história de preconceito social. In: (ORG), *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanistas, 2003a, p. 241-257.

RECTOR, M. *A linguagem da juventude: uma pesquisa geo-sociolinguística*. Petrópolis, Vozes, 1975.

SACCONI, A. L. Língua (Usos culto, coloquial e popular – gíria) In: *Nossa Gramática – teoria e prática*. São Paulo: Editora Atual, 1994.

SANTANA JUNIOR, J. R. Formação territorial da região da Grande Dourados: Colonização e dinâmica produtiva. In: *Geografia* – v. 00, n. 0, Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências, jan/jun 2009.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo. Cultrix, 1974.

SCHERRE, M. M. P. e NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação Varbrul. In: *Introdução à sociolinguística* / MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. (orgs). – São Paulo; Contexto. 2003.

SERRA e GURGEL, J. B. Dicionário de gíria – modismo linguístico, o equipamento falado do brasileiro. 7ª ed. Brasília: s.n., 2005.

SILVA, R. V. da. *Aspectos linguísticos da pronúncia do <s> na região de Corumbá – MS: uma abordagem sociolinguística*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo Ates & Ciências, 2004.

SILVA, V. L. P. da S. Relevância das variáveis linguísticas. In: *Introdução à sociolinguística* / MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs). – São Paulo; Contexto. 2003.

TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing sociolinguistic variation*. Key topics in sociolinguistics. Cambridge University Press: 2006.

TARALLO, F. A. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática. Série Princípios. 96 p. 1986.

_____, *Fotografias sociolinguísticas*. Fernando Tarallo (org). Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas. 1989.

VILELA, M. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

WELKER, H. A. *Dicionários – uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: thesaurus, 2004.

WEINREICH, U. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* / WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I.; Trad. BAGNO M. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

APÊNDICE A – Ficha de Informante

1. A . DADOS DO INFORMANTE:

Nome do acadêmico:.....

Apelido: Cidade onde nasceu:.....

Sexo: Estado civil Idade:.....

Profissão:.....Com quem mora e cidade:.....

B. DOMICÍLIO

Morou sempre em:.....

Até aos: anos em.....

C. GRAU DE INSTRUÇÃO: ACADÊMICOS DE AGRONOMIA

() 1º ano do curso

() 5º ano do curso

D. SITUAÇÃO DA UNIVERSIDADE:

() pública

() privada

2. DADOS DOS PAIS

Iniciais do pai:

Cidade de origem: Profissão:

Iniciais da mãe:

Cidade de origem: Profissão:.....

4. Você acredita que o acadêmico de agronomia possui uma imagem diferente de acadêmicos de outros cursos?

5. Quanto à linguagem, o acadêmico de agronomia possui um vocabulário próprio?

6. Você acha importante o acadêmico conhecer ou usar essa linguagem?

7. Você sabe de histórias de colegas do curso que não aderiram à linguagem e foram excluídos do grupo? Se sim, conte como aconteceu?

8. Quais os termos mais utilizados em conversas informais?

9. Quais os termos mais utilizados formalmente nas conversas e assuntos referentes à profissão?

3. DADOS DO INQUÉRITO

Local:.....

Data:

Inquiridor:.....

4. OUTRAS OBSERVAÇÕES, CONTATO

.....

APÊNDICE B – Autorização de informante para divulgação de transcrição de trechos da entrevista e imagens.

DECLARAÇÃO

Declaro a quem possa interessar que eu,.....
....., acadêmico do
..... ano do Curso graduação em Agronomia da Universidade
..... da cidade de Dourados, Mato Grosso
do Sul, autorizo a divulgação de minhas imagens, textos de transcrição de
entrevista, que possam interessar para pesquisa de Mestrado em Estudos de
Linguagens intitulada, ***A GÍRIA NA FALA DE ACADÊMICOS DA
GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA DA GRANDE DOURADOS – MS***, da
acadêmica Ioneide Negromonte de Vasconcelos Rocha.

Data: ____/____/____

Assinatura do Acadêmico:

APÊNDICE C – Questionário onomasiológico: campos semânticos

1. Você(s) tem (têm) um vocabulário próprio no curso para referirem às atividades rotineiras da graduação? Quais as palavras?

2. Nas atividades do dia a dia, quais palavras ou expressões são utilizadas por você(s) para se referirem a:

a) uma festa:

5. uma festa muito badalada?
6. uma festa muito ruim?
7. uma festa sem graça?
8. uma festa cheia de garotas bonitas?
9. uma festa cheia de garotas feias?
10. uma festa com comida e bebida de graça?
11. uma festa cuja bebida acabou?

b) Como são chamadas por você(s) :

12. as festas de formatura?
13. os encontros em barzinhos?
14. as festas de churrasco?
15. as festas de peão de boiadeiro?
16. outras festas?

c) Quais os termos utilizados para os encontros em:

17. barzinhos?
18. casas de amigos?
19. repúblicas?
20. clubes?
21. churrascos?
22. lanchonetes?
23. danceterias?
24. outros?

d) garotos(as):

25. muito bonitas?
26. bastante feias?
27. sem graça?
28. orgulhosas?
29. muito dadas?
30. que estão em todas as festas?
31. com quem a maioria já namorou ou ficou?
32. difíceis de se conseguir ficar?
33. simpáticas?
34. amigas?
35. muito femininas?
36. menos femininas?
37. outros tipos?

e) Qual o vocabulário utilizado para os diferentes comportamentos das pessoas:

- 38. muito alegre?
- 39. muito triste?
- 40. chateada?
- 41. nervosa?
- 42. brava?
- 43. muito amiga?
- 44. pouco amiga?
- 45. muito falante?
- 46. de pouca conversa ou poucas palavras?

f) Qual o nome das peças utilizadas por você (s) com frequência, relativos à:

- 47. roupas de uso na universidade/Faculdade?
- 48. nos laboratórios?
- 49. nas pesquisas de campo?
- 50. nos dias de aulas comuns? Por quê
- 51. roupas para uso em festas (clubes, danceterias, boates)?
- 52. roupas para uso em barzinhos lanchonetes?

g). No ônibus:

- 53. como se diz quando vai pegar o ônibus para ir à faculdade?
- 54. como se denomina o pessoal da catraca?
- 55. se o ônibus está lotado para a faculdade como se diz?
- 56. e se vazio par ir à faculdade como se diz?
- 57. como se diz para os passageiros que andam em pé?
- 58. e para os que viajam sentados?
- 59. o que dizem quando o motorista dá uma freada brusca?

60. Qual é o estilo e a fala considerada de campo, isto é, a imagem e o fraseado que se deve ter para conquistar os futuros clientes como profissional em Agronomia?

h) Vocabulário sobre comida – qual o vocabulário usado para se dizer que:

- 61. se está com fome?
- 62. se está satisfeito?
- 63. se come pouco?
- 64. se come muito?
- 65. se come só pratos sofisticados ou só come de maneira sofisticada?
- 66. se come mais o trivial?
- 67. se come de modo muito devagar?
- 68. se come de maneira rápida?

i) Que nomes se dão aos locais:

- 69. de comidas caras?
- 70. de comidas baratas?
- 71. de comidas boas e preço médio?
- 72. de comida boa?
- 73. de comida razoável?
- 74. de comida ruim?

j) qual o nome ou expressão mais corriqueira nas rodinhas em grupos (na cantina, corredores, barzinhos):

- 75. para quem dança bem?
- 76. para quem é paquerador?
- 77. para quem lê muito?
- 78. para quem bebe muito?
- 79. para quem está sofrendo por amor?
- 80. para quem sempre leva um fora do(a) namorado(a)?
- 81. para o que vive apaixonado?
- 82. para o que está apaixonado?
- 83. para o que só entra em fria?
- 84. para o que é mentiroso demais?
- 85. para o que vive contando piada?
- 86. para o que só dá “bola fora”?

k. Que nome vocês dão para o colega:

- 87. muito estudioso?
- 88. muito sabido?
- 89. para o colador?
- 90. para o que enrola fazer ou entregar os trabalhos?
- 91. para o que sempre chega atrasado às aulas?
- 92. para o que falta muito?
- 93. para o que tira notas boas?
- 94. para o que tem dificuldade para aprender?
- 95. para o que puxa o saco dos professores?

- 96. Como se sente em dia de provas?
- 97. já passou por alguma dificuldade na sua vida?
- 98. Fale sobre uma grande alegria?
- 99. você já foi a algum lugar que marcou a sua vida? O que aconteceu?
- 100. conte sobre uma festa inesquecível?

APÊNDICE D - Questionário semasiológico

Para vocês, acadêmicos de Agronomia, o que significa:

1. Aberta?
2. agrobói?
3. amarelão?
4. amarrado?
5. armar o boteco?
6. arroz de festa?
7. balador?
8. baladeiro(a)?
9. bandida?
10. bóia?
11. boteco?
12. bruta?
13. bruto?
14. cabaço?
15. cabeceira?
16. cachaceiro(a)?
17. carregar porco?
18. caubói?
19. chegar cedo?
20. choco parado?
21. chucra?
22. chucro(a)?
23. churras?
24. churrasco sem carne?
25. coitado(a)?
26. companheiro(a)?
27. corno?
28. country?
29. de boa?
30. derramado(a)?
31. farso?
32. fi?
33. fresco(a)?
34. garapé?
35. gente boa?
36. junta?
37. laçada?
38. largado?
39. machorra ?
40. malícia ?
41. mexer o doce?
42. muíé macho?
43. na broca ?
44. na faixa?

45. naquiar?
46. nem bero?
47. paia?
48. parceiro(a)?
49. pau mandado?
50. pé-de-valsa?
51. personalidade?
52. potranca?
53. pra frente?
54. queimar uma carne?
55. rango?
56. rodada?
57. rodeio?
58. rufião?
59. rústico?
60. sardinha?
61. se bobiando?
62. sem sal?
63. sertanejo?
64. sistemático?
65. tá em todas?
66. tchuco(a)?
67. terá?
68. tomar uma?
69. top?
70. traia de patrão?
71. trem?
72. vaquinha?
73. violada?
74. xonado?

ANEXO A - Normas a para transcrição de entrevista: adaptações do projeto NURC/SP**Dr. Pedro Caruso**

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou seguimentos	()	Do nível de renda... () nível de renda nominal
Hipótese do que ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se o acento indicativo da tônica e / ou timbre)	/	E comé/ e reinicia
Entonação enfática	maiúscula	As pessoas reTÊM
Prolongamento da vogal e consoante	::ou::	Ao chegarem ... éh:: o dinheiro
Silabação	-	a tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... certo?
Qualquer pausa	...	São três... ou quatro
Comentários do transcritor	((minúsculo))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição	-- --	... a demanda - - vamos dar essa noção - - demanda de moeda por ...
Superposição. Simultaneidade de vozes	Ligando as linhas [	A. na casa da irmã B. sexta-feira? A. fizeram lá... B. cozinham

OBSERVAÇÕES :

1. Iniciais maiúsculas : só para nomes próprios ou siglas.
2. Números por extenso.
3. Não se indica o ponto de exclamação.
4. Não se indicam os sinais de pausa, como ponto-de-vírgula, dois pontos, vírgula, ponto final. Usam-se reticências para marcar qualquer tipo de pausa.
5. Início de frase: não se usa letra maiúscula. O início de frase é marcado por pausa.

(Adaptação de critérios do Projeto NURC/SP pelo Prof. Dr. PEDRO CARUSO)